

Two hands are shown in a 'V' sign, with the index and middle fingers extended upwards and the other fingers curled. The hands are positioned on either side of the title text.

Libras em estudo:

descrição e análise

Neiva de Aquino Albres
André Nogueira Xavier
Organizadores

Autores

Maria Carolina Casati Digiampietri

Mônica Cruz de Aguiar

Magaly de Lourdes Supa M. Dedino



Feneis-SP

Neiva de Aquino Albres
André Nogueira Xavier
(Organizadores)

Libras em estudo: descrição e análise

Maria Carolina Casati Digiampietri
Mônica Cruz de Aguiar
Magaly de Lourdes Serpa Monteiro Dedino

(Autoras)



© 2012 by Neiva de Aquino Albres e André Nogueira Xavier

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA FENEIS LTDA.

Rua das Azaléas, 138
Mirandópolis, em São Paulo - SP
Tel.: (11) 2574-9151
www.feneissp.org.br

Capa e projeto gráfico
Gerson Gargalaka

Foto da capa
Gerson Gargalaka

Editoração Eletrônica
Neiva de Aquino Albres

Revisão ortográfica
Amanda Dardes Pimentel

Revisão
Neiva de Aquino Albres
André Nogueira Xavier
Renata Moreira Santos

Libras em estudo: descrição e análise / Neiva de Aquino Albres e André Nogueira
Xavier (organizadores). – São Paulo: FENEIS, 2012.

145 p. : 21cm – (Série Pesquisas)

ISBN 978-85-62950-02-5

1. Língua de Sinais. 2. Descrição linguística. 3. Surdos – Educação.

Agradecimentos

Aos surdos que
colaboraram para a realização deste trabalho,
que generosamente se permitiram ser colaboradores,
oferecendo assim a possibilidade
de reflexão sobre as peculiaridades da língua de sinais.

Aos professores convidados, agradecemos por compartilhar
conosco suas inquietações, reflexões e saberes.

Nosso muito obrigado ao pesquisador-aprendiz por ter compartilhado conosco momentos de
criação, tensão, prazer e produção acadêmica
sem os quais esta experiência não teria acontecido.

Sumário

Prefácio	09
<hr/>	
ENSAIOS	11
<hr/>	
A ESTRUTURA INTERNA DOS SINAIS DA LIBRAS À LUZ DO MODELO DE ANÁLISE FONÉTICO-FONOLÓGICA DE LIDDELL E JOHNSON (1989) <i>André Nogueira Xavier</i>	13
<hr/>	
INTEGRAÇÃO ENTRE METÁFORA, METONÍMIA E ICONICIDADE: ESTUDOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA <i>Neiva de Aquino Albres</i>	57
<hr/>	
NARRATIVAS EM LIBRAS: UM ESTUDO-PILOTO À LUZ DA TEORIA DE LABOV (1967) <i>Maria Carolina Casati Digiampietri</i>	85
<hr/>	
ARTIGOS	107
<hr/>	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS SINAIS TOPÔNIMOS DA LIBRAS <i>Mônica Cruz de Aguiar</i>	109
<hr/>	
INCORPORAÇÃO DE NUMERAL NA LIBRAS <i>Magaly de Lourdes Serpa Monteiro Dedino</i>	123
<hr/>	
SOBRE OS AUTORES	141



Para começo de conversa

O presente livro resulta dos esforços de professores e alunos de um curso de pós-graduação (*lato sensu*) em libras, língua brasileira de sinais, oferecido por uma instituição privada de ensino superior. Ele integra a coleção “Libras em estudo”, constituída por dois outros volumes: um dedicado a questões de tradução e interpretação da língua de sinais e outro a questões de seu ensino e aprendizagem. Este volume, por sua vez, focaliza a descrição e a análise de alguns aspectos gramaticais da libras.

Os estudos linguísticos sobre a libras são recentes e pouco se sabe sobre as características gramaticais dessa língua. Apesar de os trabalhos aqui reunidos objetivarem contribuir com o avanço nas pesquisas nessa área, eles representam apenas um primeiro passo nessa direção.

Há ainda muito a pesquisar e muito a descobrir sobre a língua usada pela comunidade surda brasileira. Dessa forma, nosso intuito é o de que todas as reflexões e resultados aqui apresentados sejam tomados como provisórios, mas, ao mesmo tempo, como instigadores de mais estudos.

Aprendemos com o mestre Saussure que a língua é heteróclita e multifacetada e que, por essa razão, diferentes perspectivas analíticas criam diferentes objetos de estudo. Os trabalhos aqui reunidos exemplificam os dizeres de Saussure ao olharem para a libras sob diferentes ângulos e assim focalizarem aspectos distintos dessa língua.

Entre os ensaios, produzidos pelos professores do curso, está o de André Nogueira Xavier, em que se apresenta uma proposta de

análise da estrutura sublexical dos sinais, o de Neiva Aquino Albres, em que se discutem as relações entre metáfora, metonímia e iconicidade na libras e o de Maria Carolina Casati Digiampietri, no qual se analisam as propriedades de uma narrativa nessa mesma língua.

Além dos ensaios teóricos, este volume reúne também o trabalho de duas de nossas alunas: Mônica Cruz de Aguiar e Magaly de Lourdes Supa M. Dedino.

Em seu artigo, Mônica Cruz de Aguiar investiga questões relacionadas às características de sinais topônimos da libras. Mais precisamente, em seu trabalho a autora descreve as propriedades mais recorrentes na constituição de sinais que designam lugares (nomes de países, estados e cidades brasileiras), dentre as quais se destaca o uso da soletração, a iconicidade e um misto destas.

Já no artigo de Magaly Dedino, investiga-se um fenômeno, também atestado em outras línguas de sinais, denominado incorporação de numeral. Além de apresentar sinais da libras que sofrem tal processo, ou seja, que sofrem alteração em sua configuração de mão para expressar quantidade, a autora discute os resultados de um experimento que realizou com o principal objetivo de observar até que numeral a incorporação ocorre em tais sinais.

Neiva de Aquino Albres

André Nogueira Xavier





ENSAIOS



A ESTRUTURA INTERNA DOS SINAIS DA LIBRAS À LUZ DO MODELO DE ANÁLISE FONÉTICO-FONOLÓGICA DE LIDDELL E JOHNSON (1989)

André Nogueira Xavier¹

1. Introdução

Liddell (1984), a partir da observação de gravações de sinalizações, verificou a existência de dois tipos de atividade durante a produção dos sinais da língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*). De acordo com ele, há momentos em que a(s) mão(s) está(ão) em movimento contínuo e há outros em que ela(s) fica(m) estacionada(s).

Ao mensurar os intervalos de tempo em que a(s) mão(s) realiza(m) esses dois tipos de atividade, Liddell constatou um fato que contraria o que normalmente se pensa acerca da sinalização corrente: a(s) mão(s) passa(m) mais tempo parada(s) do que em movimento. Além disso, o autor observou não apenas que existem sinais em que a dinamicidade e a estaticidade se alternam sequencialmente em sua produção, mas sobretudo que essa alternância se dá em uma ordem fixa.

Com isso, Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989) hipotetizaram que esses dois tipos de atividade presentes na articulação dos sinais constituem os dois tipos de segmentos a partir dos quais se estruturam os itens lexicais das línguas sinalizadas. Os autores denominam os segmentos definidos pela ausência de movimento e estabilidade de seus aspectos formacionais (ou seja, de sua configuração de mão, localização no corpo ou em frente a ele e orientação da palma) de *suspensões (holds)*. Já os segmentos caracterizados pela presença de movimento e pela alteração de pelo menos um dos aspectos que os descrevem são designados como *movimentos (movements)*.

Uma das mais significativas diferenças entre o modelo de Liddell e Johnson e o primeiro modelo fonológico para as línguas de sinais, proposto por Stokoe (1960), é que, para este último, a configuração de mão, a localização, a orientação da palma e o movimento equivalem, em função, aos fonemas das línguas orais, diferenciando-se

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística pela UNICAMP.

destes por serem estruturados e realizados simultaneamente. Diferentemente, para Liddell e Johnson, os três primeiros aspectos equivalem aos traços articulatórios que constituem conjunta e simultaneamente cada um dos fonemas das línguas sinalizadas, enquanto que o último deles representa um dos dois tipos de segmentos existentes nessas línguas.

Sendo assim, nos termos da análise de Liddell e Johnson, tal como na estrutura sublexical das palavras das línguas orais, a simultaneidade e a sequencialidade estão presentes e desempenham, cada uma, seu papel na fonologia das línguas sinalizadas. Enquanto a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído por um ou mais segmentos.

2. O modelo de Liddell e Johnson

Por defenderem que o segmento é a unidade básica sobre a qual se estruturam internamente os sinais das línguas sinalizadas, Liddell e Johnson (1989) desenvolveram, para os itens lexicais dessas línguas, um modelo de representação e descrição segmentais análogo ao desenvolvido para as línguas orais pela Fonologia Gerativa Padrão (CHOMSKY e HALLE, 1968) e compatível com o seu desdobramento, conhecido como Fonologia Auto-segmental (GOLDSMITH, 1976).

Nesse modelo, os sinais das línguas sinalizadas são analisados como sendo constituídos por um único segmento ou por uma sequência deles. Tais segmentos, por sua vez, são dotados de uma organização interna que consiste, basicamente, de dois conjuntos ou feixes de traços. Um deles, denominado de *feixe segmental*, tem a função de especificar o tipo de segmento, que, no modelo em questão, pode ser movimento ou suspensão. Já o outro feixe, designado de *feixe articulatório*, é responsável por descrever a postura da mão, ou seja, a sua configuração, localização e orientação.

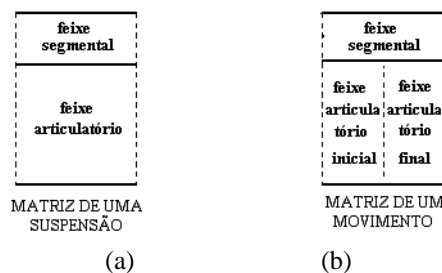
Em princípio, todos os segmentos das línguas sinalizadas deveriam exibir uma organização interna semelhante, constituída pelos dois tipos de feixes (*segmental* e *articulatório*) e representada, nos moldes da Fonologia Gerativa Padrão, por uma matriz de traços. Entretanto, a natureza diferente de suspensões de um lado, e de movimentos de outro, faz com que suas representações sejam distintas.

Dado que as suspensões se caracterizam pela estaticidade da mão e pela

estabilidade dos traços que descrevem a sua postura quando de sua articulação, elas são representadas por meio de uma matriz simples de traços constituída de um único feixe segmental, que determina a ausência de movimento, e de um único feixe articulatorio, que determina como a mão está configurada, onde ela está localizada e para que lado está orientada.

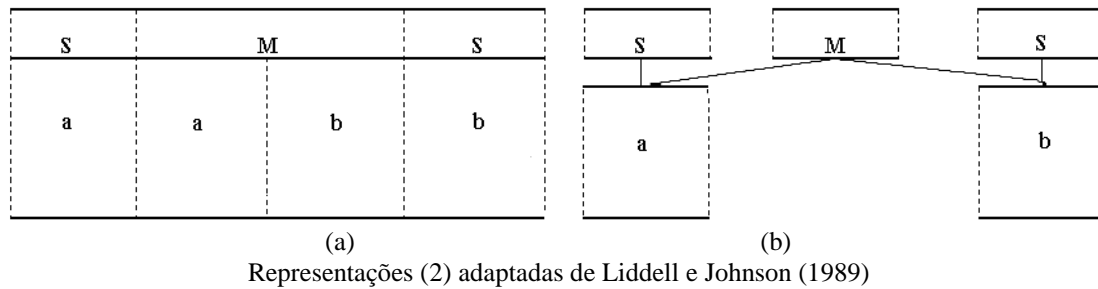
Os segmentos do tipo movimento, entretanto, por serem caracterizados pela dinamicidade da mão e pela alteração de algum(s) dos traços que descrevem a sua postura, requerem uma representação diferente. Embora segmentos de tal tipo só precisem de um único feixe segmental que os defina como movimentos e que descreva suas características, eles requerem dois feixes articulatorios (um inicial e outro final), através dos quais são especificadas as mudanças articulatorias ocorridas durante a sua produção.

Segmentos de suspensão são representados como em (1a), enquanto a representação de segmentos de movimento é feita como em (1b).



Representações (1) adaptadas de Liddell e Johnson (1989)

Liddell e Johnson observam que segmentos de movimento realizados entre duas suspensões têm suas características articulatorias iniciais e finais idênticas às especificadas nas suspensões que os antecedem e os sucedem, respectivamente. Por esse motivo, em vez de representarem tais seqüências redundantemente (como fariam se utilizassem uma representação como a em (2a)), lançam mão de princípios da fonologia auto-segmental, segundo os quais é possível expressar a semelhança entre os feixes articulatorios de um movimento e os das suspensões adjacentes, por meio de linhas de associação, como mostra a representação (2b).



É importante frisar que, além de reduzir as redundâncias que uma representação não-auto-segmental apresentaria, a representação em (2b) expressa também a autonomia que as duas diferentes classes de traços apresentam, uma vez que feixes segmentais de diferentes tipos podem se associar a um mesmo feixe articulatorio.

O sistema desenvolvido por Liddell e Johnson prevê ainda uma matriz de traços exclusiva para a representação das marcações não-manuais (expressões faciais e movimentos da cabeça e do torso). Dado o pouco conhecimento que se tem a respeito desse aspecto articulatorio e dado o fato de que, até o momento, os autores não desenvolveram um sistema de notação para tal aspecto, neste trabalho não trataremos dele.

Resta dizer que, no caso de sinais produzidos com duas mãos, a(s) atividade(s) de cada uma delas é(são) representada(s) independentemente, ou seja, por meio de uma sequência de segmentos para cada uma delas. Liddell e Johnson convencionam representar o segmento ou a sequência de segmentos que refletem a(s) atividade(s) da mão dominante acima da do segmento ou da sequência de segmentos que descrevem a(s) atividade(s) da mão não-dominante, como se verá mais adiante.

3. Descrição do feixe segmental

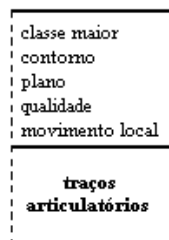
Os traços que constituem o feixe segmental (*traços segmentais*) descrevem a atividade da mão. Em outras palavras, eles especificam se ela está ou não se movendo e, se sim, de que maneira. A principal função desses traços é distinguir os dois tipos de segmentos postulados por Liddell e Johnson para as línguas sinalizadas, movimentos e suspensões, e, conseqüentemente, segmentar o *continuum* sinalizado em termos dessas unidades.

De acordo com os referidos autores, essa hipótese não é completamente distinta da que se faz para as línguas faladas, uma vez que os traços de classe maior, postulados

pela teoria fonológica dessas línguas, ao especificarem propriedades fonéticas, como vozeamento espontâneo, interrupção da corrente de ar e silabicidade, distinguem segmentos vocálicos de consonantais e, ao mesmo tempo, permitem a divisão do fluxo da fala com base nesses elementos.

Além de determinarem se um segmento é um movimento ou uma suspensão, os traços do feixe segmental também descrevem detalhes envolvidos em sua produção. O modelo de Liddell e Johnson prevê cinco diferentes informações (e, conseqüentemente, cinco diferentes subclasses de traços segmentais) que devem ser especificadas no feixe segmental de cada segmento. Essas informações ou traços são denominados:

- (i) traços de classe maior;
 - (ii) traços de contorno de movimento;
 - (iii) traços de plano de contorno;
 - (iv) traços de qualidade;
 - (v) traços de movimentos locais
- e representados como em (3):



Representação (3) adaptada de Liddell e Johnson (1989)

3.1 Segmentos de classe maior

Os traços de classe maior caracterizam os segmentos das línguas sinalizadas como movimentos ou suspensões. Segmentos definidos como *movimento* são caracterizados pela dinamicidade da mão e pela alteração de pelo menos um dos traços articulatórios que a caracteriza. Segmentos definidos como *suspensão*, por sua vez, são caracterizados pela estaticidade da mão e pela estabilidade de todos os traços que a definem articulatoriamente.

A ocorrência de segmentos desses dois tipos em um mesmo item lexical pode ser

ilustrada por um sinal como FILH@² da libras, representado pela figura abaixo:



FILH@
Figura (1)³

Como a imagem mostra, a realização de tal sinal depende da coordenação de três atividades da mão:

- (i) Primeiramente, a mão, aberta e com os dedos espalmados, fica parada e em contato com a região central do peito, por um brevíssimo intervalo de tempo.
- (ii) Na sequência, a mão se move horizontalmente para a frente. Durante esse movimento, além da alteração da sua localização, a configuração da mão também muda, pois os dedos, inicialmente disdendidos e separados uns dos outros, começam a se fechar.
- (iii) Finalmente, a mão, com todos os dedos dobrados nas juntas proximais e contactando a almofada do polegar, para em um ponto alguns centímetros à frente de sua posição inicial e se mantém aí por um breve intervalo de tempo.

Com base nessa observação e nos tipos de segmentos propostos por Liddell e Johnson, pode-se entender a primeira e a última atividade da mão na produção do sinal FILH@ como correspondentes à realização de segmentos de suspensão. Já a atividade intermediária pode ser vista como a realização de um segmento de movimento.

Tomando por base um segmento de movimento como o presente no sinal FILH@, descrito acima, poder-se-ia pensar que segmentos desse tipo são necessariamente realizados por meio de um deslocamento da mão entre dois pontos no

² Adota-se aqui o sistema de transcrição da libras descrito em Felipe de Souza (1998), segundo o qual o nome do sinal é sempre escrito em letras maiúsculas e as marcas de gênero do português são substituídas pelo @.

³ Agradeço à surda Sylvia Lia Grespan Neves por ter gentilmente cedido sua imagem para a ilustração dos sinais citados neste trabalho. Agradeço também à FENEIS-SP por gentilmente ceder seu estúdio para a realização das fotografias.

espaço de sinalização. Entretanto, há movimentos, também caracterizados pelo dinamismo da mão e pela alteração de algum(s) de seus traços articulatórios, que não se realizam através de um deslocamento.

Liddell e Johnson designaram movimentos desse último tipo de *movimentos sem trajetória* (*non-path movements*), em contraste com movimentos do tipo observado no sinal FILH@, que denominaram *movimentos com trajetória* (*path movement*). De acordo com os autores, movimentos do primeiro tipo se caracterizam pela ocorrência de mudança de configuração de mão e/ou de orientação da palma, enquanto os movimentos do último tipo se caracterizam necessariamente pela mudança na localização da(s) mão(s).

Os sinais LEITE e BRANC@, representados pelas figuras em (2), ilustram casos de sinais constituídos de movimento com e sem trajetória, respectivamente.

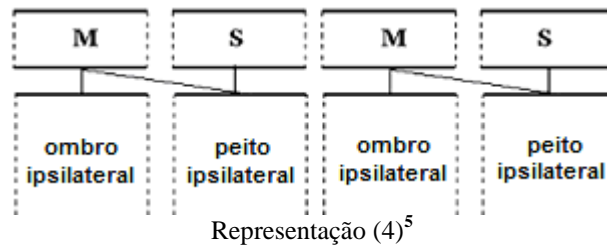


Figura (2)

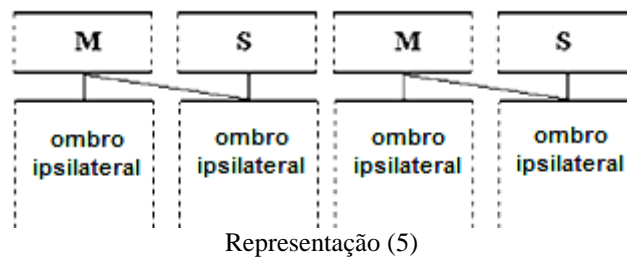
Embora, aparentemente, a oposição *movimento com trajetória versus movimento sem trajetória* seja a principal responsável pela diferença de significados entre os sinais LEITE e BRANC@, o modelo de Liddell e Johnson sugere uma outra interpretação desses dados.

Assumindo uma mesma estrutura para esses sinais, a saber, M S M S⁴, a diferença entre eles pode ser explicada em termos das suas especificações para o traço articulatório localização. No sinal LEITE, como indica a representação a seguir, pode-se dizer que os segmentos de movimento e os de suspensão são diferentemente especificados para a *localização*: os movimentos são iniciados na altura do ombro ipsilateral e as suspensões são produzidas na altura do peito, também ipsilateral.

⁴ Está-se ignorando o movimento que leva a mão à posição inicial para a repetição do movimento e da suspensão, por considerá-lo transicional, ou seja, por não se atribuir a ele estatuto de segmento integrante do sinal. Para uma discussão a respeito da distinção entre movimentos segmentais e movimentos transicionais ver Xavier (2006).



Já o sinal BRANC@, conforme expressa a representação em (5), apresenta tanto os segmentos de movimento quanto os de suspensão igualmente especificados no que diz respeito ao traço que descreve sua localização: [ombro ipsilateral].



Nessa perspectiva, a diferença entre movimentos com e sem trajetória é, na verdade, uma decorrência das especificações dos traços que caracterizam o lugar (ou os lugares, no caso dos movimentos) em que um determinado segmento é articulado, não havendo, portanto, necessidade de qualquer tipo de traço exclusivamente concebido para distinguir esses dois tipos de movimento encontrados nos sinais.

A mesma análise pode ser usada para explicar o contraste entre o tipo de movimento presente em sinais como OUTRA-VEZ⁶ e OUTR@, representados pelas figuras a seguir.



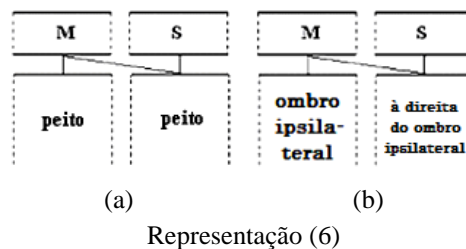
Figura (3)

Com base nas figuras e nas descrições acima, pode-se atribuir aos sinais

⁵ Os traços do feixe articulatório serão notados informalmente até que sejam apresentados e explicados um a um e a sua forma de notação seja introduzida.

⁶ Também de acordo com o sistema de transcrição descrito em Felipe de Souza (1998), quando o nome do sinal requer mais de uma palavra em português, essas palavras são hifenizadas.

OUTRA-VEZ e OUTR@ as representações em (6a) e (6b), respectivamente. Essas representações capturaram, tal como no par LEITE *versus* BRANC@, a diferença no tipo de movimento que cada um dos sinais apresenta: com trajetória, no caso de OUTRA-VEZ, e sem trajetória, no caso de OUTR@, uma vez que o primeiro apresenta a mesma especificação para a localização nos seus dois segmentos (perpendicular à linha que passa pelo peito ipsilateral), enquanto o segundo se inicia numa posição perpendicular ao ombro ipsilateral e termina em alguns centímetros à direita dessa localização.



É interessante notar que, além de movimentos com e sem trajetória, as especificações de localização também derivam o movimento alternado das mãos em certos sinais. Em outras palavras, para Liddell e Johnson, não há necessidade de existir um traço que determine um ou outro tipo de movimento⁷, dado que eles podem ser derivados das especificações inicial e final do segmento de movimento.

A título de ilustração, pode-se citar os sinais DESCONFIAR e PSICOLOGIA (Figura (4)) da libras (realizados com duas mãos e representados no modelo de Liddell e Johnson por meio de duas sequências paralelas de segmentos, uma para cada uma delas) que contrastam basicamente por ser o primeiro realizado com movimento simultâneo, enquanto o segundo é articulado com movimento alternado⁸.

⁷ Para uma crítica à inexistência de um traço que caracteriza movimentos alternados ver Padden e Perlmuter (1987).

⁸ Por não ser relevante para a discussão, estou ignorando a marcação não-manual que o sinal DESCONFIAR apresenta.

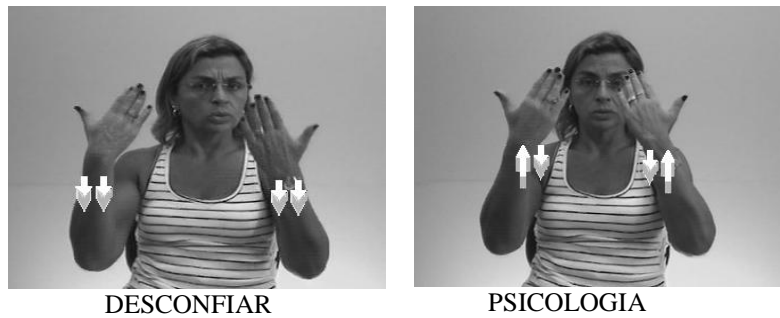
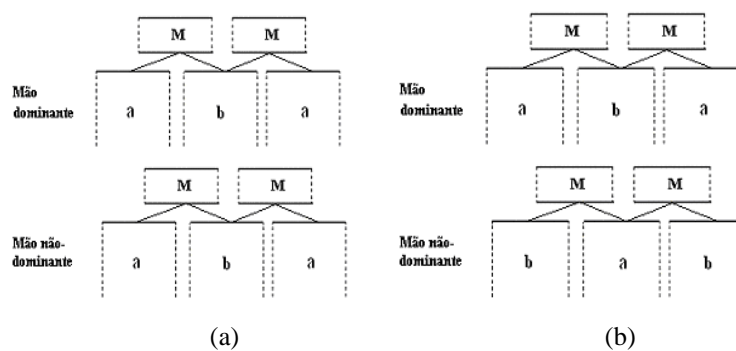


Figura (4)

Para diferenciar esses sinais, Liddell e Johnson procedem da seguinte forma. Eles representam sinais semelhantes a DESCONFIAR com suas especificações para localizações inicial e final idênticas e pareadas, tal como mostra a representação (7a). Em contraste, representam sinais como PSICOLOGIA com suas especificações para localização inicial e final idênticas, mas invertidas, como se pode ver na representação (7b)⁹.



Representação (7) adaptada de Liddell e Johnson (1989)

3.2 Contornos de movimento

Por observarem que *movimentos com trajetória* podem ser realizados por meio de diferentes contornos, e que essas diferenças podem ser usadas distintivamente pelas línguas sinalizadas¹⁰, Liddell e Johnson incluem, entre os traços segmentais, traços que

⁹ Tanto o sinal DESCONFIAR quanto o sinal PSICOLOGIA são reduplicados, ou seja, têm seus movimentos realizados duas vezes. Como isso não é relevante para a discussão, a representação só mostra a primeira parte de cada sinal.

¹⁰ Sandler (1996:202) cita os sinais YOU (você), GO (ir) e INSULT (insultar) da ASL como evidência de que o contorno do movimento é usado contrastivamente nessa língua. Segundo a autora, os três sinais são realizados com a mão configurada em [G] e orientada para a esquerda e com um movimento para frente. Entretanto, no caso do sinal YOU (você), o movimento é reto; no caso do sinal GO(ir), arqueado-côncavo e, por fim, no caso do sinal INSULT (insultar), arqueado-convexo.

descrevem o deslocamento da mão de um ponto a outro no espaço de sinalização. Esses traços, designados pelos autores como *traços de contorno de movimento*, podem ser de dois tipos: reto [str] (*straight*) ou circular [rnd] (*round*).

Movimentos especificados com o traço de contorno reto [str] são realizados através de um deslocamento retilíneo da mão. Um exemplo de sinal constituído por um movimento descrito por tal traço é o sinal PRESIDENTE da libras, ilustrado pela figura abaixo.



PRESIDENTE

Figura (5)

Como se pode observar na figura (5), nesse sinal, a mão se move retilineamente de um ponto alguns centímetros à frente da região central do peito, a outro na mesma altura, mas localizado à direita e ao lado do ombro ipsilateral.

Já os movimentos especificados com o traço de contorno circular [rnd] podem ser realizados de duas maneiras diferentes: circular propriamente dita, caso em que a mão delinea um círculo completo; ou arqueada, situação em que a mão se desloca formando um arco. Liddell e Johnson afirmam que essas duas formas são realizações do mesmo traço de contorno, pois assumem que as formas ‘circular propriamente dita’ e ‘arqueada’ são decorrentes das especificações dos traços articulatórios de localização que caracterizam o início e o fim do movimento. Movimentos cujos traços de localização inicial e final coincidem produzem contornos no formato de um círculo completo, ao passo que movimentos cujos traços de localização inicial e final são diferentes realizam-se de uma forma arqueada.

Sendo assim, tanto sinais como SHOPPING-CENTER (Figura (9)) quanto sinais como PROFESSOR (Figura (10)) têm seu movimento especificado pelo mesmo traço de contorno [rnd].

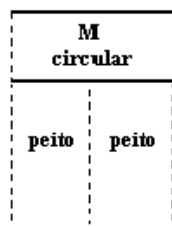


SHOPPING-CENTER
Figura (9)



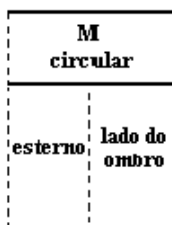
PROFESSOR
Figura (10)

É interessante observar que, mais uma vez, o traço de localização deriva a realização de um determinado tipo de movimento, pois, no caso de SHOPPING-CENTER, o que determina que a forma do movimento delineia um círculo completo é o fato de tal movimento começar e terminar no mesmo ponto, ou seja, de apresentar a mesma especificação para o traço de localização tanto na sua fase inicial quanto na sua fase final.



Representação (8)

Diferentemente, no caso do sinal PROFESSOR, o que determina a forma arqueada do movimento são as diferentes especificações para os traços de localização que descrevem as fases inicial e final desse segmento. Como indicam a figura (10) e a representação a seguir, nesse sinal, a mão começa seu deslocamento em um ponto alguns centímetros à frente do esterno e o finaliza em um ponto localizado na mesma altura, mas à direita e ao lado do ombro ipsilateral.



Representação (9)¹¹

¹¹ No caso do sinal PROFESSOR, estou ignorando a estrutura segmental completa do sinal e considerando apenas o segmento de movimento constitutivo desse sinal, dada a sua relevância para a discussão neste momento.

3.3 Planos de contorno

De acordo com o modelo de Klima e Bellugi (1979), sinais como TELEVISÃO e TRABALHAR, (Figura (11)), da libras podem ser analisados como um exemplo de par mínimo no qual o contraste semântico se estabelece basicamente por meio do plano em que o movimento é realizado: vertical no caso do primeiro sinal e horizontal no caso do segundo, como se pode ver nas figuras abaixo.

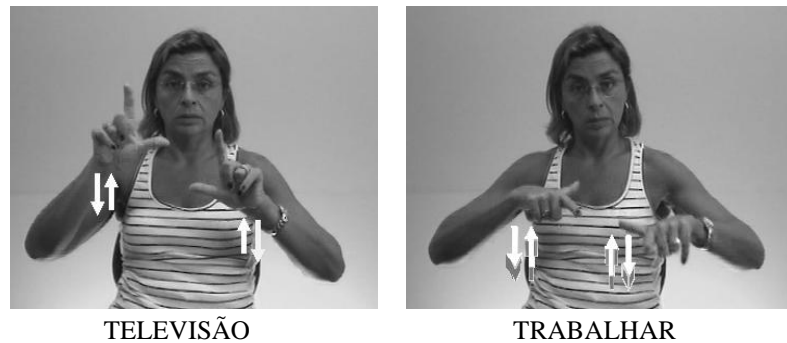








Figura (11)

Entretanto, a análise de Liddell e Johnson trata sinais como esses de forma diferente. Os autores defendem que sinais que apresentam contorno do movimento reto [str] (*straight*) têm seu plano derivado de suas localizações inicial e final. Por isso, atribuem a elas -- e não ao plano em que o movimento é produzido, como fazem Klima e Bellugi -- a responsabilidade pelo contraste lexical.

Essa explicação funciona bem para movimentos descritos pelo traço de contorno reto [str]. Porém, como reconhecem os próprios autores, ela não é satisfatória para a descrição de movimentos especificados com o traço circular [rnd] (*round*). Tendo em vista que um movimento arqueado, por exemplo, que leva a mão de um ponto a outro, pode fazê-lo, pelo menos teoricamente, tanto por meio de um movimento no plano vertical quanto por meio de um movimento no plano horizontal, Liddell e Johnson afirmam que é necessário especificar o plano em que a mão se desloca sempre que o movimento não for descrito pelo traço de contorno reto [str].

De acordo com Liddell e Johnson, os movimentos caracterizados pelo traço de contorno circular [rnd] podem ser realizados em cinco planos diferentes, como sumariza e exemplifica o quadro a seguir.

Quadro (1) - Planos de contorno de movimento na libras

plano	descrição	exemplos de sinais
<p>[HP] (<i>horizontal plane</i>): plano horizontal</p>	<p>paralelo ao chão</p>	 <p>Figura (12) - PADRONIZAR</p>
<p>[VP] (<i>vertical plane</i>): plano vertical</p>	<p>paralelo à frente do torso</p>	 <p>Figura (13) - COMPUTADOR</p>
<p>[SP] (<i>superficial plane</i>): plano de superfície</p>	<p>paralelo à superfície de uma localização sobre o corpo ou sobre a mão</p>	 <p>Figura (14) - ROSTO</p>  <p>Figura (15) - ÓLEO</p>
<p>[PO] (<i>oblique plane</i>): plano oblíquo</p>	<p>plano horizontal, mas inclinado para cima e para fora do corpo</p>	 <p>Figura (16) - FUTURO</p>
<p>[MP] (<i>midline plane</i>): plano da linha medial</p>	<p>Plano que inteseccio-na o plano superficial ao longo da linha meso-sagital do corpo ou o plano ao longo da linha medial dos ossos do braço ou da mão</p>	 <p>Figura (17) - BRINCAR</p>

3.4 Traços de qualidade

Os traços de qualidade capturaram aspectos relacionados à duração e à extensão dos movimentos, bem como à possibilidade de ocorrer contato com alguma parte do corpo durante a sua produção. Segundo Liddell e Johnson, essa categoria se divide em três subclasses: *traços de qualidade temporal*, *traços de qualidade não-temporal e contato*.

Os traços de qualidade temporal determinam o tempo de realização de um sinal. Esse tempo pode ser descrito pelos traços prolongado [long] (*prolonged*), acelerado [acc] (*accelerating*) ou reduzido [short] (*short*). A observação da realização de alguns itens lexicais da libras sugere a ocorrência dos traços prolongado [long] e acelerado [ace] como propriedades definidoras da forma de seu movimento. Como ilustração disso, pode-se citar o sinal DEMORAR (Figura (18)), em que o movimento é normalmente produzido de forma prolongada, e o sinal RÁPID@ (Figura (19)), cujo movimento é geralmente realizado de maneira acelerada.



Os traços de qualidade não-temporal, por sua vez, referem-se à extensão (longa ou curta) do movimento e à tensão [tns] (*tense*) que a mão apresenta quando da articulação de um sinal.

Por fim, o traço contato [contact] tem a função de indicar se a mão toca a outra mão ou alguma parte do corpo durante o movimento. Mais especificamente, esse traço descreve os chamados *movimentos de roçar* (*brushing movements*), nos quais a mão faz um contato com alguma região localizada entre os dois pontos em que ela se desloca.

O sinal PROIBIR, ilustrado pela figura (20), exemplifica um caso de *movimento de roçar* na libras. Como sugere a imagem abaixo, a mão ativa, posicionada acima da mão passiva, descreve um movimento reto para baixo, durante o qual ela toca rapidamente a ponta do indicador da mão passiva.



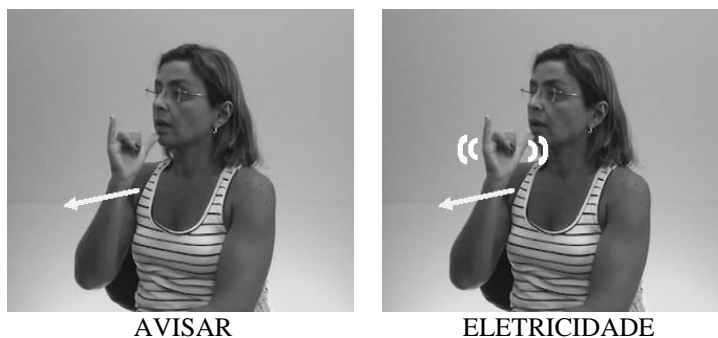
PROIBIR
Figura (20)

3.5 Movimentos locais

Como se viu na seção 2, a distinção entre suspensões e movimentos se faz a partir da estaticidade e da dinamicidade da mão. Nesse momento, a mão é tomada como um todo. Entretanto, é muito comum encontrarem-se sinais que apresentam movimentos realizados pelos dedos ou pelo pulso.

Por observarem que esses movimentos ocorrem simultaneamente à atividade principal da mão, ou seja, à realização de suspensões e de movimentos, e por observarem que todos eles se caracterizam como movimentos rápidos, repetidos e, em geral, incontáveis, Liddell e Johnson os reuniram em uma classe de traços segmentais que denominaram *movimentos locais*.

Para evidenciar que os movimentos locais constituem uma classe separada de traços, e que sua inclusão entre os traços que descrevem os segmentos das línguas sinalizadas é necessária por conta do papel distintivo que eles podem assumir, pode-se citar o par AVISAR *versus* ELETRICIDADE, ilustrado pelas imagens em (21).

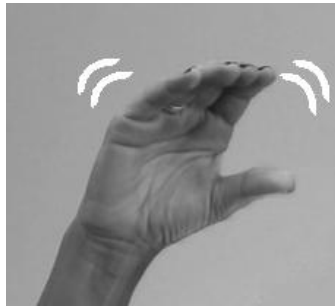


AVISAR
ELETRICIDADE
Figura (21)

Com base nas imagens acima, pode-se dizer que os movimentos locais são independentes do movimento principal de cada mão (correspondente à realização de um segmento de movimento), em razão de esse movimento poder ser realizado com (cf.

ELETRICIDADE) ou sem eles (cf. AVISAR).

É importante dizer que movimentos locais não são traços segmentais que caracterizam apenas segmentos de movimento. Há também suspensões dotadas desse traço. Como exemplo disso, pode-se citar o sinal Ç (Figura (22)). Nesse sinal, observa-se que à atividade principal da mão (correspondente à realização de uma suspensão, dado que a mão está parada), sobrepõem-se rotações rápidas, repetidas e incontáveis do pulso.



Ç

Figura (22)

Esse sinal forma com o sinal C (Figura (23)) um par mínimo perfeito, fato que reforça ainda mais o uso fonológico que a libras faz do traço em questão.



C

Figura (23)

Reformulando Liddell e Johnson (1989), Liddell (1990) propõe quatro diferentes tipos de movimentos locais, a saber: *tamborilar dos dedos* [wg] (de *wiggling*), *circular* [circ], *oscilação de configuração de mão* [osc-h] (de *oscillating handshape*) e *oscilação de orientação* [osc-o] (de *oscillating orientation*).

O movimento local tamborilar dos dedos, como o próprio termo já diz, consiste em flexões rápidas e, em geral, incontáveis dos dedos em suas juntas proximais. O movimento local do tipo circular, por sua vez, consiste em rotações rápidas e incontáveis da mão pelo pulso ou cotovelo. Por fim, o movimento local do tipo oscilação de configuração e oscilação de orientação consistem em alternâncias rápidas e

incontáveis da forma ou direção para qual a palma aponta, respectivamente.

Segundo Liddell, movimentos locais do tipo tamborilar e circular podem ocorrer tanto em suspensões quanto em movimentos. Os sinais BARATA (Figura (24)) e DENTISTA (Figura (25)) são casos em que esses movimentos, respectivamente, ocorrem durante a realização de uma suspensão. Já os sinais COR (Figura (26)) e FURACÃO (Figura (27)), por sua vez, ilustram a ocorrência do movimento local do tipo tamborilar e circular, respectivamente, durante a produção de um segmento de movimento.



BARATA
Figura (24)



DENTISTA
Figura (25)



COR
Figura (26)



FURACÃO
Figura (27)

Já no que diz respeito aos dois outros tipos de movimentos locais, pode-se citar o sinal FLORIANÓPOLIS como exemplo de sinal da libras que exhibe movimento local oscilação de configuração de mão [osc-h] e o sinal PROFUND@ como exemplo de sinal dessa mesma língua que apresenta movimento local do tipo oscilação de orientação [osc-o].



FLORIANÓPOLIS
Figura (28)



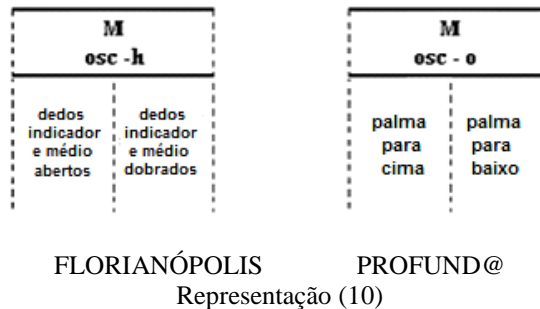
PROFUND@
Figura (29)

Cabe dizer, entretanto, que, segundo Liddell, tanto movimentos locais do tipo oscilação de configuração de mão [osc-h] quanto do tipo oscilação de orientação [osc-o] só podem ocorrer em segmentos de movimento (não importando se esse movimento é com ou sem trajetória).

Tal restrição resulta do fato de que a ocorrência desse tipo de movimento local

depende da existência de duas especificações para os traços configuração de mão ou orientação da palma. No modelo de Liddell e Johnson, só segmentos de movimento têm uma estrutura interna que permite duas especificações para um mesmo traço, dado que esses segmentos apresentam duas matrizes de traços: uma para descrever sua fase inicial e outra para descrever sua fase final.

As imagens a seguir ilustram como os sinais em questão são representados no âmbito da proposta de Liddell e Johnson.



Além desses quatro traços que descrevem movimentos locais, Liddell (1990) propõe outro para descrever sinais em que há oscilações rápidas de localização, como a que se pode observar em sinais como CARONA (Figura (30)).¹² Esse traço é designado pelo autor como oscilação de localização [osc-l] (*oscillating location*).



CARONA
Figura (30)

4. Descrição do feixe articulatório

De acordo com a proposta de Liddell e Johnson (1989), o feixe articulatório, responsável pela descrição da postura da mão, se constitui de quatro subconjuntos de traços:

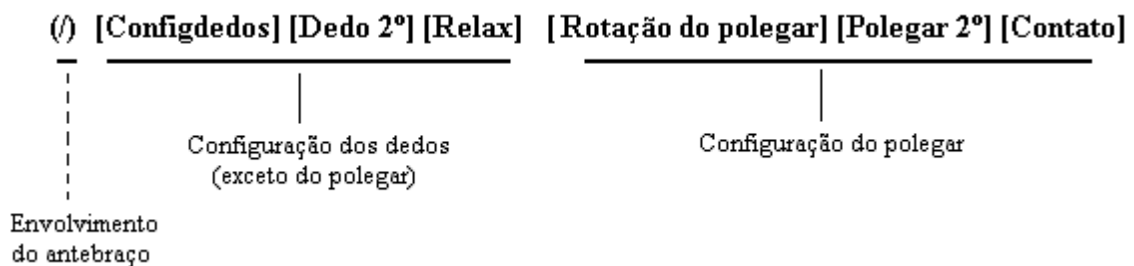
¹² Nem sempre é clara a distinção entre movimentos locais e movimentos segmentais (M). Sem dúvida essa é uma questão que precisa ser mais bem estudada.

- (i) configuração de mão [CM]
- (ii) ponto de contato [PC]
- (iii) face [FA]
- (iv) orientação [OR]

Cada um desses subconjuntos também se subdivide em subclasses de traços. A organização interna de cada um dos quatro subconjuntos de que é formado um feixe articulatorio será descrita nas seções subseqüentes.

4.1 Configuração de mão [CM]

Os traços que descrevem a forma da mão (ou seja, a disposição dos dedos) são reunidos no subfeixe articulatorio denominado *configuração de mão*. Esse subfeixe, por sua vez, se constitui de três subconjuntos de traços, organizados e representados como mostra o esquema a seguir.



Representação (11) traduzida de Liddell e Johnson (1989)

O primeiro traço, representado no esquema acima, determina se a mão e o antebraço atuam conjuntamente na realização de uma dada configuração de mão. Nesse sentido, configurações de mão dotadas do traço (/) são especificadas positivamente para o envolvimento do antebraço em sua articulação, ao passo que configurações desprovidas de tal traço são produzidas apenas pela mão.

A necessidade de se especificar a participação ou não do antebraço na realização de uma configuração de mão pode ser exemplificada pelo par de sinais *DEPENDER versus PÉ* da libras (Figura (31)), em que essa oposição parece ser fonologicamente distintiva.

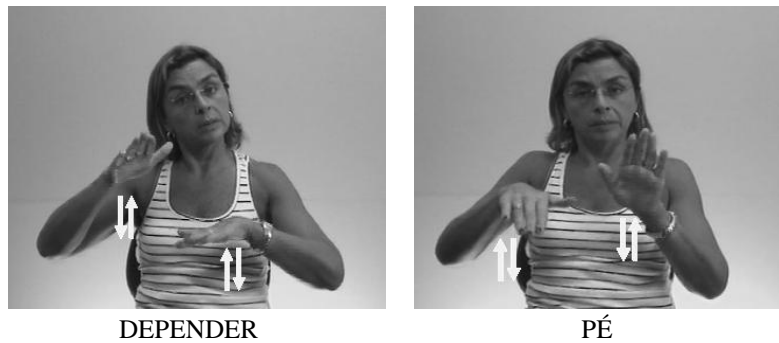


Figura (31)

Como indicam as ilustrações acima, a única diferença entre os sinais DEPENDER e PÉ é a articulação do corpo que faz a flexão necessária para a produção do movimento que reiteradamente leva a mão para cima e para baixo. No caso de DEPENDER, a flexão se dá nos cotovelos, sugerindo que o antebraço atua em conjunto com a mão na articulação desse sinal. Diferentemente, no caso de PÉ, a flexão ocorre nos pulsos, indicando participação exclusiva das mãos, pelo que se pode depreender do dicionário.

Na sequência, no esquema em (14), aparece um subconjunto de traços que se constitui de três especificações: [Configdedos], [Dedo 2º] e [Relax]. Tais especificações têm a função de descrever, conjuntamente, a disposição dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo.

As especificações [Configdedos] e [Dedo 2º] codificam as diferentes formas em que os dedos indicador, médio, anelar e mínimo podem ser configurados. A primeira delas, [Confdedo], determina os dedos que estão abertos e os que estão fechados. Dedos abertos são aqueles que apresentam uma distensão tanto na junta proximal – JP – (junta que une o dedo à palma da mão) quanto na junta distal – JD – (junta localizada entre a falange medial e a distal) (Figura (32a)). Já dedos fechados são aqueles que apresentam essas duas juntas flexionadas (Figura (32b))¹³.

¹³ Para esta discussão, a configuração do polegar está sendo ignorada.

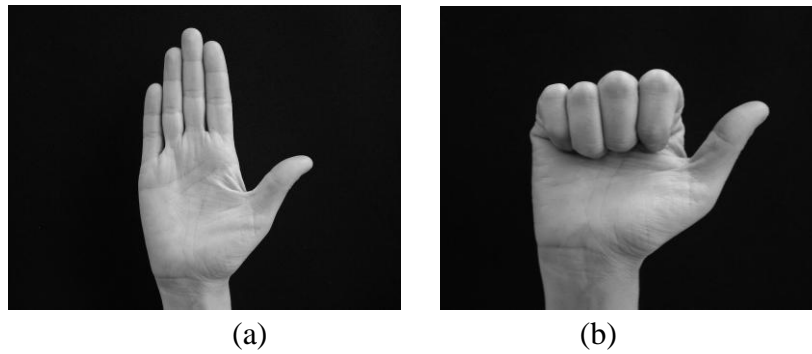


Figura (32)¹⁴

A especificação [Dedo 2°], por sua vez, tem a função de determinar se os dedos abertos estão “achatados”, ou seja, flexionados na junta proximal; ou se estão em gancho, isto é, flexionados nas juntas distais, como mostram as imagens na figura (33a) e na figura (33b), respectivamente.

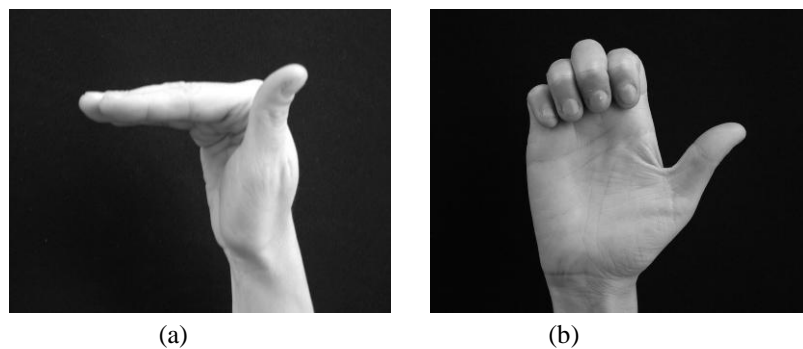


Figura (33)

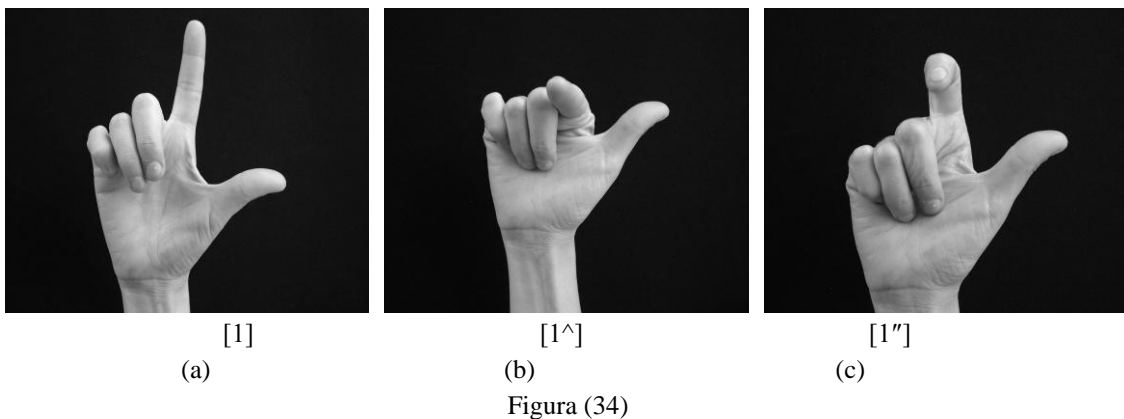
Para indicar simultaneamente os dedos abertos e os dedos fechados de uma determinada configuração, ou seja, a [Confded], Liddell e Johnson lançam mão de 25 símbolos, listados no do anexo dest artigo. De acordo com essa lista, as configurações dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo, apresentadas em (32), por exemplo, são simbolizadas, respectivamente, por [B] e [S]. [B] indica que todos os dedos mencionados estão distendidos nas juntas proximais e distais, e [S], que, além de todos esses mesmos dedos estarem flexionados nessas duas juntas, eles estão posicionados de forma que suas pontas tocam a palma da mão.

Já para especificar se os dedos abertos, determinados pelo traço [Configdedos]

¹⁴ Agradeço à surda Regiane Pinheiro Agrella por gentilmente ceder a imagem de sua mão produzindo as configurações de mão que ilustram o sistema de transcrição desse parâmetro.

estão achatados ou em gancho, os autores utilizam os símbolos [1^] e [1''], respectivamente.

Nos termos da análise em questão, uma configuração de mão do tipo ilustrado na figura (34a) abaixo é representada unicamente pelo símbolo [1], uma vez que o dedo aberto não apresenta flexão nem na junta proximal nem na junta distal. Já configurações do tipo apresentado na figura (34b) e na figura (34c), além do símbolo [1], precisarão ser descritas quanto à flexão das juntas. Sendo assim, a forma achatada do dedo em (34b) é representada como [1^], enquanto a forma em gancho, apresentada em (34c), é notada como [1''].



Em suma, por serem os dedos indicador, médio, anelar e mínimo igualmente capazes de flexionar-se e distender-se na juntas proximal (JP) e distal (JD), cada um deles pode ser posicionado de quatro formas diferentes: aberto, fechado, “achatado” ou em gancho. Como mostra o quadro a seguir, essas diferentes disposições dos dedos são resultantes da combinação dos diferentes estados (flexionado e distendido) que as juntas proximais e distais podem apresentar.

É interessante observar que a riqueza de detalhes do sistema de notação permite a ele capturar com precisão o(s) traço(s) com base nos quais as configurações de mão diferem. Isso é de grande importância quando se observa que esse(s) traço(s) pode(m) ser distintivos. Na libras, por exemplo, a oposição [dedos unidos] *versus* [dedos espalmados], capturada pelos 25 símbolos taxonômicos apresentados no quadro (2) do anexo desta dissertação, é fonologicamente relevante em algumas configurações de mão, pois é com base nela que os sinais U (Figura (35a)) e V (Figura (35b))

contrastam¹⁵.

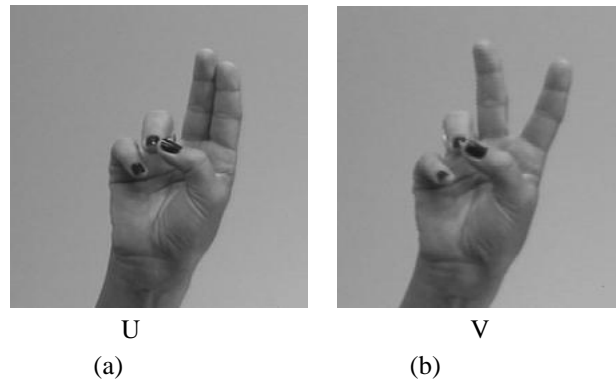


Figura (35)

Nessa mesma língua, a oposição [dedos abertos] *versus* dedos “em gancho” ["] também é fonologicamente relevante, uma vez que é com base nela que se estabelece o contraste entre o sinal V (Figura (35b)) supracitado e o sinal NÚMERO-CINCO, ilustrado na figura (36).



CINCO
Figura (36)

A última especificação do subconjunto configuração de dedos, [Relax], diz respeito a uma mudança tênue que a configuração dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo pode sofrer por efeito do relaxamento de seus músculos. Embora esse relaxamento, indicado pelo símbolo [~], não provoque uma alteração nos traços das especificações [Configdedos] e [Dedo 2º], ele os torna menos rígidos.

Por meio desse traço, é possível distinguir, por exemplo, a configuração dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo, tal como eles aparecem em sinais como E (Figura (37a)), da configuração que esses mesmos dedos exibem em sinais como C (Figura (37b)).

¹⁵ A maior parte dos pares mínimos desta seção advirão de sinais para letras. Tal fato se deve à dificuldade de encontrar pares mínimos perfeitos.

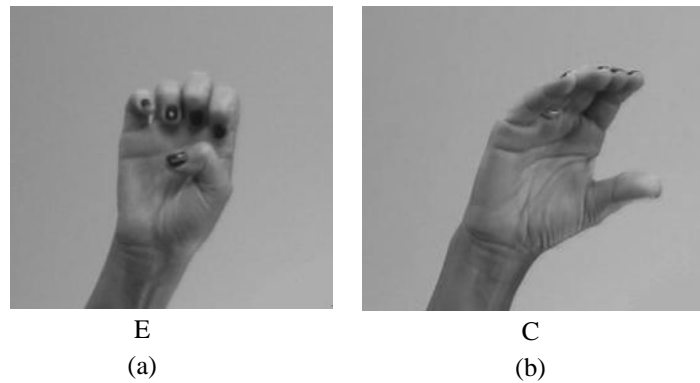


Figura (37)

A representação tanto da configuração do primeiro sinal, quanto da do segundo, envolvem os símbolos [B''], dado que, em ambos os sinais, os dedos encontram-se distendidos nas juntas proximais e flexionados nas juntas distais. Mas, para capturar, na representação da configuração do sinal C, o fato de que as juntas distais não aparecem tão flexionadas quanto aparecem no sinal E, Liddell e Johnson lançam mão do traço [Relax], simbolizado por [~], e representam a configuração desse sinal como [B''~].

Por fim, a terceira e última subclasse de traços do subfeixe configuração de mão tem como função descrever a disposição do polegar. De acordo com Liddell e Johnson, a caracterização de tal dedo depende da especificação de três traços: [Rotação do polegar], [Polegar 2°] e [Contato].

O primeiro deles, [Rotação do polegar], define se o polegar está posicionado adjacente ou paralelamente ao plano criado pela palma da mão. No primeiro caso, designado pelos autores de não-oposto [u] (*unopposed*), o polegar se localiza ao lado dos demais dedos, de tal forma que é capaz de tocar a lateral radial do indicador distendido (Figura (38a)) ou a lateral radial da junta medial de qualquer dedo achatado (Figura (38b)), como ilustram as imagens abaixo.

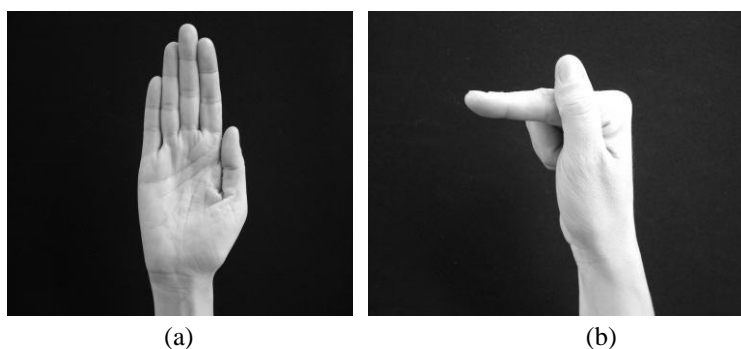


Figura (38)

Já no segundo caso, denominado pelos autores de oposto [o] (*opposed*), a

almofada do polegar, voltada para a palma da mão, posiciona-se paralelamente ao plano criado por esta, como mostra a figura (39a). O polegar, nessa posição, é capaz de tocar a palma dos outros dedos, como mostra a imagem em (39b) a seguir.

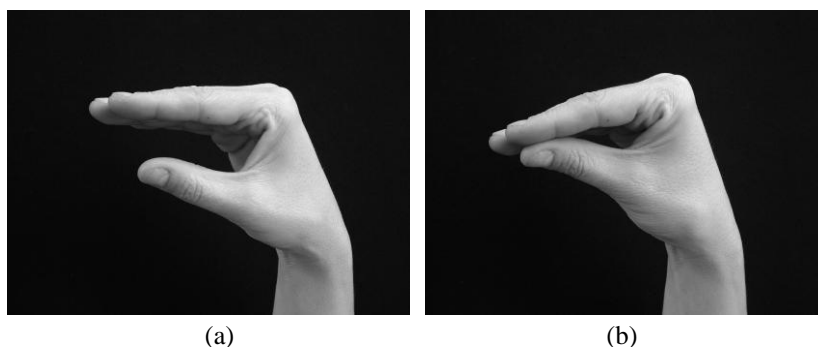
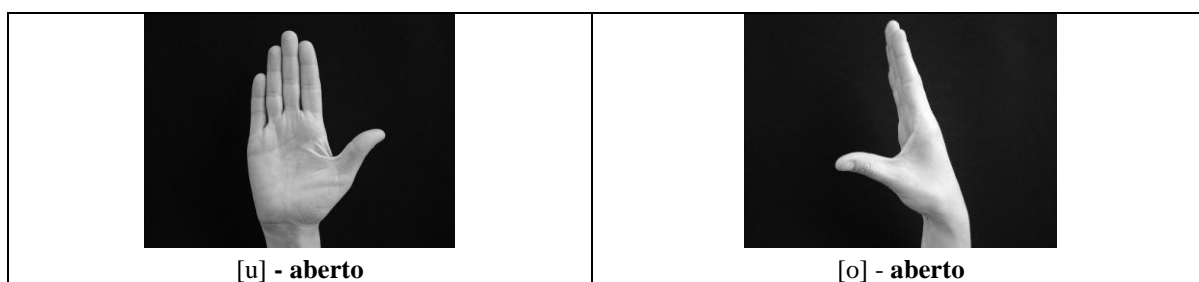


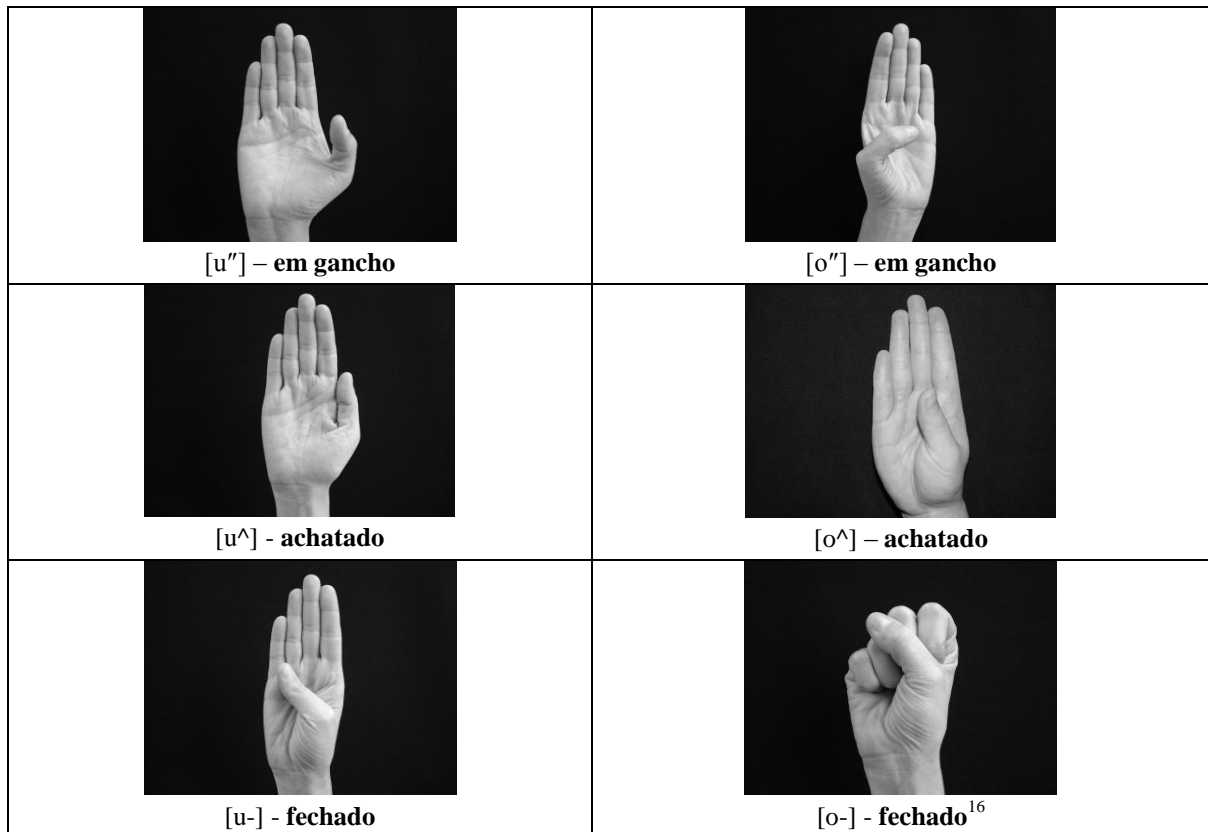
Figura (39)

Assim como no caso dos demais dedos, o polegar, independentemente de estar não-oposto [u] ou oposto [o], também é capaz de flexionar-se nas juntas proximal e distal. Dessa maneira, pode se configurar em qualquer uma das quatro formas citadas para os demais dedos: aberta, fechada, achatada e em gancho. Por essa razão, para determinar em qual(is) (das) junta(s) ocorre(m) flexão, Liddell e Johnson incluíram, entre os traços que descrevem o polegar, a especificação [Polegar 2°], análoga à que propuseram para caracterizar a flexão e a extensão dos outros dedos.

Nesse sentido, um polegar será descrito como aberto, quando as suas duas juntas (proximal e distal) estiverem distendidas; será descrito como fechado, quando essas duas juntas estiverem flexionadas; e será descrito como achatado ou em gancho, quando apenas uma das juntas estiver flexionada (a proximal no primeiro caso e distal no segundo). O quadro abaixo ilustra configurações em que tanto o polegar não-oposto quanto o oposto aparecem configurados em uma dessas quatro formas.

Quadro (2) - Disposições do polegar não-oposto e oposto





É importante observar que os símbolos usados para descrever a característica achatada [^] ou em gancho ['] do polegar são os mesmos usados para a descrição dessa característica nos outros dedos. Também como no caso dos demais dedos, a especificação [aberto] do polegar não recebe nenhum símbolo especial. Entretanto, no que diz respeito à especificação [fechado] do polegar, usa-se o símbolo [-], tanto para um polegar oposto quanto para um polegar não-oposto.

Embora, à primeira vista, pareça não motivado o tratamento individualizado que Liddell e Johnson dão ao polegar, pares de sinais como os apresentados a seguir desfazem essa impressão. Como se pode depreender das figuras que representam os sinais PROMETER (Figura (40a)) e B (Figura (40b)) da libras, a configuração do polegar pode ser fonologicamente relevante, dado que, nesses sinais, essa é a única diferença com base na qual eles contrastam: no primeiro, o polegar aparece não-oposto e achatado, [u^], enquanto no segundo ele aparece não-oposto, mas fechado, [u-].

¹⁶ De acordo com a descrição de Liddell e Johnson (2000:285 [1989]), o polegar oposto e fechado se caracteriza por tocar o dorso do(s) dedo(s) flexionado(s) nas duas juntas (proximal e distal). Por essa razão, o exemplo de polegar caracterizado por esses traços foi dado aqui com uma configuração diferente da dos demais dedos, na medida em que é articulatoriamente impossível o polegar tocar o dorso de dedos abertos.

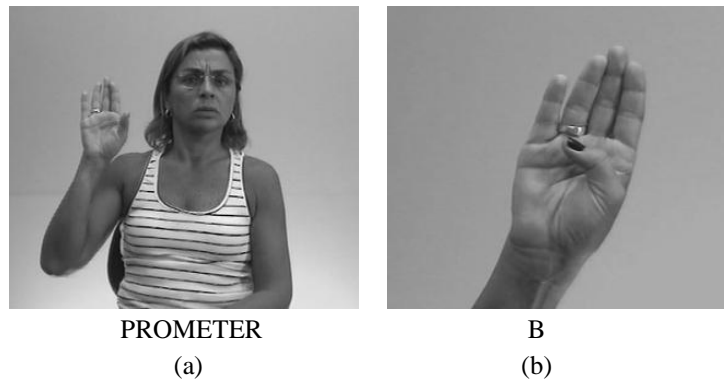


Figura (40)

Outro par de sinais em que a configuração do polegar é relevante não só para a distinção de duas configurações, mas também para o estabelecimento de contraste lexical na libras, é formado pelos sinais L e G, representados pelas figuras em (41).

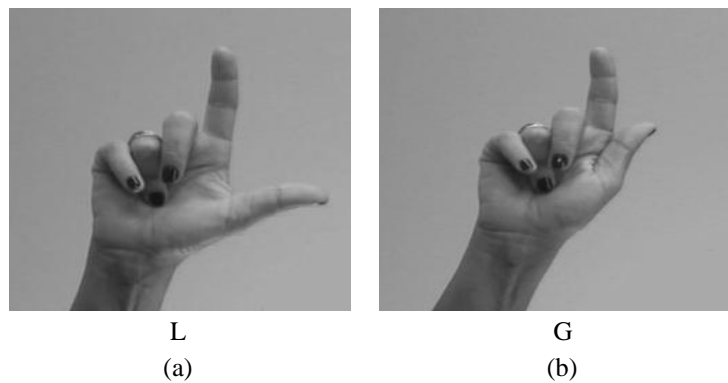


Figura (41)

Como se pode ver nas figuras acima, em ambos os sinais, o polegar está não-oposto [u] e aberto. A única diferença entre eles é que, no sinal G, o polegar se encontra achatado [^], ou seja, dobrado na junta proximal, diferentemente do polegar no sinal L, que não apresenta flexão nenhuma nessa junta.

O último traço que compõe o subconjunto de traços que descrevem o polegar -- contato -- tem a função de determinar se ocorre contato entre o polegar e outro(s) dedo(s) e que região do polegar contacta os outros dedos. Liddell e Johnson propuseram quatro diferentes traços para essa especificação, que são descritos a seguir e ilustrados pelas imagens em (42).

- (a) [c]: contato realizado pela ponta do polegar;
- (b) [p]: contato realizado pela almofada do polegar;
- (c) [f]: contato realizado pela almofada do polegar na unha de outro(s) dedo(s);
- (d) [t]: contato realizado pela unha do polegar na almofada de outro(s) dedo(s).

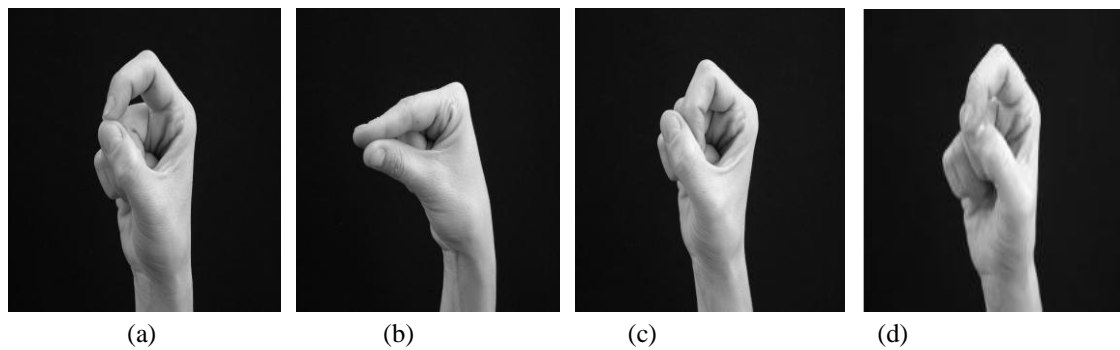


Figura (42)

Por meio desses traços é possível capturar diferenças entre configurações de mão que podem ser usadas distintivamente por uma língua sinalizada. Na libras, por exemplo, pode-se observar o uso fonológico que essa língua faz do traço [c] (contato), ao se compararem os sinais C (Figura (43a)) e O (Figura (43b)).

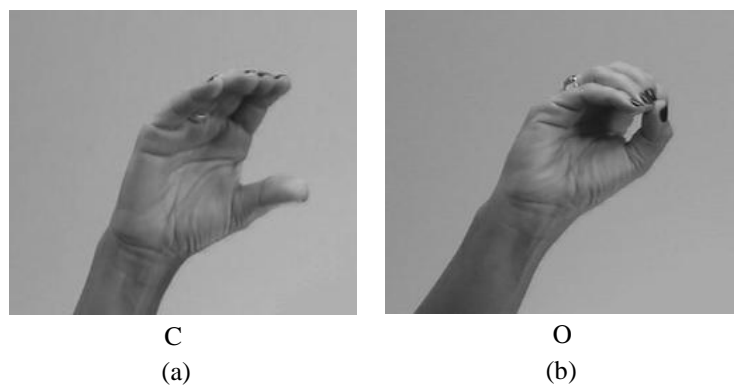


Figura (43)

Como sugerem as figuras, a característica com base na qual esses dois itens lexicais contrastam consiste na ausência de contato do polegar com outros dedos *versus* a sua presença.

A parte do polegar que contacta o(s) dedos(s) também pode ter valor distintivo. Um evidência disso, na libras, são os sinais F (Figura (44a)) e T (Figura (44b)) em que o contraste lexical é estabelecido com base nesse traço: enquanto no primeiro a parte do polegar que toca o dedo indicador é a sua almofada [p], no segundo o contato é feito pela unha [t].

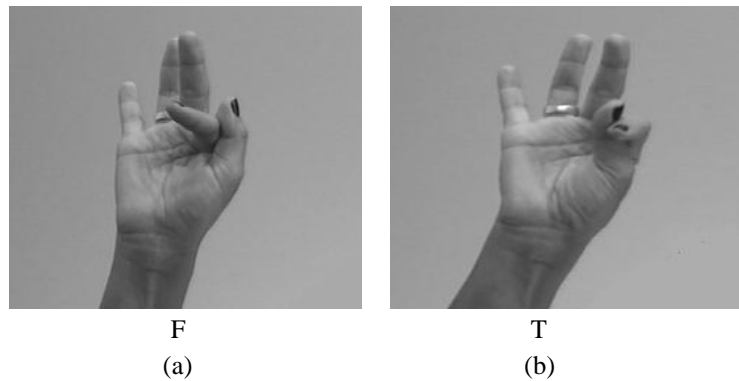


Figura (44)

4.2 Ponto de Contato [PC]

O subfeixe articulatório *ponto de contato* [PC] é formado por quatro subconjuntos de traços, a saber:

- (i) localização;
- (ii) parte da mão;
- (iii) proximidade;
- (iv) relação espacial.

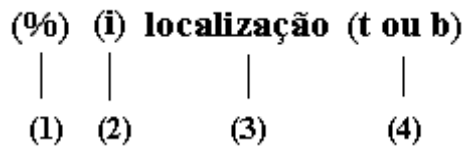
O primeiro deles, *localização*, tem sido assemelhado ao que se chama de ponto de articulação na fonologia das línguas orais, visto que ele também tem a função de especificar um ponto no articulador passivo, que é tocado pelo articulador ativo ou que serve de ponto de referência para ele.

Entretanto, uma diferença marcante entre esse traço nas línguas orais e seu correlato nas línguas sinalizadas é a de que, no caso dessas últimas, a gama de “articuladores passivos” é maior, dado que os sinais podem ser produzidos em três regiões diferentes:

- (a) sobre o corpo;
- (b) sobre alguma região da mão passiva e;
- (c) no espaço de sinalização, ou seja, na região em frente à cabeça e ao torso do sinalizador.

Cada uma dessas três diferentes localizações é caracterizada de forma específica

no modelo de Liddell e Johnson. Sinais produzidos sobre alguma região do corpo (excluindo-se a mão passiva), por exemplo, têm a sua localização descrita por meio de quatro traços, organizados e representados como no esquema a seguir.



Representação (3) adaptada de Liddell e Johnson (1989)

A especificação (1) do esquema acima, [%], tem a função de expressar em que lado do corpo está localizado o ponto de articulação de um sinal. Mais precisamente, ela indica se uma determinada localização é contralateral (lado da mão não-dominante), caso no qual a sua descrição inclui o símbolo [%], ou se é ipsilateral (lado da mão dominante), situação na qual não há qualquer tipo de marcação. Já a especificação (3), [localização], é responsável por indicar a área do corpo sobre a qual um determinado sinal é articulado. Por fim, a especificação (2), (i), determina que o ponto de contato não corresponde exatamente à região especificada por (3), mas sim a um ponto em sua periferia.

Segundo Liddell e Johnson, na ASL, a especificação (3) abrange 20 áreas fonologicamente distintas, listadas no quadro a seguir.

Quadro (3) - Localizações sobre o corpo possíveis na ASL

BH (<i>back of head</i>): região posterior da cabeça	CN (<i>chin</i>): queixo
TH (<i>top of head</i>): topo da cabeça	NK (<i>neck</i>): pescoço
FH (<i>forehead</i>): testa	SH (<i>shoulder</i>): ombro
SF (<i>side of forehead</i>): lado da testa	ST (<i>sternum</i>): esterno
NS (<i>nose</i>): nariz	CH (<i>chest</i>): peito
CK (<i>cheek</i>): bochecha	TR (<i>trunk</i>): tronco
ER (<i>ear</i>): orelha	UA (<i>upper arm</i>): parte superior do braço
MO (<i>mouth</i>): boca	FA (<i>forearm</i>): antebraço
LP (<i>lip</i>): lábio	AB (<i>abdomen</i>): abdômen
JW (<i>jaw</i>): mandíbula	LG (<i>leg</i>): perna

Com base no par de sinais abaixo, pode-se observar o valor distintivo de pelo

menos duas dessas áreas listadas no quadro acima, na libras.



Figura (45)

Como sugerem as figuras acima, o único traço que distingue um sinal do outro é justamente o ponto de contato: enquanto em APRENDER o sinal é realizado no queixo [CN] (*chin*), o sinal SÁBADO é articulado na testa [FH] (*forehead*).

Por observarem a existência de sinais que não são articulados exatamente na região central de cada uma das localizações listadas no quadro (5), Liddell e Johnson incluíram entre os traços que descrevem o ponto de articulação de um sinal as especificações (2) e (4). A função de tais especificações é determinar pontos adjacentes a uma dada localização principal como, por exemplo, regiões ao lado, acima ou abaixo desta. Nos termos do modelo em questão, uma região situada ao lado de uma localização principal é indicada pelo traço [i] (*ipsilateral*) e áreas situadas na porção superior e inferior desta são descritas pelos traços [t] (*top*) e [b] (*bottom*), respectivamente.

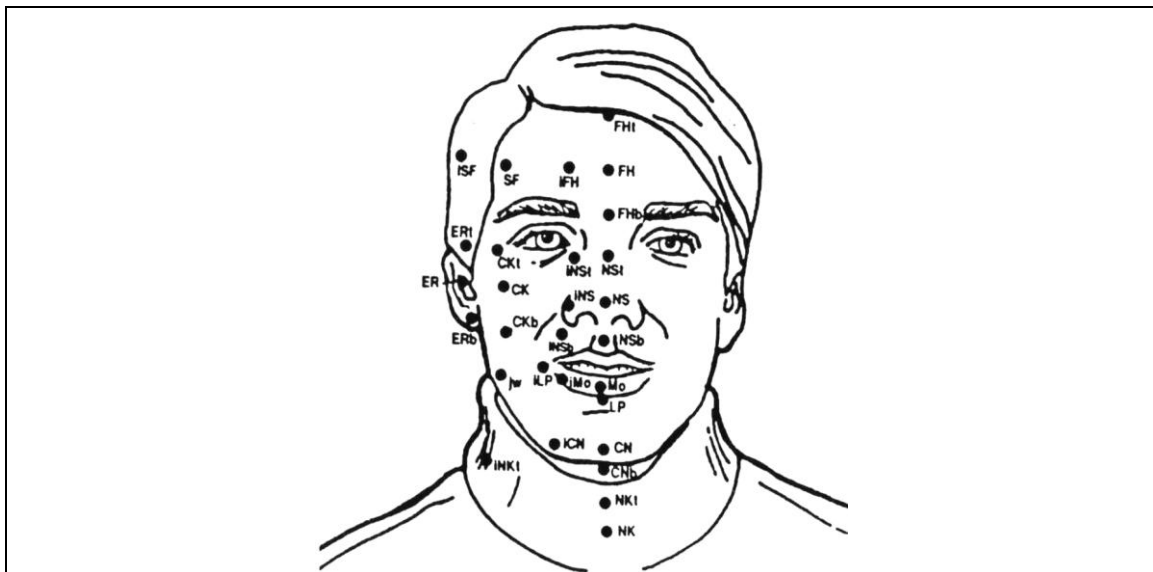
Graças a esse recurso, é possível diferenciar a localização de sinais da libras como AINDA-NÃO, GOSTOS@ e NÃO-ADIANTA (Figura (46)). Embora, *grosso modo*, o ponto de articulação de tais sinais possa ser igualmente descrito pelo traço queixo [CN], eles não são produzidos exatamente nas mesmas áreas deste. Como indicam as figuras a seguir, o sinal AINDA-NÃO é articulado na região central do queixo [CN]; o sinal GOSTOS@, na porção superior (logo abaixo do lábio inferior) [CNt] e, por fim, o sinal NÃO-ADIANTA, na região inferior deste, ou seja, no submaxilar [CNb].

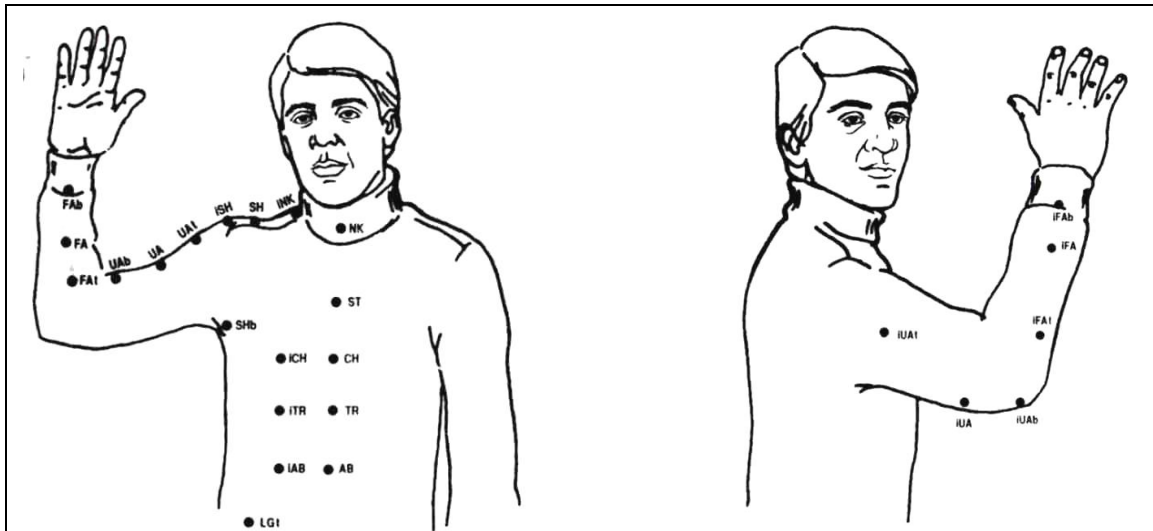


Figura (46)

A combinação dos quatro tipos de especificações presentes no subfeixe localização produz pontos de articulação que podem ser usados fonológica ou foneticamente pelas línguas sinalizadas. Esses pontos encontram-se representados em figuras retiradas de Liddell e Johnson (1989) no quadro (6) a seguir.

Quadro (4) - Localizações sobre o corpo e seus respectivos símbolos (Liddell e Johnson, 1989)





Quando o sinal é articulado sobre alguma região da mão passiva, o modelo de Liddell e Johnson utiliza outro esquema de descrição e outro conjunto de traços para descrever tal ponto de articulação. O esquema, nesse caso, é constituído de duas especificações: uma indica uma localização principal na mão (a mão, os dedos, o polegar, etc); a outra especifica uma região nessa localização principal (dentro, no dorso, na extremidade radial, etc). Os símbolos utilizados são os representados no quadro (7).

Quadro (5) – Localizações sobre a mão passiva

	HAND: mão	FI (fingers): dedos (exceto polegar)	TH (thumb): polegar	XF (index finger): dedo indicador	MF (middle finger): dedo médio	RF (ring finger): dedo anelar	LF (little finger): dedo mínimo
IN: parte interna	PA (palma)	INFI	INTH	INXF	INMF	INRF	INLF
PD (pad): almofada		PDFI	PDTH	PDXF	PDMF	PDRF	PDLF
BK (back): dorso	BK	BKFI	BKTH	BKXF	BKMF	BKRF	BKLF
RA: radial	RA	RAFI	RATH	RAXF	RAMF	RARF	RALF
UL: ulnar	UL	ULFI	ULTH	ULXF	ULMF	ULRF	ULLF
TI (tip): ponta		TIFI	TITH	TIXF	TIMF	TIRF	TILF
KW (knuckle): nó dos dedos	KW						
BA: base	BA						
HL (heel): “calcanhar”	HL						
WB (web): região interdigital		WBFi	WBTH	WBXF	WBMF	WBRF	WBLF

Nos termos desse esquema, um sinal como REMÉDIO (Figura (47)) teria sua localização descrita pelo traço palma [PA], que representa a palma da mão passiva; um sinal como CONVERSAR (Figura (48)) teria sua localização descrita pelo traço [BK] (*back*), que representa o dorso da mão passiva, e um sinal como FEIJÃO (Figura (49)) teria sua localização descrita pelo traço [TILF] (*tip + little finger*), que representa a ponta do dedo indicador.



REMÉDIO
Figura (47)



CONVERSAR
Figura (48)



FEIJÃO
Figura (49)

Finalmente, quando um sinal é produzido no espaço de sinalização, a descrição de sua localização inclui traços que expressam: (i) a que distância perpendicular a mão está localizada em relação ao corpo; (ii) qual o grau de afastamento da mão em relação à linha medial do corpo; e (iii) em que altura a mão se situa em relação às localizações principais que se encontram ao longo da região central do corpo. Liddell e Johnson representam esses traços seguindo o esquema abaixo.

Proximidade – Deslocamento Ipsilateral – Localização Central

Representação (4) traduzida de Liddell e Johnson (2000:287 [1989])

Para a especificação *proximidade*, há quatro possíveis traços, a saber:

- (i) **proximal [p]**: indica uma localização a poucos centímetros de uma região sobre o corpo;
- (ii) **medial [m]**: indica uma localização em frente ao corpo cuja distância é aproximadamente equivalente à de um cotovelo horizontalmente posicionado;
- (iii) **distal [d]**: indica uma localização em frente ao corpo cuja distância é aproximadamente equivalente à de um braço semi-estendido e horizontalmente posicionado;
- (iv) **estendido [e]**: indica uma localização em frente ao corpo cuja distância é

equivalente à de um braço totalmente estendido e horizontalmente posicionado.

Já para a segunda especificação, *deslocamento ipsilateral*, o modelo de Liddell e Johnson registra dois graus de afastamento da linha medial que intesecciona o corpo: o primeiro deles é paralelo ao peito, notado pelos autores como [1] (cf. DEPENDER (Figura (31a))), e o segundo, paralelo à extremidade do ombro, notado como [2] (cf. PROMETER (Figura (40a))). Nos casos em que um sinal é realizado em uma localização paralela à linha medial, ou seja, sem deslocamento ipsilateral, esse traço tem a especificação [0] (cf. BRASIL (Figura (50))).



BRASIL¹⁷
[m0FH] – [m0ST]
Figura (50)

Como se pode ver na representação tanto do ponto de contato inicial [m0FH] quando do ponto de contato final [m0ST], no sinal BRASIL, a mão, localizada à uma distância média do corpo [m], move-se de um ponto à altura da testa [FH] em direção a outro à altura do esterno [ST]. Por estar a mão, nesse sinal, localizada em um plano paralelo à linha medial do corpo, diz-se que seu *deslocamento ipsilateral* é [0].

Por fim, para a última especificação do esquema acima, *localização central*, utilizam-se os símbolos TH, FH, NS, MO, CH, NK, ST, CH, TR e AB, também utilizados para determinar pontos de articulação sobre o corpo (ver Quadro (4)).

A figura abaixo apresenta possíveis pontos de articulação no espaço de sinalização, especificados de acordo com os três tipos de traços previstos pela proposta de Liddell e Johnson.

¹⁷ Por ser realizado com mudança de [PC], o sinal em questão apresenta a descrição de dois pontos de contato: o inicial e o final.

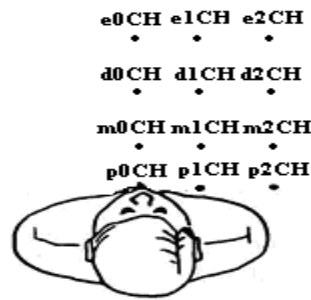


Figura (51) adaptada de Liddell e Johnson (1989)

Conforme dito no início desta seção, o feixe *ponto de contato* [PC], além do subfeixe localização, constitui-se de três outros subfeixes de traços: *parte da mão*, *proximidade* e *relação espacial*. O primeiro deles, *parte da mão*, tem a função de determinar que parte desta está voltada para o ponto de articulação especificado pela *localização* ou que parte desta contacta essa *localização*.

A importância dessa especificação pode ser observada em sinais como COMPASSO, representado pela figura a seguir.



COMPASSO

Figura (52)

Como sugere a imagem em (52), embora nesse sinal os dois dedos distendidos da mão dominante estejam voltados para a mão não dominante, somente um deles, o dedo indicador (e não o médio), contacta a palma da mão passiva durante a realização do sinal.

Já o segundo subfeixe, *proximidade*, é responsável por indicar se a parte da mão, especificada pelo subfeixe mencionado acima, está ou não em contato com uma determinada localização. Em caso afirmativo, tal subfeixe é especificado pelo traço [c] (como em COMPASSO), mas em caso negativo, ele pode receber três especificações diferentes conforme a distância entre a parte da mão e a localização para qual ela está voltada. De acordo com Liddell e Johnson, essa distância pode ser determinada pelos

traços proximal [p], medial [m] e distal [d].

Por fim, o terceiro subfeixe, *relação espacial*, especifica a direção na qual a parte da mão está deslocada de uma *localização*. Essa especificação é necessária para sinais que, assim como PROIBIR (Figura (20)) e MENTIR (Figura (53)), apresentam *movimento de roçar*. Como sugerem suas respectivas figuras, nesses casos, a mão, antes e depois de contactar a localização descrita pelo ponto de contato, é posicionada em pontos próximos a ela.



MENTIR
Figura (53)

No sinal MENTIR, por exemplo, a mão parte de uma região próxima à parte ipsilateral do nariz em direção a uma região próxima à parte contralateral deste.

4.3 Face [FA] e orientação [OR]

De acordo com Liddell e Johnson, os sinais fazem uso de duas especificações diferentes que determinam conjuntamente a orientação da mão. Uma delas, denominada por eles de *face* [FA], é responsável por indicar a parte da mão que é alocada no ponto em que um determinado sinal é produzido e/ou a direção para a qual os dedos apontam. Já a outra, designada de *orientação* [OR], tem a função de determinar que parte da mão está situada paralelamente ao plano do chão [HP].

Pares de sinais como DOIS x V (Figura (54)) são evidências de que a libras faz uso fonológico do subfeixe *face* [FA].



Figura (54)

Embora o contraste nesses sinais pareça ser estabelecido pela orientação, o modelo de Liddell e Johnson trata esses sinais como casos de contraste da face. Tal como concebida por Liddell e Johnson, a orientação determina a parte da mão que está paralela ao plano do chão que, tanto o sinal DOIS quanto o sinal V é a mesma: a base da mão. Sendo assim, o que distingue um sinal do outro é a parte da mão alocada no ponto de contato (ponto de articulação de cada um desses sinais), ou seja, a sua face. Enquanto no sinal DOIS o subfeixe face é especificado pelo traço dorso [BK] (*back*), ele é especificado no sinal V pelo traço palma [PA].

Já pares de sinais como JUSTIÇA *versus* OFICINA (Figura (55)) evidenciam o caráter distintivo, nessa mesma língua, do subfeixe orientação [OR].

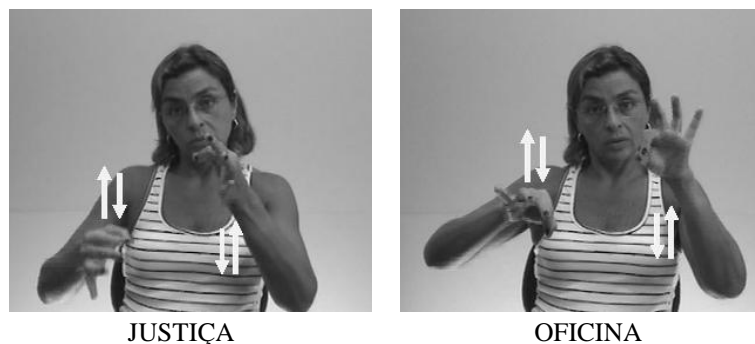


Figura (55)

Como mostram as imagens nesses casos, o que está em jogo é a parte da mão que está paralela ao plano do chão. No sinal JUSTIÇA, é a parte radial de cada mão que está paralela ao plano do chão, enquanto no sinal OFICINA é a palma.

5. Conclusão

Neste trabalho, foi apresentado e exemplificado, com dados da libras, o modelo

fonético-fonológico proposto por Liddell e Johnson (1989) . Entre as razões que diferenciam tal modelo da proposta pioneira de Stokoe (1960) e seus seguidores, destaca-se, em primeiro lugar, o seu alto poder descritivo. Diferentemente de propostas anteriores, Liddell e Johnson apresentam uma descrição mais refinada dos aspectos articulatórios envolvidos na produção dos sinais, a saber, configuração de mão, localização, movimento e orientação. Mais especificamente, eles não tratam cada um deles como todos inalisáveis, mas sim como aspectos dotados de subaspectos com base nos quais contrastes lexicais podem ser estabelecidos.

Em segundo lugar, destaca-se a capacidade do modelo de Liddell e Johnson de capturar a sequencialidade de certos aspectos articulatórios observável durante a produção dos sinais. Ao contrário de Stokoe (1960) que propunha uma organização interna do sinal pautada na simultaneidade, Liddell e Johnson propõem uma estrutura interna para os sinais definida em termos de segmentos que são realizados sequencialmente, à semelhança do que ocorre nas línguas orais.

6. Referências











- CHOMSKY, N.; M. HALLE. *The Sound Pattern of English*. Harper e Row, 1968.
- FELIPE DE SOUZA, T. A. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (libras)*. 1998. Tese de Doutorado em linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Bloomington: IULS, 1976.
- KLIMA, E. S.; U. BELLUGI. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- LIDDELL, S. K.; R. E. JOHNSON. (1989). American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C. e C. LUCAS (org.). (2000). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press.
- LIDDELL, S. K. (1990). Structures for Representing Handshape and Local Movement at the Phonemic Level. In: FISCHER, S. D. e P. SIPLE (org.). *Theoretical Issues in Sign Language Research*. vol. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- PADDEN, C.; D. PERLMUTTER. American Sign Language and Architecture of Phonological Theory. *Natural Language and Linguistics Theory* 5, 335-376, 1987.
- SANDLER, W. Phonological Features in the Feature Classes: The case of movements

in sign language. *Língua* 98, 197-220, 1996.













STOKOE, W. C. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*. New York: Buffalo University, 1960.




ANEXO

Símbolos taxonômicos para da descrição dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo¹⁸

símbolo		Configuração
A		os quatro dedos fechados e tocando as suas respectivas almofadas na palma
S		os quatro dedos fechados e tocando as pontas na palma
1		indicador distendido e os demais fechados
!		dedo médio distendido e os demais fechados
I		dedo mínimo distendido e os demais fechados
Y		dedo mínimo distendido e espalmado e os demais fechados
=		dedos indicador e mínimo distendidos e os demais fechados
>		dedos indicador e mínimo distendidos e espalmados e os demais fechados
H		dedos indicador e médio distendidos e unidos e os demais fechados
V		dedos indicador e médio distendidos e espalmados e os demais fechados

¹⁸ As descrições contidas nesta tabela são traduções minhas das originalmente feitas por Liddell e Johnson (1989). As fotos foram feitas para tornar mais claras as descrições.

K		dedos anelar e mínimo fechados, indicador distendido e médio parcialmente aberto
D		dedo indicador distendido e os demais parcialmente abertos
R		dedos indicador e médio cruzados e os demais fechados
r		dedos anelar e mínimos fechados, dedo médio distendido e indicador cruzado sob este
W		dedo mínimo fechado e todos os outros abertos e unidos
6		dedo mínimo fechado e todos os outros abertos e espalmados
7		dedo anelar fechado e todos os outros abertos e espalmados
8		dedo médio fechado e todos os outros abertos e espalmados
F		dedo indicador fechado e todos os outros abertos e unidos
9		dedo indicador fechado e todos os outros abertos e espalmados
B		os quatro dedos distendidos e unidos
4		os quatro dedos distendidos e espalmados

T		os quatro dedos fechados e o polegar sob o indicador
N		os quatro dedos fechados e o polegar sob o dedo médio
M		os quatro dedos fechados e o polegar sob o anular

INTEGRAÇÃO ENTRE METÁFORA, METONÍMIA E ICONICIDADE: ESTUDOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Neiva de Aquino Albres¹

1. Introdução

Os estudos da significação ganharam uma nova direção na perspectiva Bakhtiniana, uma vez que nela a língua passou a ser estudada considerando-se a sua dimensão enunciativo-discursiva. De acordo com Bakhtin/Volóchinov (1992[1929]), há uma mobilidade específica no significado linguístico das palavras e os falantes da língua se atêm ao elemento linguístico em condições de enunciações concretas.

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1992, p. 92 e 93).

É na interação com o outro, em um determinado contexto e tempo específico que as palavras (signos) vão tomando significados. Nesse processo procuramos

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Especial pela UFSCar.

compreender a fala do outro com quem conversamos, levando em consideração as pessoas envolvidas, suas funções sociais e os discursos “atravessados” nesse novo discurso.

Para Dias (2010, p. 100), “o problema fundamental da semântica reside na dificuldade de conciliar-se a polissemia da palavra com sua unicidade”. Na perspectiva da abordagem enunciativo-discursiva é impossível constituir significação da palavra – na língua oral, ou do sinal – na língua de sinais – sem que seja construída dentro de uma enunciação.

Especificamente, a enunciação constitui-se, do ponto de vista de Bakhtin/Volóchinov (1992) em um signo variável e flexível, sendo orientada pelo contexto e por uma situação precisa.

O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade linguística, também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1992, p. 93).

O mesmo autor nos chama a atenção para os termos da língua que, ao serem concatenados, produzem uma infinidade de significados – esses significados flutuam dos mais transparentes aos mais opacos; dos mais comuns aos mais imprevistos.

Como nos apropriamos da polissemia da língua que usamos e pela qual nos constituímos? Como compreendemos os significados imprevistos pretendidos na fala do outro? Como são construídas as metáforas em línguas de sinais? Qual a relação da criação da metáfora com a iconicidade dos sinais? Metáfora, metonímia e iconicidade integram o mesmo sistema conceitual e cultural? Estas e outras questões nos conduzem neste texto reflexivo. Procuramos, portanto, neste trabalho levantar algumas questões sobre a significação nas línguas de sinais.

Há muitas teorias que buscaram compreender o campo da significação das línguas. Uma das perspectivas que têm se dedicado mais precisamente à metáfora é a

linguística cognitiva. Ateremo-nos, neste ensaio, à teoria de metáfora tal como apresentada nos estudos de Lakoff e Johnson (2002[1980]).

As línguas de sinais foram tomadas como objeto de análise nessa perspectiva, principalmente em estudos sobre a língua de sinais americana, doravante ASL (de *American Sign Language*) (WILCOX, 2000, 2004a, 2004b; WILCOX, 2004c e WILCOX, WILCOX, JARQUE, 2003; TAUB, 2001). No Brasil, o estudo de Faria (2003, 2006) é pioneiro, visto que trata da manifestação da metáfora na língua brasileira de sinais - Libras em contraste com as construções metafóricas presentes na língua portuguesa.

Os estudos no campo da linguística cognitiva fundamentam as reflexões que se apresentam neste trabalho. No intuito de entender como a metáfora, a metonímia e a iconicidade se manifestam nas línguas de sinais, na seção 2, discorreremos de forma bastante sucinta sobre tais conceitos, tal como concebidos e aplicados na linguística cognitiva às línguas orais. Essa tríade tem sido indicada como fundamental para compreender as expressões das línguas de sinais (WILCOX, 2004c). Já na seção 3, desenvolvemos uma revisão de estudos sobre essa mesma tríada em língua de sinais. Por fim, na seção 4, desenvolvemos alguns apontamento sobre Metáforas na Libras.

2. Conceitos da vida cotidiana – Metáforas, Metonímias e iconicidade em línguas orais

Até recentemente, a metáfora era concebida apenas como um recurso literário da imaginação poética e um ornamento retórico. Todavia, Lakoff e Johnson (2002) indicam que as metáforas estão impregnadas na vida cotidiana.

A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

Inauguram um novo olhar, não mais voltado para língua como um sistema fechado, mas sim, levando em consideração a importância dos aspectos *funcionais* dos fenômenos linguísticos (em particular, a função *estruturante* da linguagem). Tais

processos vêm recebendo bastante atenção nos estudos de línguas orais no âmbito de uma corrente linguística denominada linguística cognitiva.

A Linguística Cognitiva surgiu no início da década de 80, interessada em compreender o fenômeno da significação (já evidenciado, aliás, pelo movimento da Semântica Gerativa, mas, ao contrário deste, fora da tradição gerativa). Os processos metafóricos e metonímicos ganham destaque nesses estudos, entendendo-os como processos estruturantes nas línguas e não apenas como recursos literários.

Essa é uma corrente da linguística que vê a língua em conexão com a experiência humana. As unidades e as estruturas da língua são estudadas, não como entidades autônomas, mas sim como manifestações de capacidades cognitivas, da capacidade humana de organização conceitual, da possibilidade de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (HILFERTY, 2001).

A Linguística Cognitiva não faz uma separação rígida entre morfossintaxe e semântico-pragmática. Leva em consideração aspectos da cognição para analisar a língua. “A influência do funcionalismo é evidente, visto que os níveis morfossintático, semântico e prosódico estão interligados” (LAMBRECHET, 1994, p. 25).

Nas explicações dos fenômenos linguísticos, é considerada tanto a forma pela qual a língua é adquirida, organizada e mobilizada em e para ações sociais, quanto à forma pela qual os conhecimentos e as atitudes necessárias para o engajamento nessas tarefas são adquiridos, representados e mobilizados pelos participantes. Desta forma, todas as estruturas linguísticas são construídas e utilizadas de forma a guiar a construção de sentido, a apontar para ele, dando pistas a serem preenchidas pelos interlocutores, ou seja, o sentido não é decodificável a partir da forma, simplesmente, depende do interlocutor. Não existe um conjunto de regras finitas que aplicadas a um texto extraia o seu “verdadeiro” sentido (CHAFE, 1994).

O homem, a partir de suas experiências cria formas de expressão que estão relacionadas às formas de organização cognitiva de interpretação dos eventos sociais. Para ilustrar a questão da expressão metafórica, apresentamos dois sistemas de expressão metafórica sobre espaço-tempo em línguas orais: a metáfora da pessoa em movimento, em que o orador está se movendo ao longo da linha do tempo para o futuro, e a metáfora do tempo em movimento, onde o orador fica parado e o tempo é concebido como uma corredeira que transporta o fluxo do futuro para o passado.

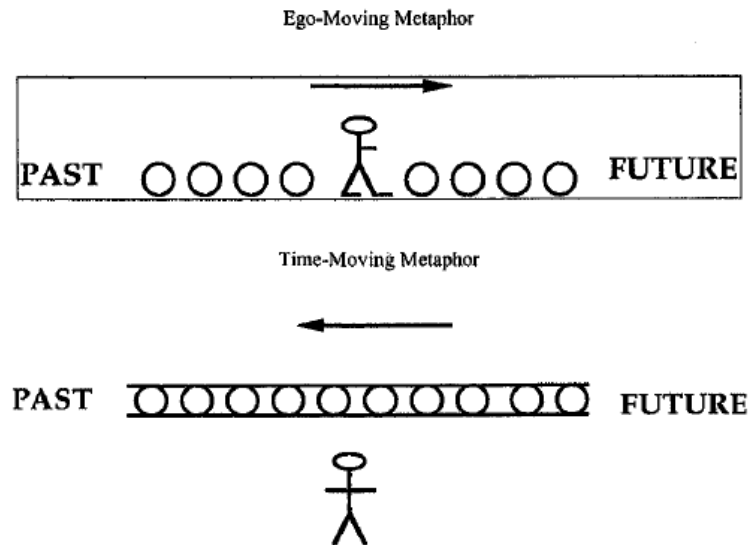


Figura 1 - Esquemas cognitivos espaciais
 Fonte: (GENTNER, 2001, p.204)

Os dois sistemas parecem com base em dois diferentes esquemas espaciais (ver Figura 1). Exemplos de metáfora da pessoa em movimento são os seguintes: •Vou fazer isso •Estamos nos aproximando rapidamente dos feriados. •Devemos avançar com este plano •O presente é um ponto que acabou de passar. Exemplos da metáfora do tempo em movimento são: •Próximos anos / o ano passado •As férias estão chegando rápido. •A noite segue o dia (GENTNER, 2001, p. 204).

O homem interpreta e processa o mundo também como eventos visuais, o espaço oferece uma estrutura que é mapeada em tempo, o espaço é conceitualmente mais concreto que o tempo, assim da cognição humana concebe domínios abstratos em termos de domínios concretos. Assim, um mapeamento metafórico consiste de compreender quais domínios concretos servem de base para a conceituação de domínios mais abstratos. O processo é de um domínio para outro domínio.

As metáforas são conceituais, pois são expressões linguísticas e existem no sistema conceitual humano. Pode-se considerar que:

A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. [...] o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada. [...] a metáfora não é

somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras, pelo contrário, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 48).

Assim, o conhecimento é sistematizado conceitual e metaforicamente, por exemplo:

IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS
EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES
COMUNICAÇÃO É ENVIAR

“O falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (por meio de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras recipientes”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 54). Assim, falantes da mesma língua são capazes de se compreender, pois, geralmente, para uso das metáforas, se faz desnecessário algum contexto específico para se determinar se a frase tem ou não significado, são expressões já convencionadas.

Os falantes do português compreendem facilmente expressões como: “preciso passar aquela ideia para ele”, “pesquei sua ideia”, “vamos colocar as ideias em discussão”, entre outras.

Segundo Dalacorte (1998, p. 63), as metáforas convencionais, cujos significados são automaticamente ativados, são utilizadas pelas pessoas no seu dia a dia sem que estas pessoas tomem conhecimento de que estão recorrendo a elas para expressar conceitos que não se explicam por si só. Dificilmente, as pessoas se dão conta de que estão utilizando metáforas para auxiliá-las a expressar suas ideias.

Em muitas expressões metafóricas, a metonímia faz parte do processo de produção da nova significação. Pode-se definir a metonímia como o uso de uma entidade para se referir a outra. Há uma pequena diferença entre as metáforas e as metonímias, nas palavras de Lakoff e Johnson (2002).

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra (LAKOFF e JOHNSON [1980], 2002, p. 92 e 93).

Assim, acontece em casos de personificação em que atribuímos qualidades humanas a entidades não humanas – teorias, doenças, inflação, etc. Ocorre o uso de parte pelo todo, como por exemplo em situações de:

PARTE PELO TODO

OBJETO PELO USUÁRIO

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS

O falante se refere à parte pelo todo, como em: “Precisamos de caras novas por aqui”, “É necessário respeitar os cabelos brancos”, como também, “O Carrefour aumentou os preços novamente”, entre outras.

“Assim como metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p.97).

Lakoff e Tuner (1989 *apud* FARIA, 2003) sustentam que a iconicidade na linguagem é uma metáfora delineada pelo referente que motiva a estrutura da expressão, o significado é entendido pela relação estabelecida. O caráter icônico das línguas orais recorre à iconicidade fonológica sendo determinado pela convencionalidade, o caráter icônico das línguas de sinais recorre à iconicidade visual, também sendo dependente da convencionalidade dos usuários da língua.

As línguas de sinais, pelo estímulo visual que a língua de modalidade gestual-visual, apresenta mais iconicidade para a criação de itens lexicais, de forma que as línguas orais não o fazem, pois fazem de forma bem diferente.

Os sons parecem ter um simbolismo universal. A oposição de fonemas graves, como o /a/, e agudos, como o /i/, é capaz de sugerir a imagem do claro e do escuro, do pontudo e do arredondado, do fino e do grosso, do ligeiro e do maciço. Por isso, quando se vai indicar, nas histórias em quadrinho, o riso dos homens e das mulheres, usam-se, respectivamente, ha, ha, há e hi hi hi. Ainda nas histórias em quadrinho, as onomatopeias que indicam ruído, sons brutais e repentinos, como pancadas, começam sempre por consoantes oclusivas, que são momentâneas como um golpe (p/b; t/d; k/g): pum, pá, tá (FIORIN, 2005, p. 62).

Esses exemplos indicam a ocorrência também de um tipo de motivação que aconteceria nas línguas orais. Sendo assim, as línguas orais não seriam completamente arbitrárias: há algum tipo de motivação em suas estruturas.

Lakoff e Johnson (2002[1980]) indicam ainda a existência de metáforas orientacionais também na produção de sentenças afirmativas ou interrogativas. Desta forma, na entonação de sentenças se tem uma metáfora. O que eles denominam de DESCONHECIDO É PARA CIMA e CONHECIDO É PARA BAIXO. Ou seja, o que se pergunta é algo desconhecido, desta forma as perguntas tem uma entonação para cima. Consideram que esta é uma metáfora, pois não pode ser explicado apenas em termos formais já que se baseia em nossa conceptualização espacial da entonação forma linguística.

Com relação às línguas de sinais, discute-se atualmente a respeito dos conceitos de Arbitrariedade / Iconicidade / Convencionalidade. As Línguas de Sinais parecem ser mais icônicas que as línguas orais, mas isso não descaracteriza a ocorrência a arbitrariedade.

3. Metáfora, Metonímia e a iconicidade cognitiva em línguas de sinais

A análise de várias línguas de sinais a partir da perspectiva da linguística cognitiva tem revelado a manifestação de metáforas universais assim como acontece com as línguas orais. Essas pesquisas exemplificam as diferenças que refletem a realidade cultural de línguas de sinais em diferentes países e têm identificado correspondências icônicas e metafóricas entre o curso de criação dos sinais e os campos de significação (WILCOX, 2004b).

3.1 Metáfora

Vimos que a maioria das pessoas associa a metáfora com a linguagem literária. Raramente se reconhece o quanto usamos de metáforas ao discutir realidades cotidianas. “A metáfora é geralmente definida como uma extensão do uso de uma palavra ou sinal transpondo seu significado primário para descrever referentes que são semelhantes à palavra ou a relação com o sinal primário” (LUCAS e VALLI, 1992, p. 155, tradução nossa).

A cultura afeta a produção da linguagem e da formação de palavras por meio da conceitualização metafórica. "O significado não é determinado de forma direta pela realidade objetiva, ao contrário, é uma questão de como interpretamos ou estruturamos uma situação em nossa representação cognitiva", como afirma Langacker (1985, p. 110 *apud* WILCOX, 2004b).

Nesta seção apresentamos um levantamento de trabalhos, principalmente os desenvolvidos sobre metáforas na língua de sinais americana, língua de sinais francesa, língua de sinais britânica e língua de sinais chilena.

Wilcox (1993) publicou seu primeiro estudo sobre metáfora na língua de sinais americana na década de 1990. A autora tomou como base os estudos de Lakoff e Johnson (1980) sustentando que uma conceitualização abstrata é tomada pelo uso de termos concretos, físicos. Dessa forma, as ideias abstratas são reflexo do conhecimento que o homem tem sobre o manuseio dos objetos do mundo.

Em 2000, Wilcox publica o livro "*Metaphor in American Sign Language*"². Ela desenvolveu um mapeamento das metáforas em ASL e chegou as seguintes categorias de análise: *Primeiro grupo - IDEIAS SÃO OBJETOS E A MENTE É UM RECIPIENTE*: ideias são objetos sujeitos à força física, ideias são objetos manipuláveis ou colocáveis em algum lugar, ideias são tangíveis, ideias são objetos que podem ser cuidadosamente discriminados e selecionados. *Segundo grupo: METÁFORAS ESTRUTURAIAS*: as ideias têm uma relação com os conceitos físicos, como a configuração da mão.

Na categoria "a mente é um recipiente", Wilcox (2000) considera que os surdos usam sistematicamente partes da cabeça para representar consciência e pensamento. Em ASL, sinais como os seguintes são dados como exemplo dessa categoria: REMEMBER (relembrar), MEMORIZE (memorizar), UNDERSTAND (entender), FORGET (esquecer), THINK (pensar), IMAGINE (imaginar), OPINION (opinião), SUSPICIOUS (desconfiado), OPEN-MIND (abrir a mente), entre outros. Esses sinais são produzidos na área da cabeça, mas não são produzidos em um único ponto, ou seja, podem ser produzidos na testa, no centro da cabeça, na parte lateral. Existe então, uma relação entre localização e possíveis funções desenvolvidas pelo objeto físico – cérebro.

Em outra pesquisa em que estuda o discurso de um surdo americano, Wilcox (2004a) analisou, assim como neste exemplo anterior, que alguns verbos podem

² Metáforas em Língua de Sinais Americana.

representar outros significados. Ela observou que a mente é comparada a um recipiente, um lugar onde se pode guardar informações e no caso da sinalização analisada, esse recipiente se referia a um computador (cf. OPEN-COMPUTER (abrir o computador) (figura 2)).



Figura 2. OPEN-COMPUTER
Baseado em: (WILCOX, 2004a, p. 203)

As metáforas da ASL também foram estudadas por Taub (2001). Ela analisa os sinais metafóricos com base em um duplo mapeamento: 1) realiza um mapeamento metafórico descrevendo o percurso do domínio conceitual concreto (domínio fonte)³ para um domínio abstrato (domínio alvo), e 2) realiza um mapeamento icônico⁴ entre o referente que motiva a produção do sinal e as formas linguísticas que os representam.

Para a autora há uma relação entre o concreto e o abstrato e no processo de análise é possível apreender a iconicidade do sinal. Considera que está preservado na formação do sinal elementos do referente que representa, mas a conceitualização e o significado são abstratos. Revela a complexidade dessas elaborações mentais para os falantes da língua alcançarem a expressão metafórica.

Taub (2001) desenvolveu alguns estudos empíricos e, a partir desses, estabeleceu a seguinte classificação:

- a) *o futuro está a frente*: Nesse mapeamento o futuro é conceitualizado à frente de quem sinaliza.
- b) *intimidade e proximidade*: O espaço de articulação do sinal revela o significado de proximidade, não só das mãos em relação ao corpo do sinalizador, mas também entre as duas mãos.
- c) *iconicidade metafórica e iconicidade pura em um sinal metafórico*: ocorre quando em um único sinal se combina dois tipos de iconicidade.

³ Os termos “domínio-fonte” e “domínio-alvo” são usados no estudo do fenômeno das metáforas. A metáfora consiste de um domínio-fonte e de um domínio-alvo, sendo a fonte um domínio mais físico e o alvo um tipo de domínio mais abstrato. Exemplo: “afeição é calor”.

⁴ Trataremos mais profundamente da iconicidade em outro tópico deste texto.

d) *fusão de sinais*: uso de sequência de sinais como uma expressão.

Taub (2001) descreve que um conceito altamente abstrato pode ser construído por meio de uma sinalização icônica, como na ilustração a seguir para representar THINK-PENETRATE (atingir um objetivo) (figura 3). Uma das mãos se move da cabeça (espaço destinado ao pensamento) e se volta para uma barreira construída com a outra mão, significando: “Ela finalmente chegou ao objetivo”. Dessa forma usa-se uma imagem concreta para expressar um conceito abstrato. É uma expressão icônica e metafórica ao mesmo tempo.



Figura 3: THINK-PENETRATE
Baseado em: (TAUB, 2001, p.21)

As línguas de sinais podem também usar as mesmas metáfora usadas em línguas orais. Por exemplo, a língua de sinais britânica usa uma metáfora que é encontrada em muitas línguas faladas (incluindo o inglês) e em algumas línguas de sinais, como a conceitualização de que “entender é agarrar”. “No entanto, na ASL, o ‘entendimento’ não significa metaforicamente ‘agarrar’. Em ASL, o verbo significa apenas o ato físico de receber e não o significado metafórico de compreensão” (WILCOX, 2000, p. 131, tradução nossa).

Atualmente, as diferenças e semelhanças entre as conceitualizações e as construções metafóricas têm instigado os pesquisadores. A ASL é historicamente relacionada à língua de sinais francesa. Um estudo sobre as semelhanças e diferenças entre essas duas línguas, sugerido por Wilcox (2004b), revelaria padrões interessantes de gramaticalização⁵.

Além disso, esse estudo poderia revelar que usuários de uma língua são capazes de compreender as representações metafóricas usadas pelo seu interlocutor por meio da

⁵ Novos estudos têm buscado descrever a gramática das línguas de sinais a partir da estrutura espacial da mesma, considerando ser esta fortemente influenciada pelo caráter estruturante da linguagem (WILCOX, 2004b).

experiência cultural, se não fosse assim os sinalizadores não teriam o mesmo esquema de imagens necessárias para se compreenderem. O estudo de diferentes línguas de sinais levará a uma compreensão mais profunda da linguagem e de como as diferenças culturais afetam nossos sistemas conceituais.

3.2 Metonímia

A metonímia tem sido abordada nos estudos de significação das línguas de sinais, pois a partir de metonímias é comum o surgimento de expressões metafóricas. A metonímia, tradicionalmente, foi compreendida como o emprego de PARTE PELO TODO.

Conforme estudos de Wilcox, Wilcox e Jarque (2003), a metonímia pode ser expressa em uma atividade (ação) ou mesmo nos sinais pessoais. A estratégia de usar um protótipo de interação com um componente específico metonimicamente para expressar uma atividade toda é comum em uma série de objetos e atividades.

PARTE DA AÇÃO PELA AÇÃO:

Por exemplo, em ASL DRINK-BRANDY (beber conhaque) usa uma forma da mão diferente, como se estivesse segurando prototipicamente um copo de conhaque. Exemplos similares de ASL incluem WATER (para regar um jardim usando uma mangueira), SHAMPOO (para aplicar shampoo à cabeça), bem como os sinais para uma série de atividades esportivas como TÊNIS (as mãos representam o processo de segurar e balançar uma raquete de tênis), e VOLEIBOL (ambas as mãos para cima batendo, como se devolver uma bola de vôlei).

CARACTERÍSTICA FÍSICA PELA PESSOA:

Já os sinais de nome descritivo, como indicado anteriormente, são comuns em ASL, a escolha de uma característica proeminente da pessoa, fazendo uso então da metonímia, é mais prevalente do que os descritivos misturados ou os tipos arbitrários (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003). Nos sinais pessoais, por exemplo, é comum que o sinal de uma pessoa faça referência a uma marca ou uma cicatriz. Assim quando se sinaliza a cicatriz, não se pensa na cicatriz em si, mas na pessoa como um todo. Assim, a parte – cicatriz – representa o todo – pessoa.

De forma genérica, pode-se dizer que um item lexical é criado em língua de sinais a partir de uma metonímia do referente. Nos exemplos ‘cavalo’, ‘coelho’ e ‘boi/vaca’, as partes do corpo – orelhas ou chifres – são escolhidas, prototipicamente, por muitas línguas de sinais para representar o referente, ou seja, para especificar o animal inteiro (WILCOX, 2000, p. 90).

Dessa forma, Wilcox, Wilcox e Jarque (2003) descobriram que sinais metonímicos têm um alto grau de iconicidade, pela escolha de uma característica do referente para produção do sinal. Mas esta metonímia pode transgredir a representação de um único referente e deslocar seu significado para outros campos. E é justamente este ponto que nos interessa nesta reflexão.

As expressões metafóricas podem ter sua origem em gestos e sinais icônicos que ao selecionar parte do referente fazem uso da metonímia e pela abstração cognitiva se distanciam deste campo concreto chegando a outros significados em um campo abstrato. Dessa forma, as expressões metafóricas podem ter sua origem em metonímias. Como no exemplo a seguir.

Partindo da situação de metonímia por “nome descritivo”, Wilcox, Wilcox e Jarque (2003) indicam que existe um tipo similar de metonímia que se baseia em características dos animais; ilustram a criação de uma metáfora e sua relação com a iconicidade e com a metonímia, como no caso do sinal para MULE (mula) em ASL (figura 4).



Figura 4: MULE

Baseado em: ASL dictionary online (<http://www.aslpro.com/cgi-bin/aslpro/aslpro.cgi>)

O sinal que iconicamente representa uma grande orelha para baixo, significa também ‘teimoso’ em ASL. Essa metonímia parece motivar uma metáfora mais abstrata em que o movimento, acentuado da mão para baixo (o que antes representava a orelha) é a fonte de um *mapeamento metafórico*⁶ para outro domínio mais abstrato, o da

⁶ As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio fonte para o domínio alvo. Assim sendo, levamos de um domínio para o outro nossos extensos conhecimentos sobre o

teimosia ou da recusa de agir. Essa metáfora em si parece motivada por uma metonímia, sugerindo que a partir de um movimento tenso e descendente indica a ação de uma pessoa que move a cabeça enquanto se recusa a fazer algo, tem sua origem no gesto corporal como uma representação comportamental (atitude), para o campo interno da emoção (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003, p.146).

Wilcox (2002) exemplifica este fenômeno, também no caso do sinal para BULL (boi) em ASL (figura 5). Os chifres – representação metonímica dos bovinos – dizem respeito à autoridade. Bois são metaforicamente estendidos para representar ‘presidente’. O sinal que designa um boi é um ícone de chifre; chifre é uma metonímia de boi, e boi é uma metáfora de presidente em ASL (WILCOX, 2000, p. 89).



Figura 5: BULL (PRESIDENT)
Baseado em: (WILCOX, 2000)

Becerra (2008) fez um levantamento de metáforas na língua de sinais chilena. Das 30 metáforas levantadas, apenas 19 foram analisadas conforme a proposta de duplo mapeamento sugerido por Taub (2001). Em um contexto de conversação social (Associação de surdos do Chile), ela registra o uso da língua e as construções metafóricas. Como por exemplo no sinal CABALLHO-ANTEOJERAS (viseira de cavalo):

domínio fonte e todas as inferências que podemos fazer nesse domínio para o domínio alvo. *Mapeamento* é o conjunto de correspondências conceituais. Por exemplo, a forma mnemônica *TEMPO É DINHEIRO* se refere ao conjunto de correspondências conceituais entre *TEMPO* e *DINHEIRO* (LAKOFF e JOHNSON, 2002).

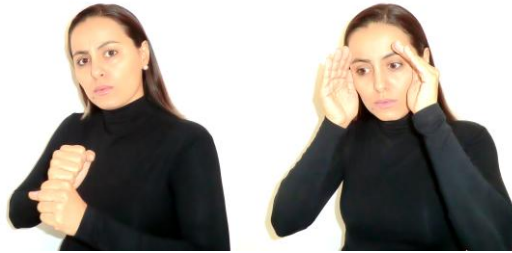


Figura 6: CABALLO-ANTEOJERAS

La persona es un estudiante aplicado. Traducción al lenguaje español: *La persona es un caballo*
Baseado em: (BECERRA, 2008)

Analisando o sinal (figura 6) acima apresentado, Becerra (2008) indica que para o mapeamento icônico, o sinal tem sua motivação no animal cavalo e no cabresto-comviseira, que levam a abstração de um estado de concentração, existe também na produção do sinal a relação do olhar fixo e do foco em determinado ponto. Dessa forma Becerra (2008) constatou que as 19 metáforas da língua de sinais chilena analisadas são icônicas.

As metonímias são baseadas também na incorporação de gestos em línguas de sinais, como indicam pesquisadores: “Encontramos dois tipos de metonímias com base no gesto, aquele em que o gesto em si é metonímico tendo como alvo o conceito, e outro em que o gesto mais um sinal manual indicam a metonímia” (WILCOX, 2004c).

Nesse último tipo, o gesto mais sinal manual, encontramos casos em que o gesto facial é morfologicamente ligado ao sinal manual (por exemplo, o sinal manual WORK (trabalho) em ASL combinado com um gesto facial dos olhos estrábicos e lábios unidos firmemente, juntos significa ‘com muito cuidado’, ou seja, significando ‘trabalhar com cuidado’) (ibid., 2004c).

Os dados apresentados por Wilcox (2000) mostram que as representações icônicas de domínios concretos podem referir-se em ASL a domínios abstratos (sentimentos e pensamentos) por meio de metonímia. Assim, as metonímias podem ser a base para uma construção metafórica.

Outro exemplo de metonímia é o sinal SAY (falante) (figura 7), pois o movimento circular representa a respiração que provém da boca do falante. O ar expirado é metonimicamente estendido para representar o discurso produzido pela pessoa (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003).



Figura 7: The ASL sign SAY
Baseado em: (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003, p. 150)

Esse sinal, portanto, em um sentido semanticamente estendido, SAY (falante) passou também a representar a pessoa que fala. Assim, os movimentos circulares, uma parte (o ato de falar) representa o todo (a pessoa fazendo um discurso). Essa metonímia é então ampliada quando o sinal SAY (falante) que representa a pessoa ouvinte é usada também para representar os pensamentos e cultura de pessoas falantes.

O sinal em ASL THINK-HEARING (pensar como ouvinte) (figura 8) demonstra a maneira complexa em que metonímia, iconicidade e metáfora se integram (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003).



Figura 8: The ASL sign THINK-HEARING
Baseado em: (WILCOX, WILCOX e JARQUE, 2003, p.150)

Em sua origem SAY significa pessoa que fala, mas quando esse sinal é deslocado para sua produção na testa, toma outro significado. A testa é uma metonímia para o cérebro, que pode servir como uma metáfora ontológica⁷ para um recipiente onde se processa o pensamento. Esses processos de pensamento são considerados processos de uma pessoa ouvinte (THINK-HEARING), e quando esse sinal é usado para um surdo há uma comparação da pessoa surda com a pessoa ouvinte. Ou seja, um surdo que

⁷ Metáforas ontológicas “são formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF e JONHSON, 2002, p. 76). A variedade de metáforas ontológicas é enorme. Nesta categoria enquadram-se as metáforas em que a mente é uma entidade, por exemplo, concebendo a mente como uma máquina, a mente como um recipiente onde se coloca coisas e a mente como um objeto frágil.

por sua condição histórica e social tenha assumido muitas características da forma de pensar e agir de uma pessoa ouvinte é referido por esta expressão como se tivesse ‘pensamento de ouvinte’, esta é uma expressão metonímica.

O sinal não mais metonimicamente se refere à produção de voz de uma pessoa ouvinte, ou mesmo à metonímia estendida para a cultura e os valores de pessoas ouvintes. Em virtude da colocação do sinal no local do pensamento, o sinal SAY, ao se referir a um indivíduo surdo, assume uma nova significação tendo em seu mapeamento uma relação com a fala e valores culturais dos ouvintes para um campo abstrato de incorporação pelo indivíduo surdo desses valores.

Esses valores e pensamento de uma pessoa surda como uma pessoa ouvinte é uma metáfora derivada de metonímia. Pode-se dizer, que THINK-HEARING com o sentido de ‘pensamento de ouvinte’ é construído a partir de um mapeamento metafórico.

Segundo Brennam (1990, *apud* WILCOX, 2000, p. 52, tradução nossa), “quando o sinal de PENSAR é representado pelo componente fonológico (configuração de mão com o dedo indicador estendido) tocando a fronte, pode-se classificá-lo como uma metonímia icônica”. Assim, a fronte é uma metonímia do cérebro e do pensamento. É icônico para uma metonímia e faz parte de um campo semântico específico, quando ocorre uma ampliação desse campo semântico no processo discursivo e de significação o sinal passa a pertencer a um campo metafórico.

A partir dessa forma de análise, como exemplificado anteriormente, o encadeamento metonímico de característica icônica transcende para abstrações conceituais.

3.3 Iconicidade cognitiva

Constatamos que muitas metáforas são criadas a partir de metonímias e que as metonímias por sua vez são icônicas. Wilcox (2000) por mais de uma década tem estudado e desenvolvido um modelo de iconicidade – a iconicidade cognitiva – com base na teoria da Gramática Cognitiva de Langacker. Nessa perspectiva teórica, o léxico e a gramática são totalmente descritíveis como montagens de estruturas simbólicas, ou seja, pares de estruturas semânticas e fonológicas. Do ponto de vista da gramática cognitiva, a gramática não é distinta da semântica, visto que não se pode fazer uma descrição gramatical reduzindo-a a uma relação entre a forma de seu significado (WILCOX, 2004c).

Assim, a iconicidade cognitiva é definida não como uma relação entre a forma de um sinal a que ele se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais. Iconicidade Cognitiva é a relação entre os pólos fonológico e semântico das estruturas simbólicas (WILCOX, 2004c).

A iconicidade para Wilcox (2004c) é considerada como um mapeamento dentro de um espaço multidimensional conceitual entre os pólos fonológico e semântico das estruturas simbólicas. Adotando o quadro da linguística cognitiva, define iconicidade cognitiva como um caso especial em que os pólos fonológico e semântico de uma estrutura simbólica residem em uma mesma região do espaço conceitual. Uma das razões para a riqueza da representação icônica presente nas línguas de sinais é que o pólo fonológico dos sinais envolve objetos que se movem no espaço, vistos de um ponto de vista pelos interlocutores: as mãos vão se movendo pelo espaço como visto pelo sinalizador e pelo seu interlocutor.

4. Apontamentos sobre Metáforas na Língua Brasileira de Sinais – Libras

Uma compreensão de como as metáforas funcionam em línguas de sinais é importante para a análise da iconicidade em Libras na medida em que permitem o alcance de que os signos icônicos são estendido para além do concreto, ou seja, a conceitos abstratos, e por sua vez, nos fornecer uma compreensão de que metáforas conceituais em Libras são recorrentes, muitas das quais são compartilhadas com o português (língua oral). A partir da pesquisa desenvolvida por Faria (2003), selecionamos alguns exemplos de itens metafóricos encontrados em enunciações de surdos brasileiros.

Muitas expressões em Libras são metafóricas, fazendo uso da compreensão de que ideias ou palavras são objetos a serem transmitidos, podendo ser retirados ou colocados na cabeça. A cabeça (mente) é compreendida como um recipiente, com localização específica e com possíveis funções desenvolvidas pelo objeto físico – cérebro.

Com base na visão cognitivista de metáfora (conceitos abstratos de caráter cognitivo que subjazem ao pensamento humano, guiando, assim, a linguagem e a maneira do ser humano compreender o mundo e de se referir aos objetos que estão próximos dele), podemos identificar um grande número de metáforas conceituais

também na Libras, como por exemplo ‘abrir a mente’, expresso em Libras conforme a figura 9:

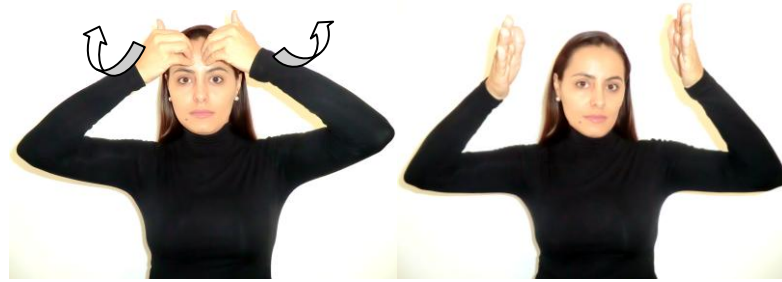


Figura 9
ABRIR-CABEÇA⁸
Baseado em: (FARIA, 2003, p.119)

O domínio fonte apresenta abrir como permitir a entrada e saída de algo, como a possibilidade de sair e entrar ideias. A ideia e pensamento são como objetos que podem ser colocados, retidos, transportados. Essa expressão significa ‘ter a mente aberta’, ser uma pessoa que permite inovações, mudanças de paradigmas, novos aprendizados, etc. (FARIA, 2003).

O cérebro também pode ser compreendido como um objeto rígido, ou seja, referindo-se a forma estática, imutável da parte física do cérebro. Como por exemplo, na expressão ‘cabeça dura’ (Figura 10):



Figura 10
CABEÇA DURA
Baseado em: (FARIA, 2003, p.89)

O domínio fonte dessa metáfora está no objeto rígido que não se deforma, ou seja, impenetrável, inflexível, engessado. Já o domínio alvo contrapondo-se à metáfora anterior de mente flexível, que pode mudar se refere a uma pessoa inflexível que dificilmente muda de pensamento ou de opinião (FARIA, 2003).

Nesses dois casos, a metáfora vincula-se ao sentido de mente como recipiente. Entretanto, a metáfora pode também aplicar-se em relação a outras partes do corpo e

⁸ Nesta seção as glosas se referem à descrição do domínio fonte e não necessariamente ao significado da expressão.

sensações físicas, isso porque, entre outras coisas, o corpo é interpretado a partir das experiências corpóreas e, assim, estruturamos a nossa linguagem.

Mantendo a questão a cabeça como domínio fonte, podemos citar a expressão ‘cabeça pesada’.



Figura 11
CABEÇA PESADA
Baseado em: (FARIA, 2003, p.101)

Quando se está nervoso e preocupado o corpo responde com uma reação física: o sangue sobe à cabeça e tem-se a impressão de que a cabeça aumenta e fica pesada, podendo ser interpretado como estar arrasado, nervoso, ‘o sangue sobe a cabeça’. Outras partes do corpo também podem servir como domínio fonte para as metáforas (FARIA, op. cit.). Como, por exemplo, ‘cair no sono’ (Figura 12).



Figura 12
PÁLPEBRA CAIR-FECHAR
Baseado em: (FARIA, 2003, p.113)

O domínio fonte está na ação de fechar os olhos, as pálpebras se fecham. ‘Cair no sono’ traduz a ideia de um sono profundo que realmente faz jus à metáfora com cair. Assim o domínio alvo se refere a dormir profundamente (FARIA, op. cit.).



Figura 13
ARREPIAR CABELO-DA-CABEÇA
Baseado em: (FARIA, 2003, p.105)

O domínio fonte para ‘ficar com os cabelos em pé’ está na sensação física dos vasos sanguíneos da pele se contraírem para conservar o calor. Isso faz com que fiquemos pálidos e arrepiados, o frio também ocasiona esta sensação e podemos ficar arrepiados por causa de um susto qualquer ou medo. Um susto de pavor e medo causa arrepios nos pelos de todo o corpo (FARIA, op. cit.).

A metáfora associa esse arrepio a qualquer dado surpreendente, escandaloso que possa ocorrer com a pessoa ou que ela possa presenciar ou ainda que seja a ela relatado, aí está do domínio alvo (FARIA, op. cit.).

Outro local de arrepio com domínio-fonte pode remeter o sentido para outro domínio-alvo, como o arrepio dos pelos do braço (figura 14) remetem os falantes de Libras a outro campo conceitual. O arrepio dos pelos do braço como domínio fonte tem como polo oposto o domínio alvo de ‘emocionante’, ‘encantador’, ‘comovente’ e ‘surpreendente’.



Figura 14
ARREPIAR PÊLOS-BRAÇO

Já a sensação física de contração e relaxamento do esfíncter anal como domínio fonte (figura 15) é levada a um sentido no domínio-alvo de ‘situação de perigo’, ‘situação de constrangimento’ ou mesmo personificando a condição de ‘covardia’ por um sujeito que não encara situações difíceis no dia-a-dia.

Em situações de embaraçamento, a sensação física é de contração dos músculos do corpo, inclusive do anel muscular à volta do ânus (esfíncter anal). Algo tão corporal tem a capacidade de ser conceitualizado em um domínio abstrato.



Figura 15
CONTRAÇÃO-ESFÍNCTER-ANAL

Nesse tópico, apontamos exemplos em Libras que revelam a relação dos surdos com o mundo e suas experiências como forma de produção de sentidos, os quais são expressos na linguagem. Lakoff e Johson (2002 [1980]) categorizamos os objetos e experiências, consideramos que “para iluminar certas evidências, desviamos a atenção de outras, e usamos categorizações para pôr em evidência propriedades que correspondem às nossas intenções”.

Todos os exemplos, até então apresentados, se referem a “bases experienciais”, principalmente, por experiências corpóreas. Todavia, Lakoff e Johson (2002 [1980]) destacam que a cognição experencialista inclui que experiências sociais, emocionais e sensório-motoras, ampliando seu sentido inicial.

Os exemplos até então apresentados vão de um domínio da sensação física para um domínio abstrato. Grande número de nossos conceitos é orientado em função de sua relação com as propriedades físicas das entidades, não necessariamente de nosso corpo, mas de objetos e animais com que convivemos. Em uma sociedade em que homem tem contato próximo com animais é comum a construção de metáforas, a partir de nossa compreensão das características dos animais, do seu corpo ou partes do corpo.

No domínio fonte identificamos a lesma (figura 16) como um molusco bastante lento; no domínio alvo: passa a caracterizar pessoa lenta para desempenhar certa atividade ou tudo o que faz. Pode ainda caracterizar não um indivíduo, mas um processo lento. Significando, ‘que lerdeza’, ‘é vagaroso demais’ (FARIA, 2003).



Figura 16
LESMA

Baseado em: (FARIA, 2003, p.120)

Os termos em questão referem-se a valores atribuídos socialmente aos cães de raça como cães puros vs vira-latas, cães de raça misturada, ou sem raça, ou seja, os primeiros são tratados em Libras como cães originais de categoria superior oposta a impureza dos últimos.



Figura 17
CACHORR@ VERDADE

Baseado em: (FARIA, 2003, p.147)

Assim, CACHORR@ VERDADE (figura17) em um domínio-fonte podem representar em um domínio alvo algo puro, original, sendo transferido para objetos e pessoas autênticas.



Figura 18
CACHORR@ BARAT@

Baseado em: (FARIA, 2003, p.147)

CACHORR@ BARAT@ (figura 18) em um domínio-fonte pode representar em um domínio-alvo algo ‘falsificado’, ‘não original’, ‘adulterado’, sendo transferido para objetos e pessoas falsas (FARIA, op. cit.).

Além dos sinais para animais cachorro e lesma serem usados com uma aplicação metafórica, eles são metonímicos, pois para sua produção foram motivados por partes do referente. Para cachorro, por exemplo, de todo o animal o focinho foi o aspecto motivador para a criação do sinal, e da lesma seu corpo e movimento são motivadores para a criação do sinal, ou seja, os dois são sinais icônicos. Pela abstração cognitiva o sinal lexical que se refere a um animal pode transgredir este espaço conceitual e se referir a outro sentido, como apresentado.

As metáforas da Libras que examinamos neste tópico são metáforas convencionais, isto é, metáforas que estruturam o sistema conceptual ordinário da cultural surda, o qual se reflete na linguagem do dia-a-dia. “O sentido que uma metáfora terá para mim será, em parte, determinado por fatores culturais e, em parte, ligado às minhas experiências passadas” (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 239).

5. Considerações ainda iniciais

Muitos dos sinais usados nas línguas de sinais são icônicos. Essa iconicidade pode estar relacionada à construção metonímica do sinal. Todavia, essas convenções lexicais podem ser transgredidas pela aplicação cognitiva de transferência do significado de um domínio fonte concreto para um domínio alvo mais abstrato o que se tem chamado de metáforas conceituais.

Atualmente, linguistas têm proposto que a iconicidade cognitiva conduz a relação entre gesto e língua, bem como o processo pelo qual estruturas linguísticas surgem a partir de fontes gestuais. Um reexame sobre arbitrariedade e iconicidade de uma perspectiva de iconicidade cognitiva sugere que os dois podem coexistir, uma vez que ambos são reflexos de um complexo sistema linguístico e cultural, com bases cognitivas subjacentes da linguagem (WILCOX, 2004c).

Muitas questões ainda estão por ser respondidas: Quais as operações gramaticais que submergem à iconicidade? No processo interpretativo, como o interlocutor compreende as mudanças da significação dos sinais? Quais os processos para a coexistência entre a iconicidade e arbitrariedade?

Por fim, consideramos que a enunciação permite o movimento do significado do sinal. Há uma relação dialética entre a estabilidade do significado do sinal compartilhado pelos falantes da língua, que nos permite o reconhecimento do sinal como mesmo signo em diferentes enunciações, e a mobilidade a depender da especificidade de situações enunciativas.

6. Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. *Tenha “olho caro”*: a Interpretação de Expressões Idiomáticas da Língua de Sinais Brasileira. Anais do 2o encontro de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul. APILMS, 2006.

BECERRA, Carolina. Metáforas em Lengua de Señas Chilena. Universidade Católica de La Santíssima Concepción. In: *Psykhe*, Mayo 2008, vol.17, no.1, p.41-57. Visitado em: <http://www.scielo.cl/pdf/psykhe/v17n1/art05.pdf>. Acesso: 20 jun. 2009.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática da língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CHAFE, Wallace L. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press. 2001.

FARIA, Sandra Patrícia. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. Mestrado em linguística. Universidade de Brasília, UNB. 2003.

_____. *Metáfora na LSB: por debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?*. ETD. Educação Temática Digital, <http://143.106.58.55/revista/v>, v. 07, n. 02, 2006.

FAUCONIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

FILLMORE, Charles J., *Mechanisms of Construction Grammar*, *Berkeley Linguistic Society* 14: 1988. 35-55.

FIORIN, José Luiz. A teoria geral dos signos. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

GENTNER, D. Spatial metaphors in temporal reasoning. In M. Gattis (Ed.), *Spatial schemas in abstract thought* Cambridge, MA: MIT Press. (2001). (pp. 203-222). <http://groups.psych.northwestern.edu/gentner/papers/Gentner01.pdf>

GOLDBERG, Adele E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

HILFERTY, Joseph. Cognitive linguistics: an introductory sketch. In: Lorente, Mercè et al. (Orgs.). *La gramàtica i la semàntica en l'estudi de la variació*. Actes del 5è i 6è colloquis lingüístics de la Universitat de Barcelona (CLUB-5, CLUB-6). Barcelona: PPU, 2001. p. 189-250.

LAKOFF, George e MARK, Johnson. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George e MARK, Johnson. The Self. In: *Philosophy in the flesh*. The embodied mind and its challenge to western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George e MARK, Johnson. *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo: Mercado das letras, 2002.

LAMBRECHT, Kund. *Information Structure and Sentence Form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge University Press. Inglaterra: Cambridge, 1994.

LANGANCKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume II – descriptive application. Stanford University Press, California. 1991.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas on line – atemática*. Programa de pós-graduação em linguística/UFJF – Juiz de Fora. 1/2011, p. 289-304 –

PEREIRA, Priscila Frehse. *Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em Libras*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 2007.

<
<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/11336/1/disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Priscila%20Frehse%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 5 jul 2009.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudo linguístico* Porto Alegre: Artmed. 2004.

TALMY, L. *The windowing of attention in language*. In: SHIBATANI, M. e THOMPSON, S. Grammatical construction. Oxford: Clarendon Press, 1996.

TAUB. Sarah F. *Language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

TURNER, M. (2003). Double-scope stories. In: HERMAN, D., *Narrative theory and the cognitive sciences*. CSLI Publications. p. 117-142.

UFSC; SEED/MEC. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras/Libras. Disponível: <<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>>. Acesso: 15 mar. 2009.

VALLDUVÍ, Enric. *The Informational Component*. New York: Garland. 1992.

WILCOX, P. P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

_____. P. P. A cognitive Key: Metonymic and metaphorical mappings in ASL. *Cognitive Linguistics*, 2004a. Disponível em: <http://www.unm.edu/~pwilcox/PWilcox_Key.pdf>

_____. P. P: Cross-linguistic analysis of metaphor and metonymy in signed languages. Poster. In: *TISLR 8 Barcelona*, September 30 - October 2. Programme and Abstracts. (International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research; 8). 2004b - pp. 202-203

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics* 15.2: 119-148. 2004c

WILCOX, Sherman, WILCOX, Phyllis Perrin; JARQUE, Maria Josep. Mappings in conceptual space: Metonymy, metaphor, and iconicity in two signed languages. In: *Jezikoslovje* 4.1. 2003 - pp. 139-156.

NARRATIVAS EM LIBRAS: UM ESTUDO-PILOTO À LUZ DA TEORIA DE LABOV (1967)

Maria Carolina Casati Digiampietri¹

1. Introdução

Uma das atividades mais comuns da vida social é compartilhar histórias. Em nossas interações e conversas, diálogos e encontros, frequentemente relatamos situações acontecidas e ouvimos os outros contarem suas experiências. Podemos dizer que estamos o tempo todo produzindo, ouvindo e participando de narrativas.

Com a comunidade surda não poderia ser diferente. Narrativas em línguas de sinais são repletas de recursos visuais e incorporação de personagens por parte dos narradores. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a estrutura das narrativas em línguas de sinais à luz da teoria de Labov (1967, 1997, 2001). Mais especificamente, procuramos comprovar que as narrativas em línguas sinalizadas apresentam a mesma estrutura observada por Labov nas narrativas construídas em língua oral; bem como alargar o conceito de oralidade discutido por Ong (2006). Para atingir tal objetivo, contamos com uma colaboradora surda que narrou uma experiência pessoal em língua de sinais brasileira (libras)². Em anexo, apresentamos a glosa para o português da referida narrativa. Antes, porém, de iniciarmos a discussão sobre a narrativa eliciada, é importante que apresentemos as principais características desse gênero linguístico tão frutífero e importante para o ser humano: a narrativa.

¹ Mestre em Letras pela USP.

²Agradeço à surda Adriana Horta de Matos por ceder os direitos de uso de imagem e possibilitar, assim, a elaboração deste ensaio.

2. Narrativa: definições³

“Narrativas são interativas, trans-históricas, transculturais: elas são como a própria vida: simplesmente existem” (BARTHES, 1977).

Contar histórias sobre eventos passados ou planos futuros parece ser uma atividade humana por excelência. Trata-se de uma das primeiras formas de discurso aprendida na infância e que é usada ao longo da vida de pessoas de todas as classes sociais, de todas as partes do mundo (RIESSMAN, 1993, p.3). É por meio das narrativas pessoais que os indivíduos exigem o pertencimento a certos grupos sociais, justificam suas atitudes e afirmam suas identidades (LINDE, 1993, p.219).

De acordo com Clandinin e Connelly (2000), é possível afirmar que os seres humanos entendem o mundo de forma narrativa. Segundo os autores, a vida é repleta de fragmentos narrativos e apresenta histórias que se desenvolvem ao longo do tempo e em um espaço definido. Por isso, a narrativa é o melhor método de representação e entendimento da experiência vivida.

De fato, a narrativa sempre despertou interesse das mais diversas áreas do conhecimento tais como: medicina, antropologia, análise do discurso, psicologia, estudos de gênero e literatura. Podemos dizer que essa é uma forma básica e constante de expressão humana que pode ser encontrada em todos os grupos sociais, independente de sua etnia, cultura ou língua materna (HAZEL, 2007). Narrativas são, portanto, representações, formas de reconstruir e interpretar o passado (Riessman, 1987). Elas conectam nossas experiências com o mundo aos nossos esforços em para descrever essas experiências e significá-las. Segundo Neugarten (1999), ao narrarmos um evento ou um acontecimento, estamos reinterpretação o passado com olhos do presente; assim, selecionamos nossas memórias e reafirmamos a importância dos acontecimentos de outrora a fim de encontrar coerência em nossas atitudes atuais. De acordo com Bruner (1990, 2004), narrativas mostram como construímos e organizamos o mundo; é por meio delas que atribuímos significados às nossas experiências.

Quase todos os autores mencionados apresentam um ponto comum: é por meio da estrutura narrativa que organizamos e significamos nossas experiências (MISHLER, 1986). É um dos motivos que explica a força da estruturação narrativa para a construção

³ Este texto é uma adaptação da dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo: Digiampietri, M. C. C., 2009.

de significados é a maneira pela qual conceitualizamos o mundo: uma série de experiências. Embora acreditemos que essas experiências são continuamente variáveis e sem ligação entre si, nós as analisamos como “eventos” – a alguns baseados nos ciclos da natureza (noite e dia, estações do ano), outros em construtos culturais tais como: feriados, semestres letivos, casamentos (HAZEL, 2007). O tempo vivido é, dessa forma, dividido em “marcos” pessoais. Entre eles, podemos citar ainda: quantos anos permanecemos em um emprego, por quanto tempo tivemos um relacionamento, em quantos meses completamos um projeto, entre outros (OLIVEIRA, REGO e AQUINO, 2006).

Em suma, podemos afirmar que, de acordo com os teóricos citados, a narrativa é uma estrutura discursiva que serve para organizar algo que é potencialmente caótico: as experiências vivenciadas. Mas como isso funciona? Para respondermos a esta questão é importante ter em mente que as funções narrativas podem ser observadas a partir de dois polos: um polo que corresponde ao conteúdo da narrativa e aos subsídios que as formam e o outro que versa sobre a estrutura – a forma – desse gênero. Segundo Bruner (1990), as narrativas estão fortemente ligadas à cultura dos falantes. Cada grupo social possui um repertório de grandes narrativas que fundamentam as crenças, histórias e valores de suas culturas. Como compartilham com os demais membros da sociedade essas grandes narrativas, os indivíduos as assimilam e as transformam, acrescentando novas narrativas a esse repertório e usando-o como base de suas próprias narrativas.

De acordo com o autor, as narrativas que contam experiências pessoais (autobiografia) são como um gênero literário. Para ele, “as vidas são textos: textos sujeitos à revisão, exegese, reinterpretação”. Para aqueles que produzem as narrativas, as “vidas narradas são textos passíveis de interpretação alternativa” (BRUNER e WEISSER, 1995, p. 142). Essa possibilidade de avaliação do passado – podemos contar ou escrever nossas experiências e depois lê-las ou lembrá-las – faz com que nos comprometamos com uma versão dos fatos e, dessa forma, o passado se torna essa versão particular ou adaptada os eventos (BRUNER WEISSER, 1995).

Bruner (1990), portanto, define a narrativa como o modo pelo qual entendemos e conceitualizamos nossas experiências com o mundo e com outros indivíduos. Por um lado, possuímos uma pré-disposição inata e primitiva para organizar e entender o mundo e nossas experiências por meio de narrativas. Por outro, a cultura desde cedo nos equipa (e habilita) com novas interpretações e formas narrativas.

Ainda de acordo com este autor, as principais características da narrativa são:

- falar de algo da ação humana,
- apresentar uma ordem sequencial e causal de eventos,
- transitar entre o canônico (eventos considerados ordinários) e o não-canônico (eventos ou situações apresentados como algo fora do comum),
- indicar o ponto de vista do narrador (ou os pontos de vista que o narrador pode apresentar durante o relato, e.g. narrador, personagens, pai, amigo) (BRUNER, 1990, p. 77).

No que diz respeito à estrutura da narrativa, um dos autores que mais se debruçou sobre o assunto é Labov (1967, 1997, 2001). Tendo como base um corpus de pequenas narrativas pessoais gravadas durante entrevistas com informantes de várias classes sociais em Nova Iorque, o autor demonstrou que as narrativas possuem características bem definidas e seguem algumas regras de elaboração. Em primeiro lugar, narrativas são sequenciais. Isto significa dizer que o falante procura dar sequência lógica – cronológica (a sequência segue a ordem na qual os eventos aconteceram) e causal (estabelecimento de relações de causa e consequência) – à sua história.

Podemos dizer, então, que em essência, a narrativa é icônica: ela é uma sequência de sentenças que descreve uma série de eventos na ordem cronológica em que os acontecimentos se deram (LABOV e WALETZKY, 1967). Labov observa, no entanto, que não é qualquer sequência de acontecimentos que é narrada: apenas merecem o *status* de “narráveis” aquelas sequências de eventos que entraram para a biografia do falante, isto é, que têm um significado especial para o narrador. A importância dos eventos se dá porque a sequencialidade está fortemente ligada à outra característica narrativa: a causalidade. Ao selecionar uma série de eventos e colocá-los numa determinada sequência, o narrador explica como suas experiências aconteceram, detalhando a maneira pela qual um evento o levou a outro, apresentando as causas e as consequências de seus atos e escolhas⁴.

Embora uma elaboração sequencial e icônica de eventos forme a essência da narrativa, Labov mostrou que a narrativa normalmente é equipada — pelo menos as narrativas orais estudadas pelo teórico — de um conjunto de outras estruturas que

⁴ A possibilidade de estabelecimento de relações de causa e efeito se dá na narrativa porque, ao narrar sua história, o falante já viveu aquelas experiências. Como elas estão no passado, ele já teve tempo de analisar, rever, interpretar e ponderar acerca daquelas vivências, uma vez que está olhando para o passado a partir de um ponto de vista presente.

ajudam a inserir, demarcar e ressaltar a importância dos eventos compartilhados. Dessa forma, ele identifica os seguintes elementos como sendo típicos das narrativas orais:

- **Resumo:** frequentemente, narradores iniciam a narrativa com algumas sentenças que resumem toda a história. Essas sentenças podem ser consideradas um sumário da narrativa;
- **Orientação:** nas sentenças chamadas de “orientação”, o narrador apresenta, de alguma maneira, o tempo, o lugar, as personagens e o que estas faziam durante a ação. Essas informações podem estar no começo da narrativa, mas, na maioria dos casos, aparecem em pontos estratégicos do relato;
- **Complicação:** série de sentenças que mostram o desenvolvimento da ação⁵,
- **Avaliação:** sentenças que revelam a atitude do narrador acerca da narrativa por meio da ênfase que é dada a alguns pontos em detrimento de outros. Pode-se dizer que os avaliadores indicam o “porquê” da narrativa;
- **Resolução:** sentenças que indicam que a narrativa está se aproximando do seu final. Essas sentenças “resolvem” os conflitos e complicações apresentados;
- **Coda:** dispositivo funcional que retoma a perspectiva verbal para o momento presente (LABOV, 2001, p. 3).⁶

As narrativas estudadas por Labov foram produzidas em língua oral. Porém, como mencionado, é nosso objetivo verificar se essa estrutura (resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda) também faz parte das narrativas construídas em línguas sinalizadas. Dessa forma, vejamos, primeiro, como essas línguas constroem narrativas e, depois, tentemos dividi-la uma narrativa em libras de acordo com a estrutura proposta por Labov.

⁵ A parte central da narrativa que relata a sequência de eventos é a complicação; mas ela pode ser recortada de várias formas pelas outras estruturas de apoio. O que parece sempre estar presente é a avaliação. Essa estrutura é a que garante tanto a reportabilidade (a narrativa deve tratar de algo que fuja à normalidade, algo que “merece” ser narrado) e quanto a credibilidade (a narrativa deve ser estruturada de forma a tornar crível e verossímil tudo o que apresenta) da narrativa.

⁶ É importante ressaltar que as narrativas estudadas por Labov foram produzidas em língua oral. Por isso, além da sequencialidade de eventos, elas também apresentam o que podemos chamar de “sequencialidade de produção”, visto que o discurso oral é produzido de maneira sequencial – com um som (um fonema) após o outro. Porém, as características apresentadas pelo autor também são observadas nas narrativas em línguas sinalizadas.

3. Línguas sinalizadas: estudos narrativos

“To tell a story is to take arms against the threat of time, to resist time, or to harness time. Telling a story preserves the teller from oblivion; the story builds the identity of the teller and the legacy which she or he leaves for the future” (PORTELLI, 1991).

A capacidade de narrar remonta à pré-história. Ela é uma das habilidades que fizeram emergir o homem 'cognitivamente moderno' (TURNER, 2003). Muito antes da invenção da escrita, as histórias já existiam e eram contadas e recontadas para não caírem no esquecimento e desaparecerem das suas comunidades de origem⁷. E, ainda que as sociedades atuais tenham muito contato com a escrita, o processo de elaboração de narrativas sempre é mais produtivo no campo da oralidade.

É importante ressaltar que, embora autores como Ong (2006) associem “oral” a “sonoro”, neste ensaio, o termo “oralidade” é entendido não apenas como comunicação face-a-face por meio de uma língua oral ou como a manifestação fônica de uma língua. “Oralidade” aqui compreende toda manifestação linguística que não se dá por meio da escrita. Dessa forma, comunidades surdas que fazem uso de línguas sinalizadas para se comunicar devem ser vistas pela ótica da oralidade, assim como as narrativas produzidas por elas, uma vez que compreendem manifestações verbais não escritas.

As narrativas em línguas de sinais são alvo de diversos campos teóricos. Porém, para os fins deste texto, a Linguística Cognitiva se apresenta como uma base teórica bastante eficaz. De acordo com essa teoria, as experiências que temos com nosso corpo desde o ventre materno e aquelas que temos com o ambiente que nos rodeia formam a base de nossa cognição. Depois de várias experiências físicas semelhantes, somos capazes de fazer comparações e identificar esquemas cada vez mais abstratos a partir das instâncias vivenciadas (EVANS e GREEN, 2006). Esses esquemas incluem processos cognitivos estáticos e dinâmicos associados a elementos tais como: eventos, orientação espacial, movimento, força, entre outros. Esses esquemas – chamados ‘esquemas imagéticos’ – seriam os mais básicos em termos de abstração e incluiriam conceitos como ‘para cima’, ‘para baixo’, ‘dentro’, ‘fora’, ‘resistência à força’

⁷ De acordo com Ong, existe uma diferença entre culturas que nunca tiveram contato com a escrita e culturas nas quais a oralidade convive há muito tempo com a escrita. Nessas últimas, embora a escrita possa imitar as formas da oralidade, ela também desenvolve formas e gêneros próprios ao meio, e essas formas passam a ser imitadas pela oralidade. O autor chama de “oralidade primária” culturas nas quais o contato com a escrita ainda não se efetivou.

(OAKLEY, 2005, p.4). Esses elementos, de acordo com a abordagem da Linguística Cognitiva, também seriam a base das abstrações que fazemos a fim de criarmos conceitos a partir de experiências mais físicas e concretas. Nossa cognição estaria, portanto, toda fundamentada no pensamento metafórico.

De fato, segundo a Linguística Cognitiva, toda a nossa cognição – inclusive as narrativas que criamos para atribuir significados à nossa experiência – seria organizada por meio de comparações, abstrações e metáforas (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Como não podemos ter acesso direto à cognição, só conseguimos conhecer o funcionamento da mente humana e ver como ela se organiza por meio de pistas encontradas na língua (tanto sinalizada quanto oral). (CHAFE, 1994; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; FAUCONNIER, 1985)⁸.

No que tange à construção de narrativas em línguas sinalizadas, a teoria dos “Espaços Mentais” parece ser particularmente útil⁹. De acordo com essa teoria, para entender o significado das sentenças em línguas naturais, o usuário não se vale somente de regras gramaticais; também faz uso de estruturas cognitivas que são independentes das realizações linguísticas e que não estão restritas à atividade verbal (FAUCONNIER, 1985; FAUCONNIER e TURNER, 1996 e 1998). Uma das estruturas cognitivas mais importantes para essa construção de significados são os chamados “Espaços Mentais”. *Grosso modo*, essas estruturas podem ser definidas como construções cognitivas desenvolvidas à medida que pensamos e falamos. Essas estruturas têm o propósito de representar um evento, bem como levar o indivíduo à compreensão de alguma situação ou leva-lo à ação (FAUCONNIER, s/d)¹⁰.

⁸ Os linguistas cognitivos enxergam a língua como parte da cognição. Assim sendo, de acordo com esses teóricos, a língua também é baseada nas experiências que temos com nossos corpos e com o meio ambiente que nos cerca. Essas experiências e abstrações seriam a origem do uso das palavras de uma língua. Dessa forma, depois de muitas experiências corporais que envolvem “dentro” e “fora”, por exemplo, somos capazes de fazer uma abstração do conceito de "estar dentro" a ponto de poder formular algo como “estar na miséria”. Essa construção nos mostra que o termo “miséria” é conceitualizado como um recipiente no qual podemos colocar e tirar objetos. O exemplo dado é possível porque os seres humanos são conceitualizados como “objetos” que podem estar “dentro” do recipiente, “na miséria”.

⁹ Adaptado de “Espaços Mentais e a Categoria de Pessoa nos Discursos das Línguas de Sinais”, in: Moreira, R. L., 2007.

¹⁰ Neste sentido, podemos dizer que os Espaços Mentais correspondem, em certa medida, às narrativas; uma vez que servem para representar um evento, bem como possibilitar que os indivíduos compreendam algum acontecimento.

De acordo com Liddell, há duas grandes categorias de “Espaços Mentais”: os que estão fundamentados na realidade e representados como parte do contexto da enunciação – *grounded*; e os que não são apresentados como parte da enunciação – *non-grounded*. Nestes “Espaços”, a representação das entidades não ocorre a partir do espaço físico; enquanto, naqueles, as entidades representadas no discurso remetem àquelas presentes no espaço físico imediato (MOREIRA, 2007).

A modalidade gesto-visual das línguas sinalizadas faz com que a maior parte dos espaços mentais dessas línguas seja do tipo *grounded*. Ocorre que, nessas línguas, esses espaços podem ser, de fato, representados no espaço físico e sobrepostos a ele. Além disso, as entidades pertencentes a esses espaços também podem ser representadas no espaço de sinalização, o que faz com que estejam “presentes”, simultaneamente, nesses dois espaços (LIDDELL, 2003; LIDDELL e METZGER, 1998).

Observa-se que, nas narrativas em línguas sinalizadas, há, na maioria dos casos, a integração de três tipos de espaços mentais: espaço real, token e sub-rogado. O “espaço real” é a concepção particular que o indivíduo tem daquilo que é fisicamente real no ambiente no qual ocorre dada enunciação. Assim, as entidades pertencentes a este espaço também podem ser consideradas “reais”, à medida que são, também, representações mentais de pessoas que estão fisicamente presentes no lugar e no tempo em que ocorre a enunciação. Nas narrativas em línguas sinalizadas, essa referência (das entidades no “espaço real”), é feita por meio de sinais que apontam para locais conceitualmente associados às entidades¹¹. O “espaço real” é muito abrangente (e não se restringe apenas ao espaço à frente do narrador), visto que o sinalizador pode apontar para (praticamente) qualquer lugar que se relacione com as representações mentais às quais as entidades se referem (LIDDELL e METZGER, 1998).

O “espaço token” é aquele no qual as entidades ou elementos a se indicar são representados sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. Essas entidades são invisíveis e são sobrepostas ao “espaço real” (ou seja, se realizam de forma simultânea a este espaço na narração). Nas línguas sinalizadas, as representações token são projetadas no espaço de sinalização (que fica em frente ao corpo do sinalizador). O “espaço token” se limita à representação da terceira pessoa e os sinalizadores podem usá-lo para fazer referência tanto à pessoas que não estão presentes no momento da construção da narrativa, quanto para assuntos de ordem geral. O sinalizador até pode

¹¹ Sinais que “apontam” para algo no discurso são chamados sinais “dêiticos”.

contar duas narrativas (dentro de uma narrativa maior) e colocar cada uma delas um ponto específico do “espaço token”. Assim, cada vez que se referir a uma das narrativas, apontará para o ponto no qual esta foi colocada e seus interlocutores saberão sobre o que ele está falando (LIDDELL e METZGER, 1998; MOREIRA, 2007).

Quanto ao “espaço sub-rogado”, podemos dizer que se trata da conceitualização de algo que já aconteceu ou ainda acontecerá. Ou seja, estamos falando aqui da essência da narrativa (que lida com eventos passados e com projeções de situações futuras). Devido à esta “aproximação” do “espaço sub-rogado” à estrutura narrativa, nas línguas sinalizadas este espaço que também é integrado ao “espaço real” é representado visualmente por algo como uma encenação do sinalizador/ narrador¹². No sub-rogado, o sinalizador/ narrador assume os papéis dos participantes da narrativa. Sendo assim, explora ao máximo o espaço físico e as entidades incorporadas pelo sinalizador/ narrador são representações mentais em tamanho natural que assumem posições muito realistas (por isso, são chamadas entidades sub-rogadas). Essas narrativas não se limitam ao espaço de sinalização (embora aconteçam, em parte, nele) e apresentam fortes traços de simultaneidade: além de o “espaço sub-rogado” se sobrepor (ocorrer simultaneamente) aos espaços real e físico, o corpo do sinalizador é – simultaneamente – narrador e personagem da narrativa (LIDDELL e METZGER, 1998).

4. A estrutura proposta por Labov: narrativas sinalizadas podem se desenvolver dessa maneira?

É possível identificar todas as estruturas propostas por Labov em narrativas construídas em línguas de sinais? Para responder a tal questão, contamos com a colaboração de Adriana Horta de Matos, surda, bilíngue (Libras e português) e professora de libras, que contou uma pequena narrativa em língua de sinais brasileira¹³.

¹² Segundo Liddell (2003) e Liddell e Metzger (1998), “o espaço sub-rogado também é bastante usado, tanto pelos ouvintes quanto pelos surdos, para contar histórias, narrar um diálogo, citar a fala ou a sinalização de alguém” (MOREIRA, 2007, p.49).

¹³ A narrativa sinalizada será analisada a seguir com a apresentação das imagens dos sinais. LEITE (2008) levantou a questão de divisão das sentenças levando em consideração as unidades entoacionais da Libras. Todavia, o estudo sobre a prosódia de línguas de sinais ainda é escasso. Dessa forma, optamos por delimitar as sentenças em Libras levando em consideração, 1) prosódia (pausa e expressões faciais, 2) produção do sentido durante o processo de percepção e

A narrativa apresentada a seguir foi originalmente contada em libras e posteriormente traduzida para o português.

“Oi, tudo bem? Prazer! Meu nome é A-D-R-I-A-N-A. Meu sinal é *Adriana*
Eu vou contar uma história sobre as minhas férias.
Sempre viajo para a casa da minha família. Eles moram longe, em Brasília.
Nas férias, eu encontro minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, a família toda,
No mês de janeiro, eu fui para lá e resolvemos ir para um lugar que tivesse piscina, sol.
Legal.
Escolhemos uma cidade do interior de Goiás, Caldas Novas. Sinal *Caldas Novas*.
Chegamos ao hotel à noite,
ansiosos,
querendo nadar, passear, imaginando...
Mas começou a chover, trovejar forte.
Ficamos tristes, preocupados.
“Como vamos fazer?”
Dormimos e quando acordamos o tempo estava escuro.
Esperamos 1, 2, 3 horas.
De repente, o sol saiu.
“Que legal!”
Colocamos os biquínis rápido e descemos correndo para a piscina.
Quando chegamos, a piscina estava vazia.
Nos olhamos, tristes:
“Perdemos o passeio”
Que pena!”

Nas próximas seções, apresentaremos a narrativa eliciada em uma tentativa-piloto de divisão à luz da teoria de Labov¹⁴.

entendimento da língua falada e de espaço linear do suporte onde materializamos as imagens (folha A4).

¹⁴ É importante ressaltar que as imagens aqui apresentadas apresentam apenas um momento da realização dos sinais. Como os sinais são dinâmicos, por questões metodológicas, apenas a finalização dos sinais – que apresentam movimento – será apresentada neste artigo.

- Apresentação



É importante lembrar que esta narrativa foi elaborada em libras e, por isso, alguns de seus elementos refletem as particularidades dessa língua. Observa-se, por exemplo, que a narradora soletra manualmente (digitaliza) seu nome e, em seguida, apresenta aos interlocutores seu sinal (seu “nome”, sua “representação” em libras). Nesse caso, o sinal da narradora é realizado da seguinte maneira: mão direita configurada em A, movendo a mão atrás da orelha, do topo até o lóbulo.

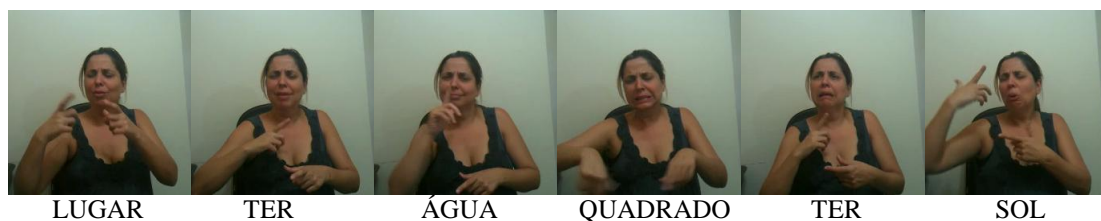
- Resumo





Observa-se, nessa sequência, que a sinalizadora produz aquilo que Labov classifica como Resumo: sumariza para o interlocutor o assunto da narrativa; neste caso, uma viagem de férias com a família. É interessante notar que, além de apresentar uma pequena síntese da narrativa, a sinalizadora também, de certa forma, orienta o interlocutor quanto aos (possíveis) personagens da história. Introduce, portanto, sua mãe, seu pai e seus dois irmãos.

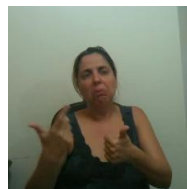
- Orientação



¹⁵ Na realização de MÃE até IRM@, observa-se que a sinalizadora está fazendo uso de uma boia. De acordo com Liddell (2003), quando sinais produzidos com a mão passiva são mantidos parados no ar concomitante à realização de outros sinais pela mão ativa, a mão passiva pode ser considerada uma boia. No caso do exemplo mencionado, a boia pode ser caracterizada como de “listagem”, visto que indicam a discriminação dos “itens” da lista mencionados: dois irmãos. Para mais informações sobre o uso de boias na libras, ver Leite (2008).

Nesta sequência, é possível identificar mais um trecho de Orientação: a narradora apresenta o tempo e a motivação da mudança de estado dos personagens. É importante ressaltar que, assim como alertava Labov (1967), nem sempre a Orientação ocorre por meio de uma única sequência de orações; por vezes, essas sentenças estão diluídas ao longo da narrativa. É justamente isso que observamos na narrativa estudada: já no Resumo, a sinalizadora inicia o “processo orientativo”, indicando quem são os personagens – ela, a mãe, o pai e os dois irmãos – e um dos cenários – Brasília. Durante este trecho de Orientação, é possível dizer que a narradora apresenta uma breve Avaliação. Observe:

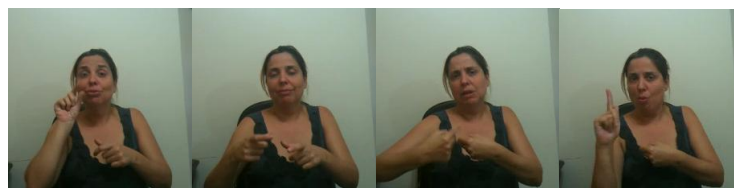
- Avaliação



B@M

O sinal B@M realizado com a mão esquerda na continuidade da sentença anteriormente apresentada, parece apresentar a opinião na narradora sobre a escolha do lugar das férias da família.

- Orientação

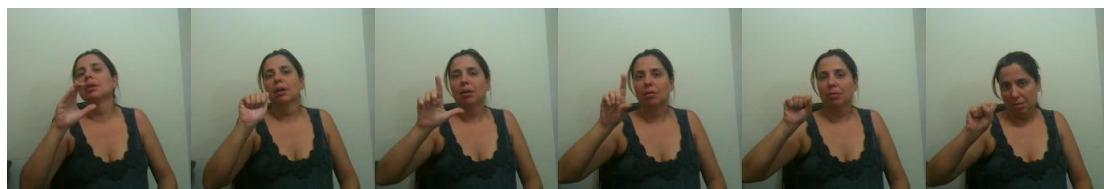


ESCOLHER

LUGAR

INTERIOR

GOIÁS



C

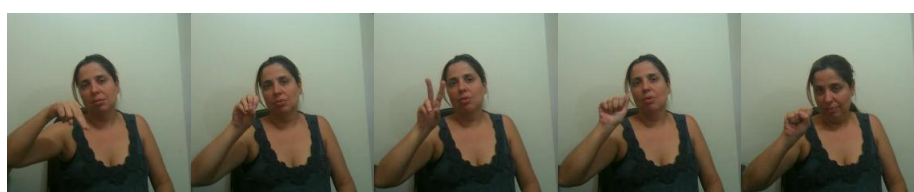
A

L

D

A

S



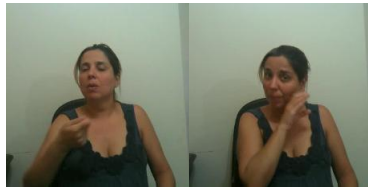
N

O

V

A

S

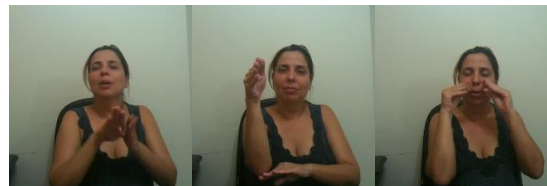


SINAL CALDAS-NOVAS

Observamos, aqui, que a narradora “orienta” os interlocutores apresentando o cenário no qual a ação se desenvolveu.

As próximas orações apresentam sequências intercaladas de Complicação e Avaliação.

- Complicação



CHEGAR HOTEL ESCUR@

Na Complicação, a narradora traz as orações que apresentam o desenvolvimento da ação. Na narrativa de Adriana Horta, a ação começa a se desenvolver com a chegada, durante a noite, da família ao hotel.

- Avaliação / Incorporação



ANSIEDADE QUERER NADAR PASSEAR IMAGINAR

Acredito que seja possível afirmar que a sinalização que começa com ANSIEDADE e vai até IMAGINAR corresponde à Avaliação à medida que apresenta uma opinião da narradora sobre a ação, bem como sobre a atitude dela e dos outros em relação à chegada ao hotel. Portanto, ela apresenta, de certo modo, suas impressões e as impressões dos demais participantes da narrativa. É interessante notar que, além da Avaliação proposta por Labov (1967), o trecho também apresenta traços de incorporação de personagens, elemento tão típico das narrativas em línguas sinalizadas e já observado pela Linguística Cognitiva. É como se este trecho se desse no chamado “espaço sub-rogado”, no qual a narradora incorpora as sensações e falas dos outros

personagens. Pode-se dizer que a incorporação se dá por meio de movimentos sutis do narrador/ sinalizador, como uma pequena mudança na direção do olhar ou uma discreta mudança na expressão facial. (LEITE, 2008). No trecho acima, a incorporação pode ser observada pelo fato de toda a sequência ser produzida com a narradora com os olhos fechados, sem comunicar-se com o interlocutor de forma direta.

- Complicação



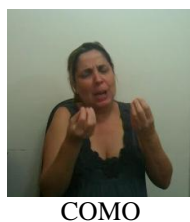
Na sequência acima, a narradora apresenta mais informações sobre o acontecido: o início de uma chuva forte – que potencialmente estragaria o passeio da família.

- Avaliação

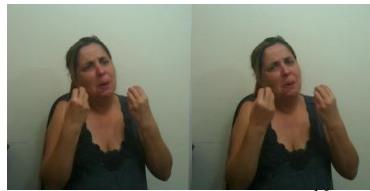


Mais uma vez, a sinalizadora apresenta uma opinião sobre o acontecido. E em seguida, em mais um trecho de incorporação, reproduz o discurso dos personagens.

- Incorporação



É interessante observar que a mudança na direção do olhar na realização do sinal acima ilustrado também indica o final da incorporação da narradora. Ao voltar novamente o olhar para a câmera, a narradora continua descrever a Complicação da narrativa, ou seja, como a ação se desenvolveu. Observe:



“COMO” COMO¹⁶

- Complicação



- Avaliação



BOM

- Complicação



¹⁶A intenção aqui era mostrar o momento da mudança da direção no olhar, que indica também o momento da volta da narradora ao “espaço real”. Obviamente, essa sutil transformação é mais bem observada no vídeo no qual a história é contada.

¹⁷ O hífen neste caso representa que há um sinal composto. As duas palavras são glosadas como uma só justamente porque correspondem a um único sinal.

- Resolução



A sequência acima pode ser classificada como Resolução, uma vez que apresentam os eventos finais da narrativa, isto é, indica que a história está se aproximando do final. Também na Resolução é possível notar traços de incorporação (pela expressão facial do sinal COMO? – voltado para o interlocutor, bem como na sinalização de NOS-OLHAMOS, no qual a direção do olhar “segue” os personagens), como se a narradora reproduzisse o discurso direto dos personagens.

- Incorporação



Nesta sequência, o indício de incorporação pode ser observado não pela mudança na direção do olhar, mas pela expressão facial da narradora.

- Coda



Pode-se classificar a sequência acima como Coda, uma vez que, pela direção do olhar da narradora, ao sinalizá-la, há a retomada para o tempo presente, para o espaço “real”.

¹⁸ Levando em consideração o contexto da narrativa, o sinal “PALHAÇO” foi traduzido por “Que pena!” na versão em português.

5. Divisão da narrativa com base em Labov (1967)

A estrutura da narrativa apresentada por Adriana Horta pode ser representada pela seguinte tabela:

Apresentação	Oi, tudo bem? Prazer! Meu nome é A-D-R-I-A-N-A. Meu sinal é <i>Adriana</i> .
Resumo	Eu vou contar uma história sobre as minhas férias. Sempre viajo para a casa da minha família. Eles moram longe, em Brasília. Nas férias, eu encontro minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, a família toda,
Orientação	No mês de janeiro, eu fui para lá e resolvemos ir para um lugar que tivesse piscina, sol.
Avaliação	Legal.
Orientação	Escolhemos uma cidade do interior de Goiás, Caldas Novas. Sinal <i>Caldas Novas</i> .
Complicação	Chegamos ao hotel à noite,
Avaliação / Incorporação	ansiosos, querendo nadar, passear, imaginando...
Complicação	Mas começou a chover, trovejar forte.
Avaliação	Ficamos tristes, preocupados
Incorporação	“Como vamos fazer?”
Complicação	Dormimos e quando acordamos o tempo estava escuro. Esperamos 1, 2, 3 horas. De repente, o sol saiu.
Avaliação	Que legal!
Complicação	Colocamos os biquínis rápido e descemos correndo para a piscina.
Resolução	Quando chegamos, a piscina estava vazia. Nos olhamos, tristes:
Resolução/ Incorporação	“Perdemos o passeio”
Coda	Que pena!

A divisão apresentada neste ensaio é provisória e requer outros estudos que corroborem as hipóteses aqui levantadas. Porém, mesmo com este estudo ainda incipiente, é inegável o fato que de as narrativas elaboradas em línguas sinalizadas apresentam a mesma estrutura daquelas que se desenvolvem por meio de uma língua oral.

6. Considerações finais

Partindo da definição de narrativa, este ensaio procurou identificar a estrutura das narrativas produzidas em línguas sinalizadas. Observamos que a modalidade gesto-visual permite que muitos elementos aconteçam de forma simultânea nessas línguas, o que não é possível nas línguas orais; visto que a modalidade auditivo-oral obriga que um som (um fonema) seja produzido linearmente após o outro.

Além disso, estendendo o conceito de oralidade – para todas as manifestações linguísticas que não se dão por meio da escrita – pudemos analisar uma narrativa oral produzida em libras e observar que ela possui a mesma estrutura identificada por Labov para as narrativas orais produzidas em línguas orais.

É importante ressaltar que o presente trabalho apresentou uma divisão-piloto de uma narrativa em libras na estrutura proposta por Labov (1967). Por isso, ainda há questões que se colocam e podem ser respondidas apenas com outros estudos sobre o tema. Entre elas, podemos citar:

- Quais são as outras possíveis traduções para esta narrativa? E as divisões com base em Labov?
- Será possível encontrar traços de incorporação em todas as categorias da narrativa, desde o resumo até o Coda?
- Todas as narrativas produzidas em libras contam com uma apresentação inicial do narrador/sinalizador?
- É possível dividir narrativas elaboradas por mais de um narrador? As categorias de separação serão coincidentes?
- O ELAN pode facilitar a análise, à luz das ideias de Labov (1967), desse tipo de narrativa?

7. Referências

BARTHES, R. (1977) Introduction to the structural analysis of narratives. In: HEATH, S. (ed). *Image-Music-Text*. London: Fontana.

BRUNER, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Pres.

BRUNER, J.; WEISSER, S. (1995). *A invenção do ser: A autobiografia e suas formas*. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, p. 141-161.

BRUNER, J. (2004). Life as a narrative. *Social Research*, vol. 71, no. 3, p.691-710.

CHAFE, W. (1994) *Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. (2000). *Narrative Inquiry*. San Francisco: Jossey-Bass.

DIGIAMPIETRI, M. C. C. *Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-07122009-145603/>>. Acesso em: 10.12.2011.

EVANS, V.; GREEN, M. (2006). *Cognitive linguistics: An introduction*. Mahweh, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

FAUCONNIER, G. (1985). *Mental spaces: Aspects of Meaning in Natural Languages*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. (1996). Blending as a central process of grammar. In: Goldberg, A. (Ed.). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford, CA: CSLI, p. 113-130.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. (1998). Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, n. 22, v. 2, p. 133-187.

HAZEL, P. (2007). *Narrative: An introduction*. Disponível em: <http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf>. Acesso em: 22.09.2009.

JOHNSON, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: The University of Chicago Press.

LABOV, W. e WALETZKY, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: HELM, J. *Essays on the verbal and visual arts* . University of Washington Press.

LABOV, W. (1997). Some further steps in narrative analysis. *The Journal of Narrative and Life History*, v.7 (1-4), New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates p. 395-415.

LABOV, W. (2001). Uncovering the event structure of narrative. *Georgetown University Round Table 2001*. Georgetown: Georgetown University Press.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press.

LANGACKER, R.W. (1987). *Foundations of cognitive grammar*. Volume 1: Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press.

LEITE, T. A. (2008). A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/>. Acesso em 12/05/2012.

LIDDELL, S. K. (2003). *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

LIDDELL, S. K.; METZGER, M. (1998). Gesture in sign language discourse. *Journal of Pragmatics*, n.30, p. 657-697.

LINDE, C. (1993). *Life stories: the Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press.

MCCLEARY, L. E. ; VIOTTI, E. C. . Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles. (Org.). *Bilinguismo dos surdos: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007, v. , p. 73-96.

MISHLER, E.G. (1986). *Research interviewing*. Cambridge: Harvard University Press.

MOREIRA, R. L. (2007). *Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/>>. Acesso em: 10.12.2011.

NEUGARTEN, B.L. (1999). *Los significados de la edad*. Barcelona: Herder.

OAKLEY, T. (2005). Force dynamic dimensions of rhetorical effect. In: HAMPE, B. (ed.) *From perception to meaning: Image schemas in cognitive linguistics*. Cognitive Linguistics Research, v. 29. Berlin e New York: Mouton De Gruyter, p. 443-475.

OLIVEIRA, M.K. de; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. (2006) “Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade”. *Pro-Posições*. (Dossiê Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural), v. 17, n. 2 (50), p. 119-138.

ONG, W. J. (2006). *Orality and literacy*. New York: Routledge.

PORTELLI, A. (1991). *The death of Luigi Trastulli and other stories*. Albany: State University of New York Press.

RIESSMAN, C.K. (1987). When gender is not enough: women interviewing women. *Gender and Society*. Thousand Oaks: Sage Publications, vol.1, no. 2, p. 172-207.

RIESSMAN, C. K. (1993). *Narrative Analysis*. Qualitative Research Methods Volume 30. Thousand Oaks: Sage Publications.

TURNER, M. (2003). Double-scope stories. In: HERMAN, D., *Narrative theory and the cognitive sciences*. CSLI Publications. p. 117-142.



ARTIGOS



DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS SINAIS TOPÔNIMOS DA LIBRAS¹

Mônica Cruz de Aguiar²

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever e analisar a classificação dos topônimos no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (o Deit-Libras) de Capovilla e Raphael (2009) pretendendo compreender o grau de iconicidade dos sinais e as possíveis influências que a Língua Portuguesa exerce sobre essa categoria de sinais. Para tanto, criamos e alimentamos um banco de dados no qual inserimos 252 sinais toponímicos e estabelecemos critérios de análise referentes a dois aspectos dos sinais: a iconicidade e a origem. Em Xavier (2006), Batista (2010) e Capovilla e Raphael (2009) buscamos o referencial teórico dessa pesquisa para uma análise que busca demonstrar o perfil dos topônimos no que diz respeito à iconicidade e às possíveis influências que tais sinais receberam da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: libras, topônimo, iconicidade.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é descrever sinais topônimos da Língua de Sinais Brasileira, Libras. Mais precisamente, analisar a motivação para a forma desses sinais. Para atingir essa finalidade foi preciso elaborar um banco de dados que permitisse a categorização dos sinais com base em aspectos como iconicidade e origem para análise tanto de características mais semânticas dos sinais quanto de características mais fonológicas. Nesse contexto, optou-se pela utilização do programa Acces que se mostrou adequado para a categorização, armazenamento e análise desses sinais.

É um estudo que pode ser caracterizado como sendo realizado na interface de duas subáreas da linguística: a fonologia e a toponímia, abordagem que focaliza características formais dos sinais de um campo lexical específico (nomes de lugares) da língua em questão.

¹ Trabalho orientado pelo Professor André Nogueira Xavier.

² Especialista em Tradução/ Interpretação e ensino de Língua Brasileira de Sinais pela FAAG.

Até meados dos anos 60, havia a falsa crença de que apenas as línguas faladas poderiam ser estudadas pela linguística, os sinais utilizados pelos surdos eram vistos como gestos, mímicas e pantomimas sem caráter gramatical.

As ideias de Saussure (1916), o pai da linguística, foram usadas para sustentar essa visão errônea, na medida em que, entre elas, destaca-se aquela que considera a arbitrariedade do signo em relação ao seu referente uma característica crucial e definidora de uma língua natural.

Tal visão dificultou a inserção das línguas espaço-visuais nos estudos linguísticos, pois a iconicidade aparente entre significado e significante, comum às línguas sinalizadas, foi considerada prova de sua inferioridade.

Somente em 1960, com o trabalho de Stokoe, no qual foram analisadas as unidades constitutivas dos sinais da Língua de Sinais Americana (ASL), que a comunidade científica começou a considerar a possibilidade de as línguas humanas não serem necessariamente orais.

No Brasil, a segunda metade da década de 80 marca o início dos estudos propriamente linguísticos da libras. O Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez (GELES) publicou o primeiro boletim sobre o assunto em 1985, no Recife.

O presente trabalho se interessa pela motivação e origem dos topônimos da libras, com o objetivo de contribuir com a descrição da língua no que diz respeito aos topônimos. Como ponto de partida para este estudo, usamos do dicionário de Capovilla e Raphael (2009), a mais extensa obra lexicográfica de que essa língua dispõe até o presente momento, conhecida como Deit-Libras.

2. Metodologia

Para investigar as propriedades dos topônimos descritos no Deit-Libras, foi preciso criar uma ferramenta que permitisse a classificação dos sinais, bem como a sua manipulação.

Com essa finalidade, um banco de dados (sinais) foi criado, inspirado em Xavier (2006), que elaborou uma ferramenta parecida para observar características dos sinais presentes no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira de Capovilla e Raphael (2001), uma versão anterior do dicionário aqui analisado.

Dos 472 sinais relacionados no campo semântico “localidades geográficas” do Deit-Libras, somente os relativos a continentes e ilhas, países, estados, cidades, regiões e bairros de São Paulo foram considerados, os quais totalizaram 208 topônimos descritos em 252 entradas.

A partir da seleção e listagem desses sinais, foram estabelecidos critérios de análise referentes a dois aspectos:

1. Iconicidade
2. Origem

O critério *iconicidade* foi incluído para que, por meio dele, se pudesse capturar uma possível relação entre a forma do sinal e o lugar designado por ele. Mais precisamente, diferenciar sinais que apresentam alguma motivação em sua forma. A descrição de classificação desse critério será dada mais a frente, no tópico que trata da fundamentação teórica desta pesquisa.

O outro critério, *origem*, foi incluído para que se diferenciasssem, entre os sinais analisados, aqueles que advêm de empréstimos linguísticos feitos à língua portuguesa escrita por meio de duas formas: a inicialização ou a soletração manual.

- Sinais Inicializados: aqueles cuja configuração inicial represente a primeira letra da palavra no português.

- Sinais derivados de soletração: são sinais completamente soletrados ou sinais cuja soletração sofreu alterações para se adaptar a fonologia da libras.

3. Fundamentação Teórica

Esta seção trata dos critérios estabelecidos para a análise dos sinais selecionados neste trabalho.

Sobre a questão da “iconicidade”, nos baseamos no próprio dicionário de Capovilla e Raphael (2009) que aborda essa questão nos capítulos introdutórios da obra lexicográfica.

Para tratar do critério “origem”, consultamos Batista (2010), que discute os empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa na Língua de Sinais Brasileira, mais especificamente, de sinais advindos da inicialização ou derivados da soletração.

Buscamos ainda referências nas pesquisas de Xavier para a abordagem da “configuração de mão”, uma propriedade articulatória de suma importância para determinar a inicialização de um sinal.

3.1 Iconicidade

Em Capovilla e Raphael (2009), a iconicidade de um sinal é entendida como variável dentro de uma escala, em mais icônico ou menos icônico. Assim, os sinais *opacos* (ou arbitrários) estariam no extremo inferior desta escala; intermediariamente, estariam os *translúcidos* e, no extremo superior, identificaríamos os sinais transparentes, realmente *icônicos*:

Assim, um sinal gestual é transparente quando atende a uma ou ambas as condições: 1) constitui gesto natural que mapeia analogicamente ponto a ponto algumas das propriedades visuais da forma do referente que ele representa; 2) constitui gesto arbitrário mas altamente familiar, comum e convencional, mesmo para os membros de fora da comunidade linguística de Libras, por ser típico da gestualidade da cultura ouvinte local ou mesmo pertencer à gestualidade da cultura universal, como ocorre no caso dos gestos emblemáticos (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2009, p. 63).

O trabalho realizado no Deit-Libras analisa o sinal icônico a partir da composição morfêmica. A descrição aprecia a forma e os aspectos relevantes da origem (etimologia) e da clareza denotativa (iconicidade ou transparência) do sinal. Como ilustração disso, tome-se o sinal AMÉRICA, representado pela imagem a seguir:



Figura 1 - AMÉRICA

Esse sinal ilustra como Capovilla e Raphael concebem a iconicidade. Para eles, ela é uma representação baseada numa analogia do tipo “como se”. É *como se* o conjunto das duas mãos representasse a aparência que a América tem no mapa, a mão

direita representando a América do Norte, a mão esquerda a América do Sul e os dedos unidos no meio representam a América Central. Outro exemplo de sinal icônico, mas de um tipo diferente, é o sinal de AUSTRÁLIA, apesar do dicionário não abrir o critério iconicidade na descrição deste sinal, ele faz uma referência a outro sinal como é descrito abaixo:



Figura 2 - AUSTRÁLIA ou CANGURU

Na figura 2, o sinal de AUSTRÁLIA, segundo o dicionário, consiste, na realidade, na realização do sinal que se refere ao animal australiano típico: o *canguru*, o qual, em sua descrição, apresenta não só a indicação “iconicidade”, como também a explicação segundo a qual a realização de tal sinal representa o comportamento típico do saltar do animal. O que difere o sinal AUSTRÁLIA do sinal AMÉRICA é que, apesar de ambos serem icônicos, a motivação do primeiro é indireta³, ou seja, o sinal AUSTRÁLIA não representa a forma geográfica do país, tal como o sinal AMÉRICA, mas faz referência àquele país ao evocar uma espécie animal comum do seu território.

Em oposição aos sinais icônicos, temos os sinais não icônicos (ou opacos), aqueles que não espelham em sua forma algum traço do referente que representam:

Sinais opacos são sinais gestuais, cujo significado não pode ser apreendido a partir de sua forma, já que a relação entre a forma do sinal e o significado desse sinal é arbitrária, incomum e não convencional fora da comunidade lingüística de Libras (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2009, p. 63).

³ Sinais como BAIRO PARAÍSO (fazer sinal MAÇÃ) ou CONSOLAÇÃO (fazer o sinal VIDRO) são classificados como icônicos assim como o sinal AUSTRÁLIA (fazer sinal CANGURU) descrito no texto porque acredita-se que, em sinais desse tipo, cuja descrição remete a outro sinal, há uma motivação que o faz ser usado para designar um lugar, ainda que a motivação seja desconhecida por esta pesquisa, uma vez que, para isso, seria preciso um estudo etimológico, o que não é o objetivo deste trabalho.



Figura 3 - ÁUSTRIA

A título de ilustração, o sinal ÁUSTRIA, representado acima, é considerado um sinal não icônico ou opaco, porque não há na sua forma relação que reflita o seu significado. É provável que exista uma motivação para o sinal ser do jeito que é, mas tal relação é difícil de ser captada e é provável que os próprios usuários da língua promovam variações no que diz respeito à motivação desse sinal.



Figura 4 – JAPÃO

Já sinais como Japão foram categorizados como icônicos pois, acredita-se que, a motivação do sinal, é visível tanto pra usuários da língua quanto para não usuários. No caso ilustrado acima, o sinal faz referência a uma característica comum ao povo oriental, os olhos puxados.

3.2 Origem

Diferentemente dos casos apontados no item anterior, a questão da origem está relacionada aos processos fonológicos de adaptação das palavras advindas da Língua Portuguesa.

Por serem de modalidades diferentes, afirma Batista (2010), o Português, uma língua oral-auditiva, e a Libras, gestual-visual, as palavras da língua oral entram nas línguas de sinais por meio da datilologia (ou soletração manual). Um exemplo desse tipo é o sinal de CUBA, a seguir:



Figura 5 – CUBA

A soletração, conforme o exemplo acima, não é considerada um empréstimo lexical, mas, quando o sinal advindo da soletração se torna semelhante a outros sinais da libras (por meio de mudanças do tipo omissão de letras do alfabeto manual, alteração na localização e no movimento), como ocorreu com o sinal de BÉLGICA, pode dizer que este foi integrado à língua:



Figura 6 – BÉLGICA

A datilologia ou soletração manual ganha movimentos fluidos nas línguas de sinais, adaptando-se o empréstimo à fonologia da língua importadora, o que pode camuflar a origem estrangeira e torná-los tão nativos quanto os sinais originários dentro da própria língua de sinais (BATISTA, 2010).

Outro tipo de empréstimo que pode ocorrer é o que se chama de inicialização. Nesse caso, o sinal não é formado a partir de uma soletração plena da palavra escrita da língua oral dominante, mas simplesmente pelo uso da configuração de mão correspondente à primeira letra da palavra (BATISTA, 2010). Um exemplo de sinal inicializado é o topônimo MORUMBI, representado pela imagem a seguir:



Figura 7 - MORUMBI

Como mostra a imagem acima, o sinal de MORUMBI é realizado com a configuração de mão M, correspondente à primeira letra de tal palavra escrita.

A configuração de mão usada nos sinais da Libras faz parte do conjunto de unidades menores que Stokoe (1960) apud Xavier (2006) estudou para defender o estatuto de língua natural das línguas de sinais. São eles, *configuração de mão, localização e movimento*.

A configuração de mão consiste na disposição dos dedos durante a produção dos sinais. Já a localização corresponde ao lugar no corpo ou em frente a ele em que os sinais são realizados. Por fim, o movimento se refere à forma como a mão se desloca no espaço quando da articulação de um sinal (XAVIER, a sair).

Battison (1978), apud Xavier (2006), ainda propôs um quarto parâmetro, a orientação da palma.



Figura 8 – BRASIL

No sinal BRASIL, por exemplo, é possível observar a ocorrência desses quatro parâmetros. Para articular tal sinal é necessário que a mão assuma a forma correspondente à letra B do alfabeto manual (configuração de mão), esteja posicionada em frente à lateral direita do corpo, na altura da cabeça (localização), com a palma da

mão orientada para a esquerda (orientação da palma) e realize movimentos ondulatórios para baixo (movimento).

A configuração de mão é um parâmetro de descrição dos sinais que interessa a essa pesquisa porque é por meio dele que poderemos julgar se um sinal é inicializado ou não, visto que, quando a configuração inicial fizer uso do alfabeto datilológico e, esta configuração, coincidir com a primeira letra do topônimo escrito no português, poderemos julgar se dado sinal é ou não inicializado.

4. Análise dos dados

A seleção e organização dos sinais selecionados em Capovilla e Raphael permitiram acessá-los a partir da presença ou ausência de características referentes à iconicidade e origem. Demonstra-se nos gráficos a seguir algumas combinações de informações.

4.1 Iconicidade

É importante salientar que, para análise deste critério, num primeiro momento, só era assinalado quando o próprio dicionário descrevia um dado sinal como sendo icônico, quando não se fazia menção a essa propriedade, tratávamos o sinal como não icônico; no entanto, os resultados apontavam em direção contrária ao que é notoriamente mostrado pela literatura das línguas de sinais: a predominância da iconicidade. Por esse motivo optou-se por usar os critérios de classificação descritos no embasamento teórico.

Verificamos na apreciação que, das 252 entradas para os verbetes analisados, 45 sinais foram classificados como icônicas e 207 como não icônicos, conforme o discriminado no gráfico abaixo:



Gráfico 1

Como o representado graficamente, nota-se uma diferença marcante entre os topônimos classificados como icônicos em oposição aos não icônicos. É possível que tal ocorrência tenha relação com o fato dos sinais analisados estarem no campo dos conceitos abstratos, mas tal afirmação só será possível com base num estudo comparativo.

No que diz respeito às descrições do dicionário de Capovilla e Raphael e Maurício, os sinais toponímicos revelaram um perfil não icônico, mas é importante ressaltar que os sinais analisados advêm de um registro dicionarizado da Língua de Sinais Brasileira e não da língua em uso, fato que pode estar mascarando os resultados.

4.2 Origem

Para registro dos sinais inicializados feitos com as duas mãos, foi indicada a configuração da mão dominante, como em PARAGUAI, ou de ambas as mãos, quando possuíam a mesma configuração inicial.



Figura 21 – PARAGUAI

Os sinais compostos, como o de “Campo Limpo”, foram considerados inicializados, porque entende-se que não houve a redução da soletração manual - o sinal foi motivado pelas letras iniciais do nome do lugar:



Figura 22 – CAMPO LIMPO

Durante o registro dos dados, não foram diferenciados os sinais derivados de soletração (ver sinal BÉLGICA, figura 5) daqueles totalmente soletrados (ver sinal CUBA, figura 4).

Dos 252 sinais cadastrados, 161 apresentaram a configuração de mão correspondente ao alfabeto datilológico ou numérico; e 91 sinais apresentavam outras configurações, conforme mostra a figura abaixo.



Gráfico 2

É interessante observar ainda que, dentre os sinais que possuem configuração datilológica ou numérica, há o predomínio de sinais inicializados: 88,55% dos sinais inicializados em oposição a 6% de sinais soletrados ou derivados de soletração.



Gráfico 3

No quesito origem, é possível observar, com base nos números, que, mais da metade dos sinais que possuíam a configuração correspondente ao alfabeto datilológico foram classificados como inicializados e uma pequena parcela de sinais soletrados ou derivados de soletração, o que indica que grande parte dos sinais referentes aos topônimos sofre sim influências da Língua Portuguesa, mas o que parece é que há a opção por usar a inicialização (indicação da primeira letra apenas) do que a soletração da palavra inteira.

5. Conclusão

Acreditamos que este artigo possa contribuir para o estudo dos topônimos em libras, ainda mais porque na pesquisa bibliográfica prévia, não detectamos nenhum trabalho que fizesse a abordagem aqui proposta.

Em relação ao critério de iconicidade, determinante para as línguas de sinais, reforçamos a ideia de que, nos topônimos analisados no Deit-Libras, a arbitrariedade tornou-se o principal critério de classificação, haja vista que, dos 252 entradas para os sinais, somente 45 são topônimos icônicos. Mas é importante frisar que esta análise foi feita a partir de um dicionário e que surdos não foram consultados para confirmar ou

não a iconicidade desses sinais, tal fato pode estar mascarando a predominância dos sinais icônicos na língua.

Em relação ao critério de origem das palavras, percebemos que grande parte delas sofre influência da Língua Portuguesa, primeiramente porque é a língua de contato e, em segundo lugar, porque acreditamos que a tendência à inicialização na maior parte dos sinais classificados nesta pesquisa, demonstre um aspecto comum das línguas, que é a economia na expressão visando uma significação cada vez maior, ou seja, provavelmente os topônimos classificados se comportem assim. Apesar de detectarmos essas tendências, não podemos fazer afirmações tão definitivas, isto porque os dados revelaram uma situação ainda difícil de definir quanto ao critério de origem das palavras: praticamente metade dos topônimos foi classificada com outras configurações, como numéricas ou não pertencentes ao alfabeto datilológico.

6. Referências

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; Maurício, Alice Cristina L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em contato*. 2010. Dissertação (Mestre) – Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2010.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, André Nogueira. *Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais*. A sair.

INCORPORAÇÃO DE NUMERAL NA LIBRAS¹

Magaly de Lourdes Serpa Monteiro Dedino²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de incorporação de numeral na libras, tentando responder a três perguntas: 1) Quais são os sinais da libras que sofrem incorporação de numeral?; 2) Até qual numeral cada sinal pode incorporar? e 3) Nos casos em que não há incorporação, o que se faz? Para responder a essas perguntas, foi desenvolvido e realizado um experimento com vistas a eliciar a incorporação de numeral em sinais citados na literatura. A análise dos resultados revelou que os sujeitos não variam apenas em até que número realizam a incorporação, mas também no tratamento que dão a cada um desses sinais, tomando-os como passíveis ou não de sofrer o processo em discussão.

Palavras-chave: incorporação de numeral, variação intersujeito, descrição de Libras

1. Introdução

A incorporação de numeral é um processo que consiste na alteração da configuração de mão de alguns sinais para expressar quantidade. Esse processo é atestado em várias línguas de sinais, entre elas, a Libras.

Apesar de haver alguns trabalhos que tratam, de forma geral, dos aspectos gramaticais da Libras e, especificamente, de a incorporação de numeral (FERREIRA-BRITO, 1995) e (QUADROS e KARNOPP, 2004), até o presente momento, faltam estudos que mostrem (1) quais são os sinais da Libras que sofrem incorporação de numeral, (2) até que numeral cada sinal pode incorporar e (3), nos casos em que não há incorporação, o que se faz.

Sendo assim, o presente trabalho se propõe a investigar o processo de incorporação de numeral de forma mais aprofundada, não só por meio do levantamento de sinais que sofrem esse processo na Libras, mas também por meio da análise dos resultados de um experimento que objetivou observar até que número a incorporação pode se dar e qual a estratégia adotada pelo sinalizador quando essa incorporação não é realizada.

¹ Trabalho orientado pelo professor André Nogueira Xavier.

² Especialista em Tradução/ Interpretação e ensino de Língua Brasileira de Sinais pela FAAG.

O presente trabalho está dividido em quatro seções. Na seção “Fundamentação Teórica”, sumário os trabalhos levantados acerca da incorporação de numeral. Na seção “Metodologia”, descrevo os passos para a elaboração e realização de um experimento para a eliciação de sinais que sofrem o processo de incorporação. Por fim, na seção “Análise dos dados”, apresento os resultados obtidos com o experimento.

2. Fundamentação teórica

A morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Alguns morfemas por si só constituem palavras, outros nunca formam palavras, apenas constituindo partes de palavras. Desta forma, têm-se os morfemas presos que, em geral, são os sufixos e os prefixos, uma vez que não podem ocorrer isoladamente, e os morfemas livres que constituem palavras.

Assim como, as palavras em todas as línguas humanas, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, etc. As línguas de sinais também têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas.

Sendo assim, podemos definir, incorporação de numeral como um processo por meio do qual os morfemas de numeral são afixados a outro morfema; ou seja, a configuração de mão dos numerais é incorporada a outros morfemas que expressam, como se verá, conceitos, em geral, relacionados ao tempo.





Segundo Johnston e Schembri (2007), há um subgrupo de sinais de tempo na Auslan (língua de sinais australiana), que expressam conceitos tais como ‘semana passada’, ‘próxima semana’, ‘ano passado’, ‘ano que vem’, ‘ontem’ e ‘amanhã’, que sofrem este processo, pois têm a configuração de mão modificada e substituída pela configuração de mão dos numerais de 1 a 9. Por meio disso, expressa-se o número de semanas, anos ou dias.

Em cada um desses sinais, a localização, orientação e movimento permanecem os mesmos quando a configuração de mão para o numeral é incorporado.

O mesmo ocorre na Libras, segundo Quadros e Karnopp (2004), quando se referem ao processo de incorporação de numeral, ou seja, há um conjunto de sinais em

que o movimento, a locação, a orientação e as expressões não manuais permanecem as mesmas e somente há a mudança na configuração de mão que carrega o significado de um numeral específico. Vejamos os sinais abaixo:

TABELA 1 – Incorporação de Numeral no Sinal Mês

				
	UM-MÊS	DOIS-MÊS	TRÊS-MÊS	QUATRO-MÊS
Configuração de mão	1	2	3	4
Orientação	=	=	=	=
Localização	=	=	=	=
Movimento	=	=	=	=
Expressões faciais	=	=	=	=

Pode-se dizer que os sinais, UM-MÊS, DOIS-MÊS, TRÊS-MÊS, QUATRO-MÊS têm duas partes com significado (dois morfemas). Uma delas significa MÊS e é a parte que inclui o movimento da mão ativa, a locação e a orientação de ambas e as expressões não manuais associadas ao sinal. A outra parte é a configuração de mão que varia em função da expressão de quantidade.

Para alguns sinalizadores nativos, esta configuração de mão que expressa a quantidade pode ser mudada de 1 até 4. Acima disso, do número 5 em diante, o sinal é articulado separadamente do sinal de MÊS. Podemos perceber que usualmente, há uma restrição do limite da numeração a qual poderá ser incorporada aos sinais neste processo. Assim também acontece na língua de sinais australiana “Auslan”. Conforme Johnston e Schembri (2007) indicam que há nessa língua limites para o número até o qual a incorporação de numerais é possível, a depender do sinal que sofre esse processo. Os autores atestam haver consenso na incorporação de numerais de 2 a 4 e controvérsias

e variações na aceitação e uso dos numerais de 5 a 9, no que se refere aos sinais citados acima.

O processo de incorporação de numeral é atestado não somente na língua de sinais brasileira, mas também em outras línguas de sinais, tais como a ASL (língua de sinais americana), a Auslan (língua de sinais australiana), a BSL (língua de sinais britânica) e a NDS (língua de sinais alemã). QUADROS e KARNOPP apud (RATHMANN e MATHUR, no prelo).

Como os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, em especial, sobre a Libras estão em seu início, ainda não se tem um material amplo sobre o assunto que está sendo tratado neste artigo. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo contribuir para um melhor entendimento do fenômeno de incorporação de numeral que ocorre com alguns sinais da Libras.

3. Metodologia

Os sinais levantados para este trabalho foram, primeiramente, selecionados a partir da consulta aos trabalhos dos autores que descrevem o fenômeno da incorporação de numeral em outras línguas de sinais e que foram citados na seção de fundamentação teórica, a saber, Johnston e Schembri (2007). A partir dessa consulta, elaboramos uma lista de sinais e a traduzimos com o objetivo de verificar quais desses sinais apresentavam correlatos na Libras em com base Quadros e Karnopp (2004) que também sofriam incorporação de numeral.

Além dos sinais levantados com base em trabalhos sobre outras línguas de sinais, consideramos para este trabalho os sinais citados nos trabalhos sobre a Libras: anos, dias, horas e mês (QUADROS e KARNOPP, 2004), além de sinais que a própria pesquisadora já conhecia, (anos, dias, duração em hora, horas, mês, ordinais, reais, semanas, séries e vezes).

TABELA 2 - Sinais Correlacionados que Sofrem o Processo de Incorporação de Numeral

Sinais da libras selecionados	Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004)	Auslan (JOHNSTON e SCHEMBRI, 2007)
-	-	TOMORROW (amanhã)
ANOS	ANOS	YEARS (anos)
-	-	HUNDRED (centena)
DIAS	DIAS	-
DURAÇÃO EM HORA	-	-
HORAS	HORAS	O'CLOCK (horas)
-	-	AGE (idade)
-	-	MORE (mais)
MÊS	MESES	-
-	ONTEM	YESTERDAY (ontem)
-	-	PENNY (peso)
ORDINAIS	-	-
REAIS	-	-
SEMANAS	-	WEEK (semanas)
SÉRIES	-	-
VEZES	-	-

Como o objetivo deste trabalho é, além de analisar os sinais que sofrem incorporação, verificar até que numeral esse processo se dá e o que se faz a partir do numeral que não pode ser incorporado, foram selecionados e filmados 10 sujeitos surdos (5 homens e 5 mulheres), com idade entre 15 e 20 anos. Todos são estudantes de uma Escola Especial da Prefeitura de São Paulo, onde eles têm contato com a Libras e se comunicam por meio dela. Alguns tiveram contato com a língua de sinais antes do ingresso na escola, mas outros só quando começaram a frequentá-la.

Para obtenção dos dados, foram confeccionados slides para exibição por meio do Microsoft Power Point, contendo palavras, expressões ou frases da Língua Portuguesa referentes ao sinal a ser eliciado, além de imagens, em alguns casos, que ilustravam o significado destes. Para cada conjunto de sinais, foi apresentado um slide inicial para introduzir o “tema”, o campo semântico daqueles sinais (por exemplo: “meses”). Logo após esse slide, foram apresentados 10 slides, cada um contendo a palavra, expressão ou frase da Língua Portuguesa e um numeral de 1 a 10. Cabe dizer que, para todos os casos, respeitou-se na apresentação desses sinais a ordem crescente dos numerais. Não

foi utilizado o sistema de glosa³ e, sim, o descrito acima para facilitar o entendimento dos sujeitos surdos.

Os sinais selecionados totalizam 10 sinais e se referem a ‘UM-HORA’, ‘UM-DIA’, ‘UM-SEMANA’, ‘UM-MÊS’, ‘UM-ANO’, ‘UM-REAL’, ‘PRIMEIR@’, ‘UM-SÉRIE (ESCOLAR)’, ‘UM-VEZ’ e ‘POR-HORA’, conforme apresentados abaixo:

TABELA 3 – Apresentação dos Sinais Selecionados para a Análise

				
UM-HORA	UM-DIA	UM-SEMANA	UM-MÊS	UM-ANO
				
UM-REAL	PRIMEIR@	UM-SÉRIE	UM-VEZ	POR-HORA

A análise das produções filmadas de cada um dos 10 sujeitos surdos consistiu em: (1) segmentar suas produções por sinal (DIA, MÊS, ANO, etc.) e (2) tabular suas respostas de forma a registrar se cada sujeito: (a) fez ou não incorporação de numeral no sinal em análise e, se sim, (b) até que configuração. A tabulação dos dados permitiu a

³ Na literatura sobre línguas de sinais, os itens lexicais dessas línguas são, em geral, representados graficamente por meio de glosas. Essas glosas consistem de uma ou mais palavras semanticamente equivalentes em uma língua oral e são grafadas em maiúsculo (McCleary e Viotti, 2007). Além disso, como explica Felipe de Souza (1998), utiliza-se o símbolo @ na glosa de um sinal, quando a palavra da língua oral correspondente a ele apresenta alguma marca morfológica referente a gênero. Com isso, captura-se o fato de que no sinal glosado não há distinção entre masculino e feminino. No exemplo em questão, o símbolo @ está no lugar dos morfemas {-o} ou {-a} do português.

comparação das produções entre sujeitos diferentes, a sua análise e esboçar respostas iniciais para as perguntas que este trabalho se propôs a responder.

4. Análise dos Dados

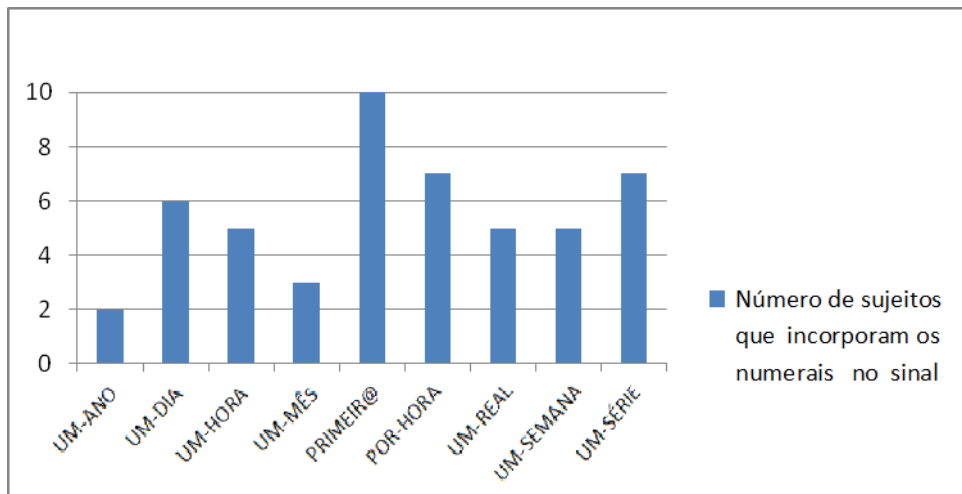
Por meio da análise das filmagens, observamos três situações:

- (1) Alguns sinais que, apesar de serem citados na literatura como sendo um daqueles que sofrem incorporação de numeral, não apresentaram esse processo unanimemente entre todos os sujeitos, ocorrendo, em alguns casos, apenas para um número bastante pequeno de sujeitos;
- (2) Alguns sinais que, conforme esperado, apresentaram o fenômeno da incorporação mas que variaram em relação ao numeral até o qual incorporam e;
- (3) Alguns sinais não foram produzidos conforme o esperado, ou seja, os sujeitos surdos empregaram outro sinal que, por sua vez, não sofre o processo em questão.

Situação 1:

O gráfico 1 sumariza o que se pôde observar em relação à primeira situação. Em outras palavras, o gráfico mostra que, apesar de a literatura apontar os sinais considerados neste trabalho como sendo sinais que sofrem o processo de incorporação, os sujeitos parecem variar no que diz respeito a quais destes sinais eles aplicam ou não tal processo.

Gráfico 1 – Frequência, por sujeito, de sinais que sofreram incorporação de numeral



Sendo assim, apesar de a expectativa, ao selecionar estes sinais, ser de que todos eles sofressem por parte de todos ou pelo menos da grande maioria dos sinalizadores o processo de incorporação de numerais, constatamos que nem todos os sinais sofrem incorporação por todos os indivíduos.

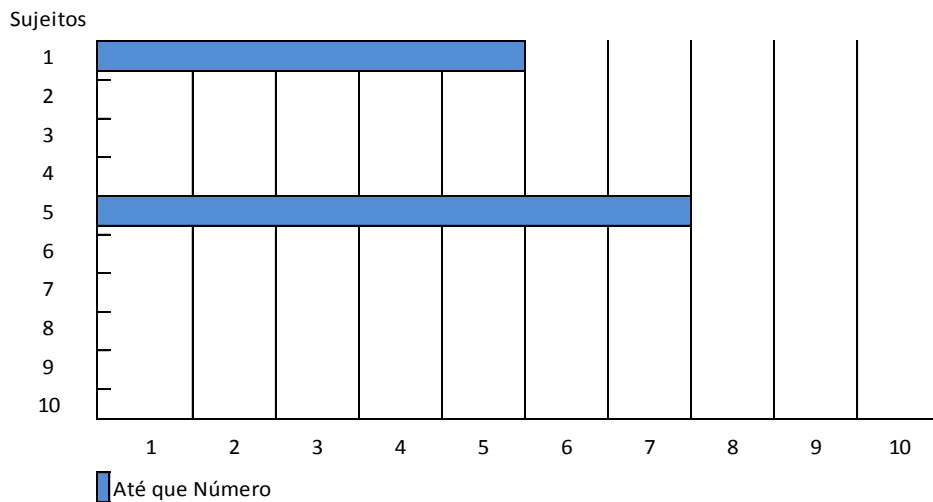
Situação 2:

No que diz respeito à segunda situação, ou seja, aquela em que os sinais, tal como esperado, sofrem o processo de incorporação de numeral, pudemos observar um fato que também é mencionado na literatura a respeito. Ou seja, tal como apontam Johnston e Schembri (2007):

- 1) A incorporação de numeral varia de 2 a 4. Considera-se o numeral 4 como limite;
- 2) Os sujeitos variam na utilização do processo da incorporação de numeral em relação a esse limite.

É isso que mostram os gráficos a seguir, nos quais o limite para a incorporação de numerais é mostrado, por sujeito, para alguns sinais.

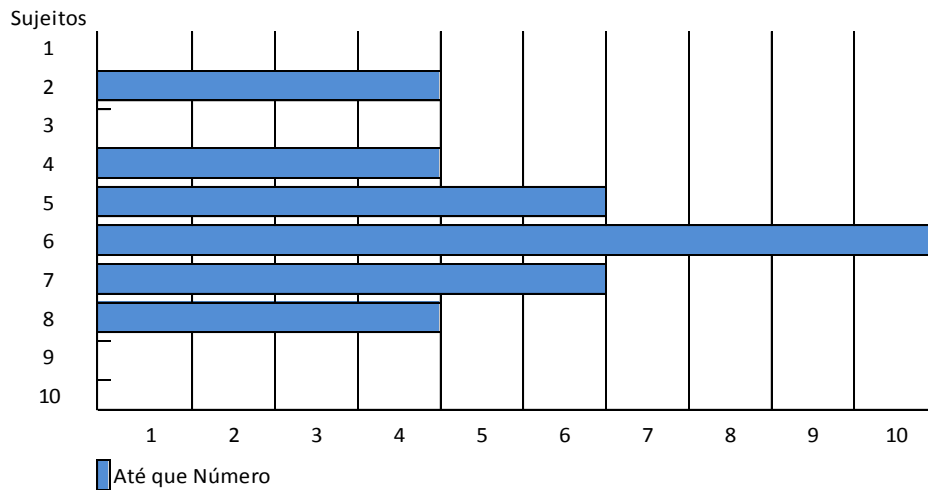
Gráfico 2 - Incorporação do Sinal - UM-ANO



O que podemos observar ao olhar o gráfico 2 é que apenas os sujeitos 1 e 5 incorporaram o numeral no sinal UM-ANO e que estes diferiram entre si a forma de incorporação quanto até que numeral realizaram tal processo. Enquanto o sujeito 1 incorporou até o numeral 5, o sujeito 5 incorporou até o numeral 7. Interessante notarmos que, além da variação quanto ao limite para a incorporação atestada na literatura sobre outras línguas de sinais, algo que não era esperado ocorreu. Nem todos os sujeitos realizaram a incorporação de numeral, apesar de o sinal em questão ser normalmente considerado como um caso em que tipicamente tal processo ocorre.

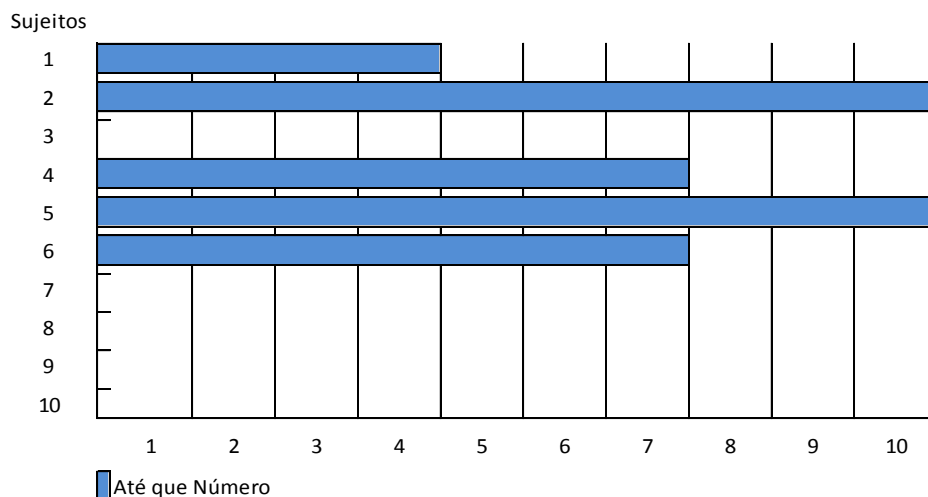
Já no gráfico 3, podemos observar que três sujeitos (sujeitos 2, 4 e 8) fazem a incorporação até o numeral 4 no sinal UM-DIA. Dois deles (sujeitos 5 e 7) incorporam até o numeral 6 e somente um sujeito (sujeito 6) faz esse processo até o numeral 10, que embora não seja o esperado, também é possível de ser realizado. Os demais sujeitos (sujeitos 1, 3, 9 e 10) articulam o sinal de numeral separadamente do sinal de dia, portanto, não fazendo o processo de incorporação.

Gráfico 3 - Incorporação do Sinal - UM-DIA



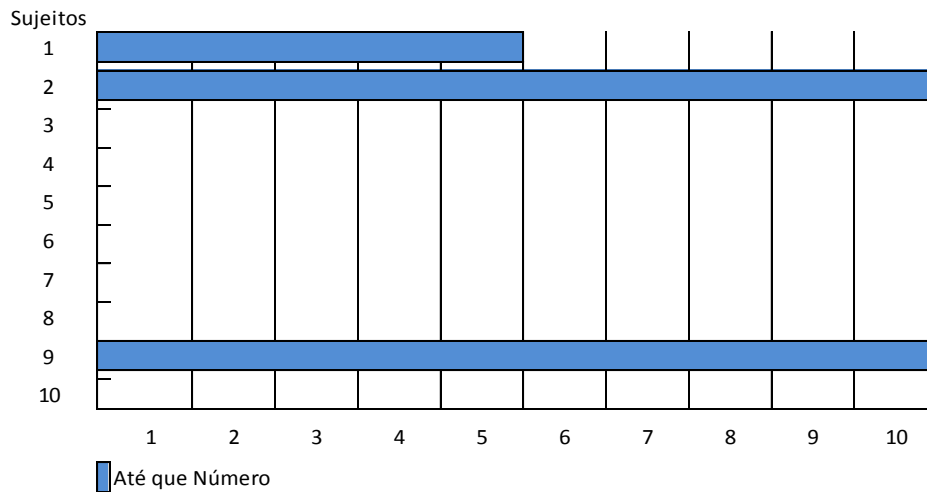
O gráfico 4 mostra os resultados obtidos para a incorporação de numeral do sinal UM-HORA. Por meio desse gráfico, podemos observar que apenas cinco sujeitos realizaram o processo de incorporação, sendo que somente um (sujeito 1) o fez até o numeral 4, seguindo o limite geral atestado na literatura sobre outras línguas de sinais. Entretanto, quatro sujeitos realizaram o referido processo com numerais superiores a 4. Dois deles (sujeitos 4 e 6) incorporaram até o numeral 7 e dois sujeitos (sujeitos 2 e 5) realizam o processo até o numeral 10.

Gráfico 4 - Incorporação do Sinal - UM-HORA



Já no gráfico 5 a seguir, o resultado obtido para a incorporação de numeral no sinal UM-MÊS nos surpreendeu por duas razões. Primeiramente, porque os sujeitos realizaram a incorporação até números maiores do que o normalmente dito (5 ou 10).

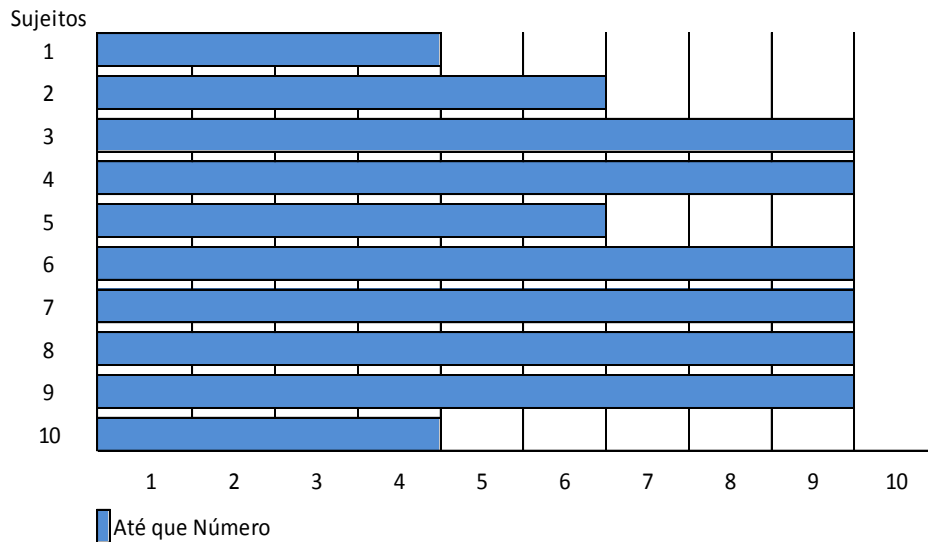
Gráfico 5 - Incorporação do Sinal - UM-MÊS



Em segundo lugar, porque, apesar de este um sinal ser tipicamente citado como sendo tipicamente passível de sofrer o processo de incorporação de numeral, em entre nossos sujeitos, só ele só sofreu esse processo nas produções de apenas três deles (sujeitos 1, 2 e 9). É possível, entretanto, que a forma de eliciação de dados tenha influenciado os sujeitos surdos a articularem o sinal de mês separadamente do sinal de numeral, já que os slides empregados para esse fim apresentavam o numeral e a palavra mês separadamente. Sendo assim, é possível que, numa situação espontânea, eles utilizassem mais esse processo.

O gráfico 6, referente ao sinal PRIMEIR@, mostra que processo de incorporação foi empregado por todos os sujeitos. Porém, somente dois sujeitos (1 e 10) realizaram o processo até o numeral 4. Os demais incorporaram numerais superiores a isso. Dois deles (sujeitos 2 e 5) chegaram até o numeral 6 e seis outros (sujeitos 3, 4, 6, 7, 8 e 9) realizaram este processo até o numeral 9.

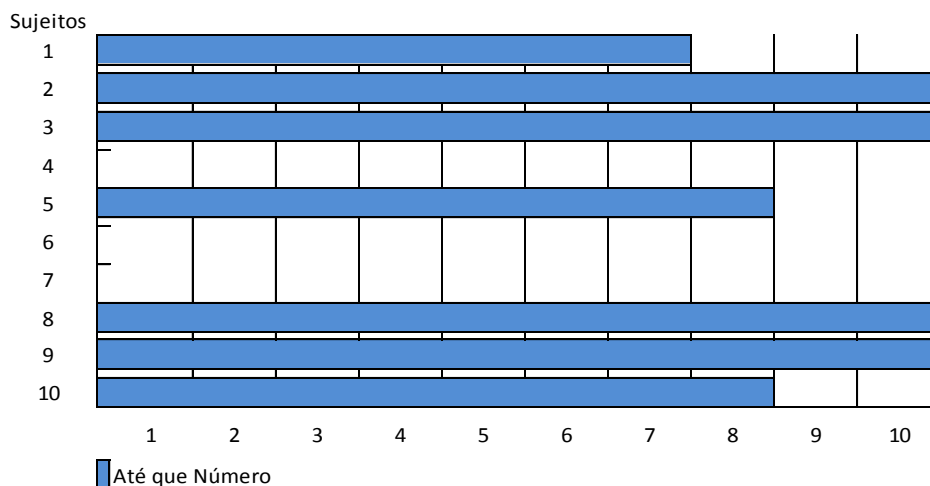
Gráfico 6 - Incorporação do Sinal - PRIMEIR@



Um fato curioso é que nenhum dos sinalizadores realizou o processo de incorporação com o numeral 10, talvez por ser esse sinal (e os que o seguem, 11, 12, etc.) ser morfologicamente mais complexo que os demais, ou seja, ser formado pelos sinais UM e ZERO.

No gráfico 7 a seguir, podemos observar que o processo de incorporação foi empregado com o sinal POR-HORA pela maioria dos sujeitos (1, 2, 3, 5, 8, 9 e 10). Apenas três sujeitos (4, 6 e 7) não o empregaram com o sinal em questão.

Gráfico 7 - Incorporação do Sinal - POR-HORA

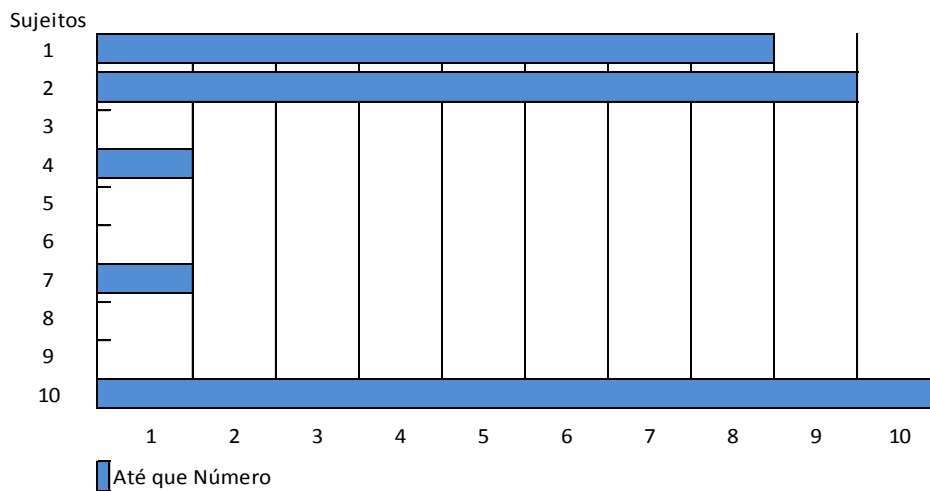


Interessante notar que todos os sujeitos que incorporaram o numeral neste sinal fizeram-no com números superiores a 4. Um sujeito (1) realizou o processo de

incorporação até o numeral 7. Dois sujeitos (5 e 10) o fizeram até o numeral 8 e quatro sujeitos (2, 3, 8 e 9) chegaram até o numeral 10.

Como podemos observar no gráfico 8, o sinal UM-REAL sofreu o processo de incorporação nas realizações de cinco dos sujeitos (1, 2, 4, 7 e 10). Os demais articularam o sinal de numeral separadamente do sinal de real (mão configurada em R, orientada para fora, localizada na frente e à altura do ombro, realizando movendo-se lateralmente pelo pulso).

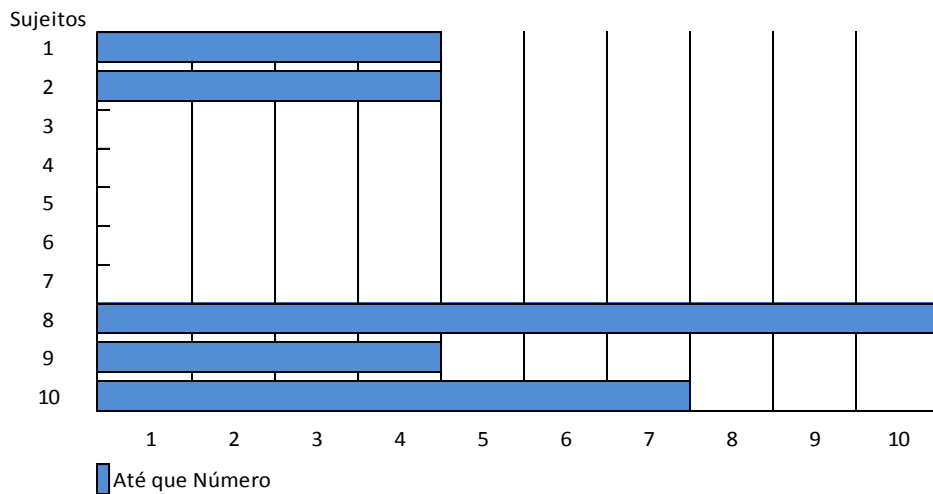
Gráfico 8 - Incorporação do Sinal - UM-REAL



Mais uma vez, observamos que para três sujeitos a incorporação ultrapassou o numeral 4: o sujeito 1 chegou até o numeral 8, o sujeito 2 até o numeral 9 e o sujeito 10 até o numeral 10. Interessante notar que os sujeitos 4 e 7 realizaram esse processo somente com o numeral 1, algo que não ocorreu com nenhum outro sinal.

Como se pode ver no gráfico 9, três sujeitos (1, 2 e 9) realizaram o processo de incorporação de numeral com o sinal UM-SEMANA até o numeral 4. O sujeito 10 realizou tal processo até o numeral 7 e o sujeito 8 até o 10.

Gráfico 9 - Incorporação do Sinal - UM-SEMANA



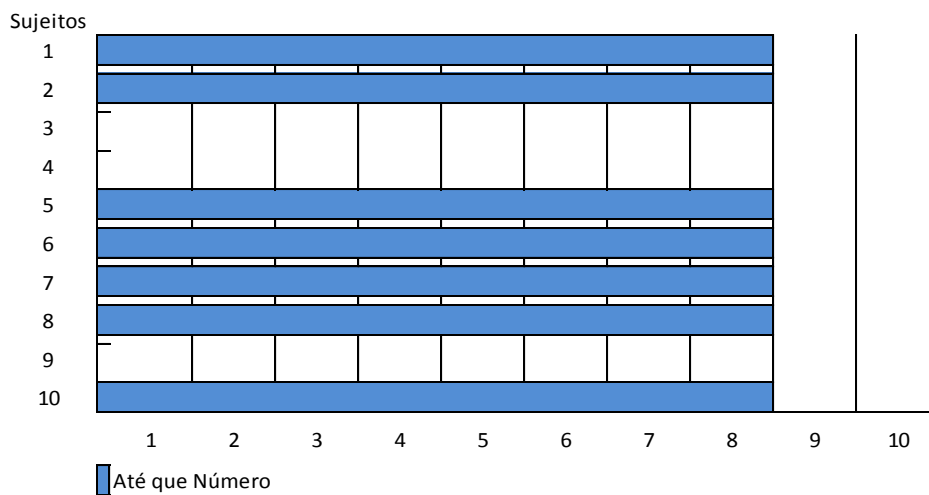
Com os demais sujeitos (3, 4, 5, 6 e 7), observou-se a ocorrência de outro sinal que também expressa na Libras o conceito de semana, mas que, por sua vez, não é passível de sofrer o processo de incorporação de numeral.



Fig. 1 – Sinal alternativo SEMANA não passível de sofrer incorporação de numeral empregado por alguns sujeitos

Por fim, conforme mostra o gráfico 10, o sinal UM-SÉRIE sofreu o processo de incorporação pela maioria dos sujeitos (1, 2, 5, 6, 7, 8 e 10) e teve unanimidade quanto ao limite de incorporação: o numeral 8.

Gráfico 10 - Incorporação do Sinal - UM-SÉRIE



Provavelmente a incorporação até o número 8 se deveu ao fato que de as séries escolares do ensino fundamental, até recentemente, só atingiam até a 8ª série. Os sujeitos que não empregaram esse processo com o sinal em questão (3, 4 e 9), optaram por articularam o sinal de numeral separadamente do sinal de série.

Situação 3:

O sinal referente ao ‘número de vezes’ empregado pelos sujeitos deste estudo foi excluído desta análise por se encaixar na terceira situação. Os sujeitos produziram, em vez do sinal do esperado, outro (Fig. 2) que não é passível de sofrer o fenômeno da incorporação. Provavelmente isso aconteceu por influência da forma de eliciação desse sinal. Empregamos, para ilustrar o conceito de ‘vezes’, a letra “X” que, conforme se pode ver na imagem a seguir, é semelhante à forma do próprio sinal.



Fig. 2 – Sinal UM-VEZ não passível de sofrer incorporação de numeral empregado por todos os sujeitos do experimento

Por conta disso, a análise aqui apresentada se restringiu a 9 dos 10 sinais selecionados para este estudo.

Em relação à terceira questão que este trabalho se propôs a responder, aquela que se refere à forma alternativa encontrada nos casos em que não há incorporação, o que se pôde observar é que, nesses casos, os sinalizadores produziram dois sinais separadamente: o correspondente à configuração de mão do numeral e o do sinal que expressa o conceito de hora, semana, mês, etc.

5. Considerações finais

Diante da análise dos sinais selecionados para este estudo, pudemos observar que:

1) na Libras, atesta-se, assim como na Auslan, a existência de uma variação, entre os sujeitos, no que diz respeito ao numeral até o qual o processo de incorporação ocorre para cada sujeito;

2) diferente do que é atestado por Johnston e Schembri na Auslan, com alguns sinais, o processo de incorporação de numeral se dá com numerais superiores ao número 4 e;

3) ocorre variação entre os sujeitos quanto ao tratamento de alguns sinais como sendo ou não passíveis de sofrer incorporação de numeral, o que vai de encontro ao tratamento dado a eles na literatura, a qual sugere serem eles uniformemente tratados como tal pelos falantes de uma língua de sinais.

6. Referências

ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan. *De Sinal em Sinal: Comunicação em LIBRAS para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares*. São Paulo. Feneis. 2008.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais: Texto Brasileiro*. Departamento de Linguística e Filologia – UFRJ. Rio de Janeiro – RJ. 1995.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*; vols. I e II. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

FELIPE DE SOUZA, Tânia Amara. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (libras)*. 1998. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. *Lengua de signos australiana (Auslan): una introducción a la lingüística Del lenguaje de signos*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007. p. 296.

MCCLEARY, Leland Emerson; VIOTTI, Evani de Carvalho. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilinguismo dos surdos: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007, v., p. 73-96.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed. 2004.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Curitiba: Editora Mãos Sinais. 2009.



SOBRE OS AUTORES





Neiva de Aquino Albres

Doutoranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (início 2010), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2005). Especialista em Psicopedagogia clínica (2003). Pedagoga (2003) e Fonoaudióloga (1999).

Membro do grupo de pesquisa “Surdez e abordagem bilíngue” – CNPQ, coordenado pela professora doutora Cristina Broglia Feitosa de Lacerda e pela professora Doutora Ana Claudia Balieiro Lodi.

Experiência profissional:

Fui professora de surdos no Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação – Campo Grande - MS e na Escola de surdos Instituto Santa Teresinha – São Paulo, assumindo posteriormente a função de coordenadora de estudos e coordenação pedagógica, respectivamente.

Docente na formação e professores de Libras. Fui tutora do curso Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina no polo de São Paulo - USP (2006-2010) e formadora de instrutores de Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS em São Paulo. Membro fundador da Associação de Professores Surdos do Estado de São Paulo - APSSP (2012).

Docente na formação de intérpretes de Libras em diversos cursos de extensão e pós-graduação, coordenei o curso de pós-graduação em Libras da FAAG (2009-2011). Coordenadora do GRUPO DE PESQUISA sobre tradução/interpretação em língua de sinais e interpretação educacional da FENEIS e APILSBESP.

Consultora de projetos em linguística aplicada ao ensino de Libras para ouvintes, português como segunda língua para surdos, tradução e interpretação em Libras e sobre educação bilíngue para alunos surdos. Assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – Diretoria de Orientação técnica em Educação Especial para a implantação do programa de Educação bilíngue para surdos (2011-2012).

Tradutora português/libras de livros infantis pela Editora Brinquebook, autora de livros didáticos de Libras pela FENEIS-SP; autora de artigos que focam temas como: surdez, a educação bilíngue de surdos e a língua de sinais, formação de intérpretes e de professores de Libras, publicados em revistas e livros.

Página: <http://ensinodelibras.blogspot.com.br/>

(Texto informado pelo autor)

André Nogueira Xavier



Doutorando em Linguística na Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Plínio Barbosa. Recentemente, realizou estágio na University of New Mexico, nos Estados Unidos, sob a supervisão do Prof. Dr. Sherman Wilcox. Sua área de pesquisa é fonética e fonologia da língua de sinais brasileira (libras). Possui mestrado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (2006) e graduação em Letras (Linguística e Português) também pela Universidade de São Paulo (2002).

Membro do grupo de pesquisa “Estudos da Comunidade Surda - USP” – CNPQ, como pesquisador, coordenado pelo professor doutor Leland Emerson McCleary. Membro do grupo de pesquisa “Análise e Modelamento Dinâmicos da Prosódia da Fala – UNICAMP” – CNPQ, como estudante, coordenado pelo professor Doutor Plínio Almeida Barbosa.

Experiência profissional:

Tem experiência com ensino de inglês e português para surdos e foi tutor do letras-libras (UFSC - Polo USP). Atua também na formação de instrutores surdos de língua de sinais em cursos promovidos pela FENEIS-SP e já atuou em cursos de pós-graduação para a formação de intérpretes de libras (FAAG).



Maria Carolina Casati Digiampietri

Mestre em linguística pela Universidade de São Paulo - USP (pesquisa de história de vida de mães ouvintes de crianças surdas - 2008). Graduada em Letras Português – Inglês pela mesma universidade (2005).

Interesso-me pelas relações interpessoais que se constituem pela língua. Tem se dedicado a pesquisas no campo da análise de narrativas orais, em especial histórias de vida. Também se interessa por estudos no campo da surdez e da linguística das línguas de sinais.

Experiência profissional:

Foi professora de Libras no curso básico do Instituto Santa Terezinha em 2010, tutora no pólo USP do curso de Letras Libras no mesmo ano. Atualmente é professora das disciplinas de Libras e Leitura e Produção Textual na Universidade Nove de Julho e tutora virtual do curso de Educação Musical da Ufscar.

E-mail: mariacarolina@uninove.br

Mônica Cruz de Aguiar



Especialista em tradução/interpretação e ensino de Libras pela Faculdade de Agudos (2011). Possui graduação em Letras pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2007).

Experiência profissional:

Lecionou no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Tem experiência como docente de redação no Ensino Médio (leitura e produção de textos) e Técnico (redação comercial).

Contato: maguiar_cruz@hotmail.com

(Texto informado pelo autor)

Magaly de Lourdes Serpa Monteiro Dedino



Especialista em tradução/interpretação e ensino de Libras pela Faculdade de Agudos (2011). Graduada em Pedagogia pela Universidade São Marcos, com especialização em (EDAC) Educação do Deficiente da Áudio-Comunicação pela FMU. Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Guia-intérprete para surdocegos.

Experiência profissional:

Funcionária pública do Município de São Paulo. Professora de educação infantil e ensino fundamental na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS) Helen Keller. Exercendo atualmente a função de guia educadora/mediadora intérprete para aluno surdocego e atendimento especializado para alunos com múltipla deficiência através do Projeto de Atendimento e Construção da Identidade Surda (PACIS).

Contato: magalydedino@gmail.com

(Texto informado pelo autor)

ISBN 978-85-62950-02-5



9 788562 950025